UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

ALANA BARROS SANTOS

Afetos marginais e tramas no *crime:* trajetórias sentimentais e experiências de encarceramento entre adolescentes mulheres em Alagoas.

Maceió
2021

ALANA BARROS SANTOS

Afetos marginais e tramas no *crime*: trajetórias sentimentais e experiências de encarceramento entre adolescentes mulheres em Alagoas.

Dissertação de Mestrado apresentada por Alana Barros Santos ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas como exigência parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Jesus Rodrigues.

Maceió
2021

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S237a Santos, Alana Barros.
Afetos marginais e tramas no *crime*: trajetórias sentimentais e experiências de encarceramento entre adolescentes mulheres em Alagoas / Alana Barros Santos. – 2021.
96 f.

Orientador: Fernando de Jesus Rodrigues.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Maceió, 2021

Bibliografia: f. 93-96.

1. Gênero. 2. Adolescentes – Criminalidade. 3. Sistema socioeducativo – Alagoas. 4. Trajetórias de vida. I. Título.

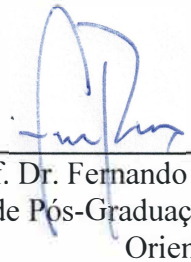
CDU: 316: 343.815(813.5)

Folha de Aprovação

AUTOR: ALANA BARROS SANTOS

Afetos marginais e tramas no *crime*: trajetórias sentimentais e experiências de encarceramento entre adolescentes mulheres em Alagoas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia no dia 03 de fevereiro de 2021.



Prof. Dr. Fernando de Jesus Rodrigues
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFAL
Orientador

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Beatriz Medeiros de Melo
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFAL
Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnologia - IFAL
Examinadora Interna

Prof. Dr. João Batista de Menezes Bittencourt
Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFAL
Examinador Interno

Profa. Dra. Flávia Melo da Cunha
Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública, Cidadania e Direitos Humanos – UEA
Examinadora Externa

As adolescentes internas na Unidade Feminina do Sistema Socioeducativo de Alagoas que afetuosamente partilharam suas trajetórias de vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família. Meus pais, Wellington e Odja, que me geraram e continuam a me conceder vida, sustento, apoio e amor. A minha irmã, Andréa Laís, minha grande amiga e companheira. Vocês são os pilares que me sustentam. Toda a minha gratidão a nós quatro, que permanecemos nos escolhendo e nos amando imensamente.

Segundo, gostaria de agradecer ao meu orientador, Professor Fernando Rodrigues, pelos cinco anos de caminhada de orientação. Sou muito agradecida por continuar acreditando em mim, tendo paciência com meus processos. E por todo tempo e conhecimento compartilhado na minha formação. Aproveito para estender esse agradecimento aos meus companheiros do GRUPPAES (Grupo de Pesquisa Periferia, Afetos e Economias das Simbolizações), pela parceria, pelas trocas enriquecedoras e por nosso trabalho coletivo. “Sonho que se sonha junto é realidade” e nos últimos cinco anos pudemos realizar vários sonhos, projetos e pesquisas conjuntamente.

Gostaria de citar especialmente alguns nomes de amig@s que foram fundamentais para que eu conseguisse chegar até aqui. Ada, Adson, Leonardo e Rangel. Desde a graduação partilhamos os desafios e as conquistas da vida acadêmica. E eu serei sempre grata pela amizade e presença de vocês na minha vida.

Ada, neste espaço reforço mais uma vez a minha gratidão pela sua parceria sempre atenta e disponível. Você tem sido importantíssima na minha trajetória. Com você aprendi que juntas somos mais fortes e mais capazes. Muito obrigada por cada escuta, leitura, revisão dos textos, diálogos, visitas à campo e artigos escritos em conjunto. Espero que continuemos trocando nossas experiências de pesquisas, projetos, conhecimentos e afetos.

Aproveito para agradecer ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFAL que me formou nesta etapa do mestrado. A todos os professores e professoras que foram essenciais em mais uma etapa da minha formação acadêmica. E ao Instituto de Ciências Sociais da UFAL que tem sido minha segunda casa desde 2014. Minha gratidão a todos os servidores e funcionários, que através de seus trabalhos contribuem com o cotidiano de nossas atividades na Universidade.

Gostaria de agradecer também a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo financiamento às nossas pesquisas. Através desse recurso tem sido possível a nossa dedicação e empenho na produção de conhecimento científico no Brasil.

Agradeço a Superintendente da Secretaria de Medida Socioeducativa e ao Juiz da Vara da Infância e Adolescência por autorizar as nossas pesquisas dentro das Unidades de Internação. E a cada coordenador/ra, agentes de segurança, educadores sociais, psicólogas e assistentes sociais que abriram as portas das Unidades, nos aproximaram dos adolescentes e tornaram esta pesquisa possível.

Por último, agradeço imensamente a cada adolescente que confiou em mim suas histórias de vida, que se disponibilizaram a participar das atividades que propomos na Unidade de Internação Feminina. Conhecê-las, compartilhar momentos com vocês me enriqueceu como pessoa e como pesquisadora. Fui muito feliz em cada encontro nosso e espero que se sintam respeitadas e acolhidas com cada frase e análise produzida neste trabalho.

A vida é complicada
E o que faltava em mim?
Força pra lutar
Foco pra não desistir
E fé pra os obstáculos vencer.
A vida é complicada,
Mas também é aprendizado,
Por isso temos que seguir
Já não temos motivos para desistir.

Poesia escrita pelas adolescentes da UIF em julho de 2019.

RESUMO

A proposta desta dissertação é analisar como os afetos expressos em relações familiares, relações de vizinhança e relacionamentos amorosos-sexuais, se entrelaçam à atuação no crime de adolescentes internas no Sistema Socioeducativo de Alagoas. As principais questões abordadas nesse trabalho são: os sentidos e afetividades que envolvem a trajetória de vida de algumas adolescentes e as formas de sociabilidades construídas dentro da Unidade de Internação Feminina. A pesquisa partiu de um processo etnográfico construído desde 2016 em Unidades de internação do Sistema Socioeducativo de Alagoas, quando atuei como bolsista de iniciação científica, durante três anos. E da pesquisa realizada no período de mestrado, interrompida pela pandemia da covid-19. As reflexões serão construídas a partir da captura das interações possibilitadas pelas rodas de conversa, momento em que as narrativas eram apresentadas em espaços coletivos, relacionadas com as trajetórias de vida das adolescentes, narradas nas entrevistas feitas individualmente, ou seja, materiais que articulam momentos metodológicos diferentes. Ademais, argumento que os repertórios de significados associados por elas ao envolvimento com a facção e o tráfico de drogas, são enovelados pelos repertórios dos seus envolvimentos amorosos-sexuais, das suas relações vizinhança e das relações familiares.

Palavras-chave: Gênero; Sistema Socioeducativo; Trajetória de Vida; Facções.

ABSTRACT

The proposal of this dissertation is to analyze how affections expressed in family relationships, neighborhood relationships and love-sexual relationships, are intertwined with the performance in crime of internal adolescents in the Socio-Educational System of Alagoas. The main issues addressed in this work are: the senses and affections that involve the life trajectory of some adolescents and the forms of sociability built within the Feminine Detention Unities. The research started with an ethnographic process built since 2016 in the Socio-Educational System of Alagoas Detention Unities, when I worked as a scientific initiation scholar for three years. And the research carried out during the Masters period, interrupted by the covid-19 pandemic. The reflections will be built from the capture of the interactions made possible by the conversation wheels, when the narratives were presented in collective spaces, related to the adolescent's life trajectories, narrated in the interviews made individually, that is, materials that articulate different methodological moments. In addition, the repertoires of meanings associated with their involvement with the faction and the drug trade are entangled in the repertoires of their love-sexual entanglements, neighborhood relationships and family relationships.

Key Word: Gender; Socio-Educational System; Life Trajectory; Factions.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UIF	Unidade de Internação Feminina
PCC	Primeiro Comando da Capital
CV	Comando Vermelho
SUMESE	Superintendência de Medidas Socioeducativas
UIM	Unidade de Internação Masculina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....**11**

CAPÍTULO I – NARRATIVAS NO CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: RISCOS, AFETIVIDADES E MEMÓRIAS.....**33**

1.1 RELAÇÕES INTERDEPENDENTES: TECENDO TEIAS AFETIVAS E CRIMINAIS.....**33**

1.2 A PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: DANOS E DESAFIOS.....**42**

1.3 ENTRE "APRENDIZADOS" E "RECOMEÇOS".....**48**

CAPÍTULO II – "SOBRE(VIVÊNCIAS)": TRAJETÓRIAS DE VIDA E REDES CRIMINAIS.....**52**

2.1 MANU: DANDO *A VOZ* ENTRE O TRÁFICO, A VINGANÇA E OS HOMICÍDIOS.....**54**

2.2 MARIA: ENTRE AS MATERNIDADES, *OS CORRES* E A SOBREVIVÊNCIA.....**61**

2.3 VITÓRIA: EXPERIÊNCIAS DE FAMÍLIA E FACÇÃO.....**65**

2.4 KARLA: AMORES, FACÇÃO E OUTRAS DROGAS.....**69**

CAPÍTULO III – AFETOS MARGINAIS E PENALIDADES.....**75**

3.1 AFETAÇÕES E AFETIVIDADES: A EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADA DO ENCARCERAMENTO.....**76**

3.2 CORPOS TUTELADOS VS. CORPOS MATÁVEIS: RELATOS DE VIOLÊNCIA E IMPUNIDADE.....**83**

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**89**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....**93**

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa é compreender, a partir da interlocução com adolescentes mulheres que cumprem medida no sistema socioeducativo, como seus afetos, expressos em relações familiares, relações de vizinhança e relacionamentos amorosos-sexuais se entrelaçam as suas atuações no crime. Os principais temas abordados neste trabalho são: os sentidos e afetividades que envolvem a trajetória de vida das adolescentes[1] e as formas de sociabilidades construídas dentro da Unidade de Internação Feminina. Minhas experiências com essas jovens mulheres foram traçadas no interior da Unidade de Internação Feminina do Sistema Socioeducativo de Alagoas.

Aproximando do campo

Esta pesquisa resulta do processo etnográfico construído desde 2016 em Unidades de internação do Sistema Socioeducativo de Alagoas, quando comecei a atuar como colaboradora na pesquisa "Mercados ilícitos, amor e diversão nas periferias de Maceió", colaboração que durou três anos. Um dos meus planos de trabalho tratou das dinâmicas afetivas e das redes familiares de adolescentes homens encarcerados, o que me levou a observar com mais atenção as relações entre os jovens e seus familiares. Devido à aproximação dessas redes, os eventos relacionados às famílias de meus interlocutores passaram a alimentar a construção de um problema próprio de pesquisa: entender como as experiências de fratura afetiva (o abandono, a perda de contato ou morte na família), favoreciam a aproximação dos adolescentes de práticas ilícitas e criminalizadas[2]. Nessa oportunidade, entrevistei adolescentes homens internos no Sistema Socioeducativo, assim como acompanhei dias de visitas familiares, festividades e atividades educacionais, além de outras atividades no *sistema*[3]. Segue um trecho do meu diário de campo produzido em junho de 2017, quando iniciei a caminhada no Sistema fazendo visitas nas Unidades de Internação Masculinas:

---

[1] Opto por usar o termo adolescentes pela maneira que elas foram identificadas e apresentadas a mim pelas funcionárias do Sistema Socioeducativo. E por ser um termo a qual as próprias adolescentes internas utilizam para falar sobre elas mesmas.

[2] SANTOS, A. B. As experiências de rupturas afetivas na família favorecem a aproximação dos adolescentes com práticas ilícitas e criminais? 2018. 48 f. Universidade Federal de Alagoas, 2018.

[3] O uso do itálico será para referenciar enunciações feitas pelos/as meus interlocutores/ras. Nesse caso, *sistema*, é a maneira que utilizavam para falar sobre o Sistema Socioeducativo.

14 de junho de 2017, quarta-feira. É dia de visita familiar assistida[4] nas Unidades. Hoje, além da visita, as famílias foram convidadas a participar de uma festa junina junto com os adolescentes. Eu e o professor Fernando, também fomos convidados pela equipe para participar da festa com os jovens internos da UIM. O clima das pessoas era festivo.

Quando chegamos à recepção da Unidade já havia algumas mães, companheiras dos adolescentes e crianças esperando para entrar. Enquanto aguardávamos a autorização da nossa entrada fiquei observando o movimento de alguns familiares.

Uma adolescente chamou minha atenção. Ela tinha os cabelos lisos e pintados de vermelho. Usava um vestido longo, estampado com tons fortes de amarelo. Tinha um piercing no nariz e algumas tatuagens no antebraço direto. Em sua mão esquerda o desenho tatuado se assemelhava a um terço. Ela estava usando vários anéis nos dedos e uma corrente de prata no pescoço. Logo, pensei que ela deveria ser a companheira de algum jovem. Magra e de estatura mediana, desconfiei que ela estivesse grávida por conta da pequena circunferência em sua barriga, destacada pelo vestido. A expressão da jovem era sisuda. Não a vi sorrir ou conversar com ninguém. Ela apenas aguardava em frente à recepção ser chamada para entrar.

Na sala de espera, onde também aguardávamos, havia outra família. Duas mulheres que deveriam ter entre os 35 ou 40 anos. Uma estava de vestido estampado "animal print". A outra mulher de calça jeans e blusa comprida azul. Acompanhando elas duas, havia uma adolescente e mais duas crianças. Uma garotinha de uns 4 anos de idade e uma bebê de colo que usava um laço rosa na cabeça. A adolescente que deveria ter uns 17 anos parecia ser a mãe do bebê. Depois de alguns minutos uma funcionária se aproximou delas e perguntou quem iria entrar para a visita. As duas mulheres se levantaram e começaram a guardar seus pertences. Ficaram apenas com as suas identidades.

Enquanto esperávamos acompanhei outras pessoas chegando. Em sua maioria mulheres. Algumas traziam comidas em suas sacolas. Passaram-se em torno de 10min quando Berenice, uma das psicólogas com que mantínhamos interlocução no Sistema, ligou autorizando nossa entrada[5]. Seguimos nosso caminho até o local da festa (...) Além dos funcionários que estavam ajudando a organizar o salão, já tinha um grupo de forró se posicionando para tocar. Algumas pessoas estavam devidamente caracterizadas. Vestiam roupas xadrez e coloridas. As pessoas tiravam fotos, riam e conversavam. A expectativa era pela chegada das famílias e dos jovens. Eu também estava muito empolgada, ainda não tinha vivenciado um momento assim desde quando ingressei no PIBIC. Com um tempo, as famílias foram sendo liberadas para entrar. Os jovens também foram chegando aos poucos, dois ou três jovens eram trazidos de cada vez.

À medida que eles foram chegando ao salão iam logo procurar seus familiares. Alguns estavam recebendo a visita apenas das jovens companheiras. Havia cadeiras dispostas em fileiras e os bancos de cimento disponíveis. Dois jovens que estavam com as namoradas sentaram-se no canto esquerdo do salão. Pareciam estar em busca de alguma privacidade. Se abraçavam e trocavam alguns beijos. Em vários momentos falavam coisas no ouvido um do outro. A jovem de cabelos vermelhos, que eu tinha visto na recepção da Unidade, agora estava brincando e sorrindo com seu parceiro.

(...) Aqueles que estavam recebendo visita das suas companheiras dedicavam o tempo para beijá-las e acariciá-las. Também para "marcar território". Algumas jovens

[4] As visitas familiares assistidas se diferenciam das visitas familiares dos finais de semana. As visitas assistidas são com os familiares na presença de alguma criança (pais, mães, irmãos mais novos, avós –, as companheiras, acompanhadas dos filhos pequenos) e os adolescentes. O atendimento pode ser solicitado pelo jovem ou pela equipe técnica, é um procedimento de rotina para falar sobre a avaliação do adolescente ou atender alguma queixa dele. Essas visitas também podem acontecer em momentos festivos nas Unidades, quando os familiares são convidados a compartilhar de um evento coletivamente com funcionários do Sistema e os adolescentes.

[5] No dia do evento narrado o convite para que eu e o professor Fernando estivéssemos presentes foi feito pelas psicólogas, assistentes sociais e educadoras que estavam organizando a festa junina. Com isso, a nossa entrada foi liberada por uma delas com pouco tempo que havíamos chegado. E tivemos acesso autorizado primeiro que os familiares, porque eles passavam por outros protocolos de revista e autorização de entrada. Nós, como pesquisadores, tínhamos autorização da Superintendência e outros funcionários para acessar os espaços da Unidade e, por vezes, éramos considerados como parte das equipes de trabalho do próprio Sistema.

> correspondiam mais positivamente aos carinhos. Outras companheiras permaneciam com a expressão do rosto meio emburradas. De vez em quando observava o casal discutindo algo ao pé do ouvido, como se estivessem resolvendo algum problema anterior.

Este trecho descreve um dos momentos em que se iniciou meu interesse por me aproximar das jovens mulheres que transitavam pelas Unidades de Internação do Sistema Socioeducativo. Inicialmente, estava interessada nas trajetórias das companheiras e namoradas dos adolescentes homens que estavam internos no sistema socioeducativo. Adicionalmente, tinha interesse em compreender como se davam seus relacionamentos afetivos, embutidos em enunciados e interpelações que costumava ouvir dos internos tais como “minha mulé”, “é só uma mulé pra se divertir”, “não é minha mulé não, só uma doidinha aí".

As entrevistas com os adolescentes internos eram as atividades que mais executávamos durante as minhas experiências de iniciação científica entre 2016 e 2018. Foram nessas situações que escutei as primeiras narrativas sobre as mulheres presentes nas trajetórias de adolescentes e adultos internos, e que também gravitavam pelo “mundo do crime”. Pouco a pouco, foi chamando a atenção, especialmente, narrativas ligadas as suas companheiras tais como: o envolvimento delas com o mercado ilícito de drogas, roubos, incluindo o envolvimento com *facções*; os significados que emprestavam ao “morar junto com o parceiro” e conviver com os riscos e abdicações decorrentes do envolvimento de seus companheiros ou delas próprias no crime. As falas dos adolescentes entrevistados durante a pesquisa, e que discutíamos em reuniões semanais, serviram de bússola:

> Fernando- Você pode falar um pouco dessas, dessas meninas que passaram por sua vida? A primeira, por exemplo, como é que foi que cê conheceu ela?
> Alisson - Na rua. Conheci no ponto de droga, quando eu tava vendendo droga.
> Fernando- Sim... E, aí, como é que surgiu, como é que vocês, como é que ela se aproximou de você? Você que foi atrás dela, ou ela que foi atrás de você...
> Alisson - Não, ela veio comprar, mandou o primo dela comprar, aí, já veio no intuito de, de falar comigo...
> (...)
> Alisson- A última (namorada) eu conheci num assalto.
> Fernando- Num assalto? Conheceu num assalto que ela tava participando da equipe ou...
> Alisson- Só foi eu e ela.
> Fernando- Um... Mas como é que cê tinha conhecido ela na antes?
> Alisson- Não! Tinha conhecido não, foi na hora. Aí, o cara já chegou com ela na hora, aí, já botou eu pá, pá ir mais ela.
> Fernando - Aí, vocês foram juntos e, aí, a partir desse assalto, rolou um clima...
> Alisson- Um clima...[6]

[6] Alisson, adolescente interno na SUMESE, entrevista realizada em janeiro de 2015, por Fernando Rodrigues. Transcrição de entrevista do acervo da pesquisa “Mercados ilícitos, amor e diversão nas periferias de Maceió”. Nome fictício.

O meu contato inicial com estas jovens havia se dado no cotidiano das Unidades de Internação masculinas, durante visitas familiares e festividades, quando algumas dessas adolescentes conseguem autorização para visitar seus companheiros. Até aquele momento, a minha escuta se concentrava nos enunciados dos adolescentes homens que faziam referências às companheiras. Como o meu interesse desenvolveu-se na direção da busca pela compreensão das trajetórias de mulheres envolvidas nas tramas criminais, senti a necessidade de também escutá-las. Optei por iniciar visitas à Unidade de Internação Feminina. Parti do pressuposto de que lá eu poderia encontrar as jovens companheiras, namoradas e esposas dos adolescentes. Relacionei que o vínculo das meninas com a *correria*[7] e a possibilidade de estarem cumprindo medida de privação de liberdade estava de alguma maneira ligada aos seus relacionamentos com os adolescentes-homens envolvidos no crime, alguns deles podendo *correr* com alguma facção e que estavam nas unidades masculinas.

Durante entrevistas com os socioeducandos, ouvi narrativas de situações em que o casal acabava *caindo junto*, sendo apreendidos pela polícia no mesmo momento.

Em janeiro de 2019, ainda em experiências decorrentes da iniciação científica, fiz as primeiras visitas à UIF (Unidade de Internação Feminina). Nessa ocasião, entrevistamos algumas adolescentes e aplicamos questionários que faziam parte do trabalho colaborativo realizado na pesquisa. Tive contato com os relatos delas sobre os diferentes envolvimentos e interações com grupos criminais e faccionais, a exemplo de Luciana, que aos 12 anos já *transportava drogas para o dono da boca de fumo* da sua *quebrada*. A garota *corria com o CV e era mulher do irmão do CV* (Comando Vermelho):

> Ada- Mas você tava muito envolvida nessa época com o que exatamente?
> Luciana- Com o tráfico. Comecei a gerenciar o tráfico de onde eu moro com treze anos.
> Ada- Como foi isso?
> Luciana- Porque eu transportava droga já com doze anos, pra o dono da boca. Aí, ele precisou lá, o menino que era gerente, aí, ele ia sair, ia embora, ia dar um tempo. Aí, eu passei a fazer as anotações, depois ele começou a confiar em mim e pediu pra mim gerenciar, pra ficar de frente pra mim ia ficar mais fácil. Aí, fiquei.[8]

[7] *Correria* é um termo corrente entre jovens nas periferias de Maceió que se refere a atividades remuneradas precárias vinculadas há algum mercado informal ou ilegal como o tráfico de drogas e roubo. (Ver RODRIGUES; BARBOSA; SANTOS, 2020).

[8] Luciana, adolescente interna na SUMESE, entrevista realizada em janeiro de 2019, por Ada Rízia.

Também conheci Tânia[9], cuja trajetória mostrava-se distinta. Aos 12 anos, ela engravida de um namorado que era envolvido com o tráfico de drogas do bairro[10] onde eles residiam. O relacionamento de 7 anos entre os dois é marcado por períodos em que ele estava preso e outros em que estava no *mundão.* A jovem[11] passa a conviver com os riscos da vida próxima ao *crime*, o cotidiano de visitas ao Sistema Prisional e a visibilidade da polícia por conta de seu companheiro.

As trajetórias dessas jovens mostraram uma multiplicidade de aproximações, atuações e práticas ligadas a grupos criminais e faccionais, por exemplo, como atuantes no comércio de drogas, vendendo pequenas ou grandes quantidades, participando de roubos de mercadorias ou do transporte de drogas de um estado para outro, na gestão da contabilidade das *bocas de fumo*, como pontes de comunicação entre o dentro e o fora do presídio, principalmente aquelas que tinham relacionamento com homens encarcerados no Sistema Prisional. Esse repertório de experiências dentro das tramas criminais se inter-relaciona com as dimensões da vida afetiva dessas mulheres. O que me levou a ampliar o olhar de pesquisa para abarcar os vários níveis de interação delas nesses grupos. A conformação de redes de afeto, tecidas por relacionamentos amorosos-sexuais ou não, se mostraram importantes para compreender as figurações das relações constituídas no *mundo do crime*.

Entre os/as nossos/as interlocutores/ras das pesquisas realizadas no Sistema Socioeducativo, "facção é um termo que indica tanto uma classificação-nós quanto uma classificação-eles, manuseada para indicar práticas e normatividades políticas, comerciais e de outras dimensões da vida entre aliados do PCC e CV" (RODRIGUES, 2019, p. 3). A vinculação de jovens em redes faccionais resulta nas modificações nos padrões normativos de regulação, controle social e autocontrole, que passam a orientar quais os lugares possíveis ou não de circulação, as pessoas com quem pode se relacionar, as formas de vivenciar o cotidiano. Foi constante a narrativa de jovens que após se vincularem a facções não conseguiram dar

[9] Todos os nomes das adolescentes serão modificados, ou seja, atribuirei nomes fictícios. Para preservar a identidade das internas menores de idade e não colocar suas vidas em exposição que represente risco.

[10] Os nomes dos bairros citados pelas adolescentes foram ocultados ou substituídos por nomes fictícios para preservar a identidade delas e a narrativa que concederam nas entrevistas.

[11] Uma das minhas inquietações teóricas-metodológicas durante a escrita dessa dissertação culminou na maneira como eu iria denominar as minhas interlocutoras. Considerando que "adolescentes" e "jovens" são termos políticos-conceituais. Optei por me apropriar as construções analíticas feitas por Pereira (2015) e Leon (2005): "Os conceitos de adolescência e juventude correspondem a uma construção histórica, cultural e relacional, que através das diferentes épocas e processos históricos e sociais vieram adquirindo denotações e delimitações diferentes. Assim, vamos observando as distintas concepções entre as diversas pesquisas sociais que buscam dar conta desta etapa da vida que se situa entre a infância e a vida adulta"' (PEREIRA, 2015, p. 27). Desta forma, concluo dizendo que neste trabalho faço o uso dos dois termos, pois considerei que estavam em consonância com as formas que pretendia denominar a fase de vida das minhas interlocutoras.

continuidade aos estudos, interromperam a frequência em igrejas, lugares de diversão, a visita de familiares etc. Assim como destaca Rodrigues (2019):

> Se a circulação de pessoas, coisas e informações formam sintonias em *cadeias* e *quebradas* – não apenas no plano de uma cidade, mas entre estados –, a ideia de rede faccional (Barbosa, 1998; Mallart e Rui, 2017; Feltran, 2011; Godoi, 2017) capta as dependências interpessoais que moldam dispositivos e disposições que, por sua vez, engendram padrões de controle social, autocontrole e regulação. (RODRIGUES, 2019, p. 3)

O contexto de *guerra entre facções* em Alagoas (RODRIGUES, 2019), além de gerar divisões territoriais e limitar a circulação pela cidade, resultou em uma sucessão de rompimentos de vínculos afetivos, familiares e de amizades, entre os jovens vinculados ao PCC e o CV. Segundo Rodrigues (2019):

> Além da característica de guerra entre os aliados do PCC e do CV, veio à tona o profundo incômodo de muitos adolescentes em colocar os vínculos familiares abaixo do compromisso faccional, aumentando ainda mais a tensão nas personalidades de alguns dos adolescentes e, por conseguinte, nas quebradas. (RODIGUES, 2019, p. 2).

Neste trabalho, o termo "trama" é usado não só como substantivo, mas também como verbo, compreensão oferecida por Padovani (2015). Aqui, "trama" me possibilitou enxergar as trajetórias de vida das adolescentes internas a partir dos fios que teceram as "malhas sociais" (Silva e Milito, 1995; Telles, 2011) as quais elas foram formadas. As experiências cotidianas e as relações que as produziram como jovens mulheres presas. Resultado das complexas tessituras de fios, as adolescentes internas passaram a ser o único ponto aparente da trama a qual, como pesquisadora me esforcei em desembaraçar para fazer ver ao final, as muitas texturas, cores e materiais que são embaraçadas. A partir dessa perspectiva foi possível analisar as relações tecidas durante as trajetórias das minhas interlocutoras e durante o processo da pesquisa, relações que também envolveram a minha presença.

> fazer uso do termo trama como verbo que concerne à apreensão de que os fios enredados e produtores de sujeitos podem ser por eles acionados e agenciados segundo suas possibilidades e expertises. Expertises calcadas nas trajetórias atravessadas pelos trânsitos em meio a espaços de fronteiras das legalidades/ilegalidades. (PADOVANI, 2015, p. 24).

Resultado das complexas tessituras de fios, os envolvimentos das jovens com o tráfico de drogas, grupos faccionais, as relações amorosas-sexuais e familiares, são partes interligadas

das dinâmicas da vida afetiva dessas mulheres. Os repertórios de significados associados por elas ao envolvimento com o *corre*, com a *facção*, com o tráfico de drogas, são enovelados pelos repertórios dos seus envolvimentos amorosos-sexuais, das suas relações vizinhança, das relações familiares etc.

Caracterizando a Unidade de Internação Feminina e as adolescentes internas

"Primeira Unidade de Internação Feminina é inaugurada em Alagoas", noticiava o Portal G1 Alagoas em outubro de 2016. Antes da Inauguração do novo prédio, o local que abrigava as adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa era uma casa com apenas dois quartos. A matéria jornalística trouxe o relato de uma das internas que afirmava a precariedade e os conflitos gerados pelo pouco espaço compartilhado. Quase não encontrei informações sobre esse antigo local de internação. A primeira Unidade de Internação "100% Feminina" de Alagoas contava com "34 vagas, quadra de vôlei, playground e quatro salas de aula", afirmou o governador na solenidade de inauguração. A Unidade foi construída baseada nas normas do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), segundo a Secretária de Prevenção a Violência (SEPREV) da primeira gestão do governo Renan filho.

Em 2019, quando conheci a UIF, encontrei um prédio que já carecia de reformas e modificações. As quatro salas de aulas mencionadas pela gestão da SEPREV já não serviam apenas para a escola da Unidade. Tratava-se de uma sala ampla, climatizada, com quadro branco e de giz, com vários cartazes colocados a parede, cadeiras e birô, onde aconteciam as aulas. Outra sala que funcionava como biblioteca, com quatro estantes de ferro que dispunham de diferentes livros doados ou comprados pela Unidade e algumas cadeiras deterioradas pelo tempo e o uso. Essa mesma sala também servia para guardar os instrumentos musicais da banda de Afoxé Afrodaras. Uma terceira sala que era dividida pela coordenadora da Unidade e as funcionárias da equipe técnica, psicólogas, assistentes sociais e educadoras. E a quarta sala que tinha várias funcionalidades, servia para os atendimentos com as adolescentes ou de apoio para as equipes que trabalhavam na unidade, como as agentes de segurança.

Nas minhas últimas visitas a UIF no final de 2019, antes do recesso, acompanhei o início das reformas para ampliação e melhoria das acomodações da Unidade. A seguir, trago o trecho de um diário de campo relatando a retomada das atividades em 2020.

11 de fevereiro de 2020, terça-feira pela manhã me dirigi à Unidade de Internação Feminina, situada no bairro da Serraria, em Maceió. Eu e Ada iniciaríamos as atividades de

Rodas de Conversa planejadas inicialmente para acontecer durante dois meses, totalizando oito encontros semanais. Esse formato de atividade já havia sido discutido com a coordenadora da Unidade, que desde 2019 nos deu abertura para as conduzir nossas pesquisas na UIF.

A Unidade fica rodeada por casas e prédios residenciais. Logo em frete há um batalhão do corpo de bombeiros. O fluxo de moradores da região era basicamente o movimento que encontrava na rua de paralelepípedos que dá acesso a Unidade. Adentrei o prédio atenta às reformas e mudanças que tinham ocorrido nos últimos meses. Da última vez que tinha ido lá, essas reformas e construções ainda estavam em andamento. Atualmente, o prédio já se encontrava pronto com a nova recepção, salas e banheiros das funcionárias, salas da equipe técnica e da administração da UIF, além dos banheiros de revistas para as visitas. O novo anexo construído ao lado do antigo prédio servia para acomodar melhor as funcionárias e equipes de trabalho, vagando as salas de aula para os fins que realmente foram construídos.

As adolescentes que conheci ao longo dos últimos anos tinham entre 14 a 19 anos de idade. Todas eram residentes de bairros de periferia tanto da capital alagoana, Maceió, como de municípios do interior do Estado. Quando elas não eram oriundas de cidades do interior de Alagoas, normalmente seus pais ou avós se mudaram do interior para a capital, o que nos indicava prováveis aproximações geracionais com o mundo rural (RODRIGUES, 2019; SILVA, 2021). Uma parte delas estava em fase de conclusão do ensino médio, cursando entre o primeiro e o segundo ano, dando continuidade aos estudos dentro da Unidade de Internação. E outra parte teve o processo de escolarização interrompido entre o 6º ou 7º ano.

Outra característica comum entre elas é a presenças marcante das mulheres, mães sozinhas ou avós, nas suas criações. E uma participação frequente de paternidades substitutas, avôs ou padrastos. Muitas adolescentes entrevistadas trabalharam fazendo bicos de faxineiras, babás, vendedoras, entre outras funções, antes ou durante a aproximação com o crime. Entre as adolescentes que souberam nos responder à pergunta sobre suas rendas familiares, a menção foi de um a, no máximo, dois salários-mínimos. A profissão dos seus pais ou responsáveis variaram entre domésticas, faxineiras, babás, merendeiras, feirantes, pedreiros, mecânicos ou atuavam com atividades ilícitas, como o tráfico de drogas e mercadorias roubadas.

No relato da maioria das adolescentes, em algum momento da vida elas chegaram a frequentar igrejas evangélicas. Abro um parêntese para esclarecer que as caracterizações construídas nesse trecho da dissertação partiram das análises feitas após a aplicações dos questionários do PIBIC. Quando as perguntas sobre o perfil socioeconômico, relações domésticas e familiares, vínculos com religião, trajetória escolar etc. foram feitas aos adolescentes internos.

A caminhada na Unidade Feminina

Em abril de 2019, eu e Ada retornamos para a Unidade de Internação Feminina na intenção de propor uma agenda de atividades ligadas às nossas pesquisas de mestrado. O acesso que tínhamos ao Sistema Socioeducativo estava respaldado pela trajetória intensa de oito anos de pesquisa do nosso orientador nessa instituição. Os funcionários da superintendência, os educadores sociais, as equipes técnicas acolheram nossa atuação desde o período em que ainda estávamos na graduação, a partir dos anos de relação de confiança que foram construídas, principalmente, pelo Professor Fernando. Durante nosso processo de construção de interesse em pesquisar temas relacionados aos adolescentes internos e o Sistema, contamos com o apoio do professor para nos introduzir a pessoas importantes na manutenção da engrenagem do Socioeducativo. Eram eles coordenadores/a de Unidades de Internação, a superintendente da SUMESE, educadores sociais, psicólogas, assistentes sociais, figuras que seriam chaves para abrir os grandes portões de ferro que dividem o mundo dentro e fora das Unidades de Internação.

A coordenadora da UIF, foi uma dessas pessoas. Ada a conhecia, pois tinha participado de algumas atividades do PIBIC aplicando questionários com as adolescentes internas. E foi a partir dessa mediação, primeiramente, através de mensagens de WhatsApp e ligações telefônicas que comecei a me aproximar dela. O fato de a coordenadora da Unidade ser mulher apresentava desde o início uma interlocução diferente da que eu tinha experienciado nas Unidades Masculinas, em sua maioria coordenadas por homens.

Abro um parêntese para destacar a importância de dar ênfase a essa dimensão de gênero nos meandros das relações institucionais que tive como pesquisadora no Sistema Socioeducativo. Vianna e Lowenkron (2017) nos provocam a olhar para as relações entre Gênero e Estado como dimensões indissociáveis perpassadas por limites e fronteiras:

> Sendo assim, (...) é impossível pensar as relações, performances e imaginações de gênero "fora do Estado", do mesmo modo que não há processos de Estado (e, particularmente, de formação de Estado-nação) que não sejam atravessados por dinâmicas, gramáticas e/ou dispositivos generificados. (VIANNA; LOWENKRON, 2017, p.2)

Como pesquisadora, o ambiente da UIF que é em sua maioria ocupado por mulheres me deixava mais à vontade para interagir, circular pelos corredores e pátio, sem algumas preocupações que sempre estiveram presentes quando estava nas Unidades Masculinas. Os

olhares dos homens – funcionários, agentes, socioeducandos – e até mesmo algumas falas que sinalizavam interesses sexuais e paqueras, foram situações que por vezes aconteceram nas idas a campo durante a graduação. Isso exigiu de mim e da Ada uma postura flexível e firme para remediar as situações constrangedoras e demarcar os limites das relações que estabelecíamos no Sistema. Considero essas questões como marcadores das relações e negociações presentes na construção de nossas pesquisas.

Nos reunimos com a coordenadora para apresentar a proposta de atividade que tínhamos construído de rodas de conversa[12] com as adolescentes internas. Como responsável pela Unidade Feminina, ela nos solicitou que antes de começar a atividade enviássemos o pedido de autorização judicial ao juiz da Vara da Infância e Adolescência. Com o acolhimento e devida autorização concedida, a gestora da UIF disse que tínhamos liberdade para conduzir a atividade e nos recebeu disposta a contribuir com as pesquisas, facilitando o acesso as adolescentes e ao espaço da unidade.

Durante a graduação as minhas experiências de pesquisa no Sistema Socioeducativo de Alagoas foram apenas nas Unidades Masculinas. No período do mestrado, iniciei as atividades dentro da Unidade de Internação Feminina e pude conhecer um ambiente completamente diferente das Unidades masculinas que eu estava mais habituada. Lá, as adolescentes passam a maior parte do dia fora dos alojamentos e circulam entre as salas do prédio sem estarem algemadas. Elas possuem uma rotina extensa de atividades educacionais e de lazer, com aulas da escola, acesso livre à biblioteca, à sala de multimídia e alguns dias têm autorização para a prática de cuidados estéticos como pintar as unhas, fazer penteados e escovar os cabelos. As adolescentes também são estimuladas pelas equipes a manter uma rotina de limpeza e cuidado do ambiente, que é todo decorado e organizado em tons de rosa e lilás. Combinando com o fardamento que elas usam no dia a dia. Passei a considerar as características de cuidado, organização e uma certa liberdade de circulação das adolescentes pelo espaço da Unidade como parteda gestão que a coordenação tem imprimido nos últimos anos.

Quando comecei a *caminhada* como pesquisadora na UIF, o ambiente das Unidades de Internação já não era algo tão desconhecido e inusitado para mim. Inusitadas eram as relações que passariam a ser construídas com as adolescentes e as funcionárias a partir daquele momento. Com a frequência de idas a campo, desde a graduação, passei a me adaptar aos

[12] Nos inspiramos nas “rodas de conversa” experienciada por Padovani (2015) durante suas pesquisas na Penitenciaria Feminina da Capital em São Paulo. A forma que conduzimos durante o mestrado foi a partir da seleção de grupos de adolescentes internas que manifestavam interesse em participar conosco da atividade ou eram indicadas pela coordenação da UIF.

registros e protocolos de segurança para acessar as Unidades. E aprendi a lidar com os limites e possibilidades que a pesquisa em espaços de encarceramento nos proporciona. A minha relação com os/as jovens sempre foi mediada pelos olhares e vigilâncias do espaço de internação. Compreender que a nossa relação com os/as jovens internos/as seria construída dentro e através das intermediações dos representantes estatais, dos funcionários do Sistema, nos desafiava a encontrar estratégias para lidar com o campo particular da pesquisa em Unidades de aprisionamento.

Como afirma Padovani (2019), as diferentes formas por meio das quais nós – nossos corpos e relações documentadas em papéis e carimbos – atravessam os postos de controle das fronteiras dos Sistemas de encarceramentos revelam assimetrias e hierarquias que edificam a instituição penitenciária e/ou de internação e permitem diferentes reconhecimentos na zona de contato.

Aprendi com a experiencia do meu professor-orientador a buscar caminhos que intermediassem os desafios gerados por essa relação. Por exemplo, lidar com a presença dos agentes de segurança nos momentos das entrevistas com os/as adolescentes, situações que tentávamos ao máximo driblar com a autorização para realizar os diálogos em espaços em que estivemos em salas sozinhas com os/as jovens (nesse caso, o/a agente de segurança aguarda a entrevista terminar do lado de fora da sala), o que nem sempre foi possível. Prezávamos por essa forma de realizar as entrevistas porque acompanhamos situações em que a presença do agente gerava desconforto e desconfiança entre os/as adolescentes entrevistados, o que afetava a maneira e o conteúdo do que se partilhava na entrevista.

Outra estratégia para driblar essas demandas era construir uma boa relação com os/as funcionários/as do Sistema. Uma das educadoras da UIF, que a nomearei de Andréa, havia conhecido Ada e o professor Fernando em outros momentos da pesquisa nas Unidades de Internação. Quando eu e Ada iniciamos as visitas e atividades na Unidade Feminina, Andréa sempre nos acolhia e recepcionava com entusiasmo. Quando passava pelo corredor das salas e nos via na biblioteca realizando as rodas de conversa ou entrevistas, ela fazia questão de entrar e nos perguntar - Está tudo bem? Estão precisando de alguma coisa? Qualquer coisa estou à disposição – Essa recepção calorosa e afetuosa me deixava mais à vontade para conduzir os diálogos e as *caminhadas* pela Unidade de Internação.

Há uma grande diferença na quantidade de adolescentes homens e mulheres internos nas unidades masculinas e na feminina, isso também está exposto através dos espaços de internação. Enquanto contamos algo em torno de 300 adolescentes homens, divididos em várias unidades de internação (por exemplo, UIM, UIME, UIJA I e UIJA II), de acordo com diferenças

de faixa etária e vinculação a grupos faccionais, o número de adolescentes mulheres, até março de 2020, alcançava 15 e todas se concentravam em uma só unidade. Em outros momentos do PIBIC já encontramos a UIF com 23 adolescentes internas. Mesmo assim, continua sendo um número bem distinto da quantidade que encontramos na masculina.

A experiência de aproximação com as companheiras dos socioeducandos me alertava para as mulheres que transitavam nas redes criminais e faccionais. Não eram só aquelas 15 em cumprimento de medida socioeducativa privativa de liberdade. Além disso, a narrativa das adolescentes internas me apresentou trajetórias de atuações ativas nessas redes, mas a partir de posicionamentos diferentes, como exemplo as falas de Luciana e Tânia sobre seus *envolvimentos no crime*. A construção desse percurso de pesquisa despertou meu interesse em compreender a trajetória dessas jovens mulheres que vivem nas porosidades das fronteiras entre as legalidades e ilegalidades.

Vera da Silva Telles (2011) na obra "A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal" analisou mais concretamente o modo como os "ilegalismos" redefiniram as tramas urbanas, as relações sociais e relações de poder em situações variadas, no contexto das periferias de São Paulo. A autora utilizou cenas do cotidiano dos personagens urbanos cuja trajetórias foram fundamentais na articulação de seu percurso de pesquisa. Me inspiro nessa referência para analisar as narrativas das minhas interlocutoras sobre suas vidas que também são atravessadas por fronteiras que mediam interações entre o legal e o ilegal. A citação desse trecho do texto se assemelha ao que encontro nos relatos das adolescentes internas:

> Os indivíduos e suas famílias transitam nas tênues fronteiras do legal e ilegal, sabem lidar com os códigos de ambos os lados, sabem jogar com as diversas identidades que remetem a esses universos superpostos da vida social. Mas sabem, sobretudo, exercitar uma especial "arte do contornamento" dos riscos alojados justamente nessas fronteiras porosas: o pesado jogo de chantagem e extorsão das "forças da ordem" e a violência da polícia sempre presente nesses percursos, também a eventualidade de algum desarranjo nos acertos instáveis com os empresários do ilícito, e não apenas com o tráfico de drogas. Concretamente: os jogos de poder e relações de força se processam nas dobras do legal e ilegal. (TELLES, 2011, p.25)

Me aprofundar na trajetória dessas adolescentes e conhecer os meandros de suas relações socioafetivas me possibilita compreender as dinâmicas de atuação delas em grupos criminais e faccionais.

Caminhos metodológicos

Para a realização dessa pesquisa utilizei as entrevistas semiestruturadas[13] que foram realizadas durante o PIBIC. O período de pandemia do covid-19 impossibilitou a continuidade das atividades de pesquisa dentro do Sistema Socioeducativo, tanto das entrevistas individuais como das rodas de conversa. O "novo normal" me pressionou a trabalhar com o material que já havia sido acumulado antes do período de interrupção em março de 2020. Essa forma de entrevista me possibilita absorver as narrativas das adolescentes através de um roteiro construído previamente e me dar abertura para diálogos que podem surgir espontaneamente durante o processo.

> (...) Da mesma forma, fazer entrevistas individuais é diferente de conversar com grupos. Os modos de apresentar-se e, principalmente, quem é que apresenta o pesquisador ao entrevistado também modificam significativamente a porta de entrada da conversa, e, portanto, o que será dito. (FELTRAN, 2008, p.58).

Após a coleta, trabalhamos na transcrição das entrevistas para organizar as informações apresentadas e selecionar dos dados importantes para a construção analítica.

Outra técnica que utilizo é a observação participante "caracterizada pela presença de longa duração[14] de um pesquisador-observador convivendo com a sociedade que ele estuda" (WEBER, 2009, p.158). Desde 2019 participo do cotidiano da Unidade de Internação Feminina, através das idas a campo para coletar entrevistas ou para a realização das rodas de conversa. Em 2020 aumentamos a frequência das rodas de conversa para encontros semanais, o que possibilitou uma imersão mais intensa no cotidiano da UIF. Após as observações, trabalho com a elaboração de diários de campo, apresentado por Weber (2009) da seguinte forma:

> É no diário de campo que se exerce plenamente a "disciplina" etnográfica: deve-se aí relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados, e também para colocar em dia as relações que foram nutridas entre o etnógrafo e os pesquisados e para objetivar a posição de observador. (WEBER, 2009, p.158).

Opto por fazer o registro após a ida à campo para não causar desconfortos ou confusões entre as jovens sobre o trabalho que realizo como pesquisadora na Unidade de Internação. Em visitas as Unidades Masculinas notei que a prática de fazer anotações durante os nossos diálogos

[13] O material que coletamos na Pesquisa de Iniciação Cientifica, de 2015 a 2019, são compartilhados entre os colaboradores e o coordenador que contribuíram com os processos de recolha e organização dos dados. Após a coleta das entrevistas e as idas a campo, a equipe discutia coletivamente sobre os resultados encontrados nessas imersões no Sistema Socioeducativo de Alagoas. Em alguns momentos tivemos a oportunidade de produzir etnografias colaborativas.

[14] Tomando como referência toda a minha trajetória de pesquisa nas Unidades de Internação do Sistema Socioeducativo, nas masculinas e na feminina.

poderia deixá-las desconfortáveis, porque se assemelhava ao contato que eles têm com as equipes técnicas, psicólogas e assistentes sociais, que fazem anotações durante seus atendimentos. No diário de campo, são registradas todas as minhas observações e percepções dos lugares, das pessoas e dos acontecimentos, além das transformações do meu próprio olhar ao longo do diálogo com meus interlocutores e minhas interlocutoras. Esses registros me auxiliaram, principalmente, a responder as questões voltadas ao meu interesse de compreender as sociabilidades construídas entre as adolescentes internas e as funcionárias da Unidade durante o período de internação. Segundo Weber (2009):

> É o diário que permite o distanciamento indispensável na pesquisa de campo, e que permitirá mais tarde a análise do desenvolvimento da pesquisa. É também o diário que mostra, a cada etapa da reflexão, os laços entre as diversas hipóteses levantadas pelo pesquisador e o momento da pesquisa em que essas hipóteses foram reformuladas. É o diário por fim que permitirá efetuar, na medida do possível, uma autoanálise. (WEBER, 2009, p. 168).

As visitas às unidades de internação e a observação participante me possibilitou um contato direto com os funcionários do Sistema. O diálogo com esses sujeitos nos dá oportunidade de ouvir as vozes que representam a instituição. Além de ser uma fonte de informações privilegiada de quem vivencia cotidianamente os meandros do sistema socioeducativo, se relaciona e agência a vida dos adolescentes internos, seus familiares e os fluxos penitenciários (GODOI, 2015).

Nas rodas de conversa também contamos com essas ferramentas de pesquisa, a observação participante e um roteiro prévio de questões para serem debatidas. Esse espaço tem exigido de nós pesquisadoras uma sensibilidade em relação aos ditos e não ditos pelas adolescentes. Essa postura nos possibilita reconhecer a disposição ou não das jovens para tratar sobre alguns assuntos mais específicos das suas trajetórias de vida, respeitando os limites que são provocados pelas afetações e reações relacionados aos temas debatidos.

É importante destacar que os roteiros das rodas de conversa que construímos e os materiais que selecionamos durante o período do mestrado está relacionado a nossa experiência de quatro anos fazendo pesquisa no Sistema Socioeducativo. A partir da colaboração no PIBIC e na escuta de mais de 300 adolescentes conseguimos identificar algumas dimensões nas trajetórias deles que se mostraram necessárias de serem tratadas, a partir das perspectivas forjadas pelas experiencias e vivências das pesquisadoras. Um exemplo disso se manifesta na formação escolar e psíquica desses jovens que são afetadas por debilidades resultado das desigualdades de raça, classe, gênero que atrapalham a construção de suas identidades, da auto confiança e a expressão de suas opiniões e sentimentos. Aproveito para destacar que as rodas

de conversa também tinham o objetivo de contribuir com a formação dessas jovens durante o período de internação. Na busca pela produção de uma sociologia engajada não estávamos em campo como meras pesquisadoras na procura de respostas para nossos problemas de pesquisa, mas tínhamos como alvo concreto contribuir na formação das adolescentes que passaram por nós. Apresento essas questões na tentativa de esclarecer que as temáticas escolhidas foram intencionalmente refletidas e selecionadas para colaborar com os processos de desenvolvimento individuais e coletivos do grupo de jovens que participaram da atividade conosco.

A experiência das rodas de conversa

Como mencionado acima, aliado ao período de novas descobertas, em maio de 2019, eu e Ada iniciamos as rodas de conversa nas unidades de internação. O nosso objetivo era nos aproximar dos/das adolescentes através de rodas de conversa sobre literatura, filmes, arte e música que nos dessem a oportunidade de debater temas de interesse deles/as, estimulando a reflexividade, expressividade e criatividade entre os grupos. Ao mesmo tempo, seria uma boa oportunidade de estreitar os nossos vínculos com os jovens para que mais a frente pudéssemos entrevistá-los sobre nossos interesses específicos de pesquisa.

Começamos pela unidade de internação feminina. A primeira experiência das rodas de conversa foi realizada durante o período de dois meses (maio e junho de 2019). Nossos encontros eram quinzenais e totalizaram quatro rodas com temáticas e roteiros diferentes. Os materiais trabalhados foram escolhidos por mim e pela Ada, assim como a construção prévia do roteiro de perguntas. 10 adolescentes participaram dessa primeira experiência. As meninas foram divididas em dois grupos de cinco pessoas, que se revezavam a cada quinzena nas atividades. A partir de leituras, observações e escutas, às vezes descontraídas e divertidas, às vezes perpassadas por histórias tristes, às vezes carregadas de distintas emoções, saudades, arrependimento, raivas, conduzíamos discussões com elas, tratando de temas de suas vidas: família, amizades, sonhos, frustrações, erros, relacionamentos amorosos, ciúmes etc.

Os roteiros das rodas de conversa foram construídos para serem aplicados nas Unidades Masculinas e na Unidade Feminina. Ada estava realizando sua pesquisa nas Unidades de Internação de ambos os sexos e por isso conduzia a mesma atividade com os adolescentes homens internos. Estabelecemos uma parceria de nos ajudarmos nas imersões de campo por termos interesses de pesquisa que se relacionavam. Outra motivação foi a oportunidade que tínhamos de nos apoiar no trabalho de campo dentro das Unidades do Sistema Socioeducativo, como duas jovens mulheres e pesquisadoras, estávamos habituadas a visitar as Unidades em

duplas ou trios, desde o PIBIC. No mestrado, mantivemos o vínculo e encontramos maneiras de partilhar a experiência de pesquisa, cada uma em busca de responder seus problemas. Parceria que fez toda diferença no meu percurso de vida acadêmica, por vezes, solitária.

Optamos por livros infanto-juvenis considerando a dificuldade que alguns adolescentes apresentaram, tanto de leitura e escrita, como de interpretação e compreensão. No caso dos meninos, essa demanda era ainda mais intensificada. Alguns adolescentes demonstravam ser analfabetos ou analfabetos funcionais, só sabiam assinar o próprio nome. Na intenção de não gerar constrangimentos e tornar a atividade acessível para todos, optamos por leituras com imagens e com textos mais curtos e menos complexos. Apenas em uma ocasião, na Unidade Feminina, levamos um texto mais longo e de complexa compreensão, mas que foi muito bem acolhido e compreendido pelas adolescentes. Foi o conto “Venha ver o pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Telles (TELLES, 1970).

Esse período de dois meses na UIF serviu como um estudo exploratório, onde pude conhecer mais sobre as adolescentes internas e as relações que elas constroem a partir da vivência na Unidade. Optei por aprofundar a aproximação com as “adolescentes selecionadas pelo sistema de justiça juvenil” para compreender como as posições que elas ocupam nos grupos criminais impactam as relações que elas têm dentro da unidade de internação. Essa perspectiva auxiliou o “olhar etnográfico”, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais elas se vêm.

Aqui abro um parêntese para situar porque me refiro às adolescentes cumprindo medida socioeducativa como “adolescentes selecionadas pelo sistema de justiça juvenil”. Trata-se de termo utilizado por estudiosas da criminologia feminista como Espinoza e Otto, partindo da premissa que nem todas as “adolescentes em conflito com a lei” estão submetidas aos espaços de encarceramento. Segundo Espinoza (2004), o “sistema criminal recruta sua clientela das populações mais miseráveis”. O número de garotas internas representa quem foi ou não selecionada pelo sistema de justiça penal (OTTO, 2017).

Os roteiros da primeira experiência das rodas de conversa, construídos a partir de contos e histórias literárias, tinham a intenção de provocar diálogos com as adolescentes relacionando as suas trajetórias de vida e a vivência no Sistema de internação. Inicialmente, tomei a experiências das rodas de conversa apenas como instrumento acessório para a construção da minha pesquisa na Unidade Feminina. Só após um período imersa na realização das rodas pude perceber que a minha pesquisa estava sendo realizada também a partir daquela experiência coletiva em que nos apropriamos de instrumentos artísticos para expandir nossos olhares em direção as trajetórias das adolescentes.

Em fevereiro de 2020 retornamos para a UIF com a intenção de dar continuidade às rodas de conversa. Na unidade estavam internas 15 adolescentes, mas como não tínhamos tempo suficiente para realizar uma atividade semanal com todas pedimos o auxílio da coordenação para selecionar um grupo com seis jovens. Solicitamos que de preferência fossem meninas que exercessem posição de liderança e que tivessem relação direta com o crime e/ou facções. Essa escolha estava relacionada aos nossos interesses de pesquisa daquele momento. A liderança que queríamos identificar eram aquelas construídas a partir das vivências em grupos criminais.

A coordenadora nos explicou que, diferentemente das Unidades Masculinas, em que identificávamos lideranças relativas a hierarquias das facções, na Unidade Feminina as lideranças eram as que as funcionárias iam trabalhando. Segundo a coordenadora,

> Não são as que elas chegam aqui, porque tem marido, porque não sei o que, porque essas são lideranças do crime, às vezes bate e às vezes não bate com as que já chegam aqui sendo liderança. Aqui a gente vai trabalhando outras lideranças, e nem sempre são as que elas reconhecem. (Diário de campo de Ada Rízia, fev., 2020)

A descrição desse evento me fez refletir como os nossos processos de pesquisa estão relacionados à gestão do Estado. Estado que é corporificado nas funcionárias (no caso da unidade feminina), que ocupam o lugar de gerir, qualificar e administrar a vida das jovens internas, o que interfere na condução e nas escolhas possíveis pelas pesquisadoras dentro do campo. A relação indissociável entre Gênero e Estado propostas por Vianna e Lowenkron (2017) nos provoca a pensar que as dinâmicas, práticas e imaginações generificadas que atravessam a vida social como um todo, não circulam ou existem “fora do Estado”, mas nele e por ele se tornam viáveis e compreensíveis. As autoras citam Butler (2009) para ressaltar que isso ocorre a partir de um trabalho contínuo de produção não só de categorias oficiais, mas também de modos de regulação e “enquadramentos” (Butler, 2009) que constituem corpos, relações, afetos e sujeitos como (in)desejáveis e in(in)teligíveis. (Vianna; Lowenkron, 2017).

No caso da UIF, o que me parece é que a gestão trabalha na perspectiva de desconstruir ou enfraquecer as identidades formadas a partir das relações com grupos criminais e faccionais, que poderíamos também caracterizar como as formas indesejáveis de se auto representar. Para incentivar o que a gestão da unidade enxerga como “potenciais lideranças incentivadas dentro do sistema socioeducativo”.

Os roteiros que construímos nessa segunda seção foram antes apresentados para a coordenação da unidade. Essa foi uma maneira de construir um processo de confiança delas em

relação ao trabalho que estávamos nos propondo a fazer. E ao mesmo tempo uma tentativa de tornar as funcionárias coparticipantes desse processo. A cada seção das rodas pedíamos que as adolescentes nos trouxessem sugestões de temas, leituras, músicas, filmes que elas gostariam que trabalhássemos juntas. Entre as seis meninas selecionadas algumas delas também tinham participado das rodas de conversa em 2019. Além disso, algumas foram entrevistadas individualmente, no período que eu e Ada ainda estávamos no PIBIC. Essa multiplicidade de materiais e narrativas tem enriquecido o meu processo de escrita e análise.

O ciclo que foi iniciado em fevereiro de 2020 ainda estava em andamento e teve que ser interrompido por causa da pandemia do covid-19. Contudo, as considerações que trabalharei nesse texto são frutos do primeiro mês de atividades que conseguimos realizar. A experiência estava se aprofundando com a ida a campo semanal. O que possibilitava construir uma relação de parceria e confiança maior com as jovens. Os roteiros que construímos dessa vez estavam organizados por momentos de reflexão, a partir do material que levávamos para ser debatido e os diálogos com as pesquisadoras, quando apresentávamos questões mais especificas sobre nossos interesses de pesquisa, como o de compreender as aproximações e vinculação das adolescentes com o "mundo do crime".

Considerações teóricas

Nesta pesquisa, tenho como objetivo compreender a trajetória afetiva das adolescentes internas, assim como a atuação e participação delas em redes criminais e faccionais. Meu exercício tem sido mapear os afetos expressos em relações familiares, relações de vizinhança, relacionamentos amorosos-sexuais que se entrelaçam à atuação de adolescentes socieducandas no *crime*. Para isso, torna-se necessário aprofundar o estudo das ligações sociais e emocionais entre os indivíduos que constrangem interdependências (ELIAS, 2008). Ao refletir a partir de Norbert Elias (1980), estamos nos apropriando da teoria das configurações.

Ora, consideramos que os indivíduos são, ao mesmo tempo, separados e unidos por um tenso enredamento de interdependências. Como Elias (1939) exemplifica na obra "A sociedade dos Indivíduos", o conceito de rede é útil para construir uma visão mais detalhada sobre as inter-relações:

> (...) a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões

> para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. (ELIAS, 1939, p. 30).

No decorrer deste texto me proponho trabalhar com a escrita etnográfica. A perspectiva de observação do "outro" para Roberto Cardoso de Oliveira (2000) consiste nos "atos cognitivos" de "olhar, ouvir e escrever" como parte constitutiva da etnografia. Essas práticas implicam também o pesquisador, que no espaço de experiências de campo, é levado a refletir também sobre si mesmo ao se confrontar com "o obscuro, o confuso, o desconhecido e o contraditório".

Opto por essa abordagem baseada em autores que são referências nas discussões como Magnani (2002), que define de a etnografia da seguinte forma:

> a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNANI, 2002, p. 135).

A relação que estabeleço com as adolescentes internas e as agentes da Unidade Feminina são tecidas por uma constante "troca" de interesses, afetações e negociações, próprias da "presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva". O antropólogo defende que deve se distinguir a "prática etnográfica" de "experiência etnográfica": "enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista." Minha pesquisa é permeada por esses dois movimentos, o que tenho me programado para estabelecer como trabalho de campo organizado, planejado e o que foge às minhas expectativas e que são frutos dos imprevistos colocados pelas interações com minhas interlocutoras. As Rodas de Conversa, as entrevistas individuais, os encontros nos corredores e pátio da Unidade foram permeados por diferentes interações e afetações no decorrer da pesquisa. Segundo Magnani (2002), essas experiências têm efeitos no pesquisador: "ela o "afeta"; "transforma", produz-se "nele" e, no limite, "converte".

Para me aprofundar na compreensão das atuações das adolescentes em redes criminais e faccionais, mergulharei nas análises das narrativas feitas por elas na tentativa de reconstruir suas trajetórias de vida. Nesse sentido, mobilizo o conceito tal como foi proposto por Bourdieu (1996). O autor, ao se distanciar das abordagens que tratam as histórias de vida como caminho linear e unidirecional, como se a vida constituísse "um "conjunto coerente e orientado" de um percurso bem definido com início, meio e fim, ressalta que a narrativa autobiográfica, ao designar acontecimentos específicos e estabelecer conexão inteligíveis, "encontra a

cumplicidade do biografo, na medida em que ambos, o entrevistador e o entrevistado, aceitam essa “criação artificial de sentido” (MALLART, 2011).

> Tentar compreender uma vida como uma serie única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um "sujeito" cuja única constância e a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto e, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. (BOURDIEU, 1996, p.81).

Vale ressaltar que a entrevista é um importante procedimento metodológico na reconstituição das trajetórias. Como apontado por Bryan Alleyne (2014), “os sociólogos utilizam textos narrativos para obter *insights* sobre o mundo social vivido”. É a partir desse instrumento metodológico que pretendo construir as trajetórias das minhas interlocutoras como Luciana, Karla e Tânia, que nos espaços individuais e coletivos, têm nos apresentado as narrativas sobre os acontecimentos durante suas trajetórias de vida.

> narrative texts are rich in sociological information. Sociologists working with narrative draw on the work done by linguists and sociolinguists in theorising narrative and narration, and move on to focus on the social relations that are actual and implied in narrative texts as discourses and in narrative acts as social performances. And more sociologists are becoming aware that the communication of sociological knowledge entails narration to a greater or lesser degree. (ALLEYNE, 2014, p.26)[15]

A relação das adolescentes com grupos faccionais se mostrou um aspecto importante para compreender as minhas questões de pesquisa sobre as trajetórias de vida delas. O meu olhar nesse momento também está direcionado para compreender às relações que são possibilitadas pelo período de internação no Sistema Socioeducativo, que me relevam aspectos ligados as suas trajetórias de vida margeadas por dinâmicas criminais.

Nesse trabalho, pretendo reconstruir a trajetória de vida de algumas adolescentes internas as quais tive oportunidade de entrevistar individualmente. Esse processo será feito através das narrativas delas próprias sobre os acontecimentos experienciados ao longo de suas vidas. Essas narrativas me dão oportunidade de “explorar as evidências de diferenciação de funções que os indivíduos entrevistados desempenharam e desempenham para outros e para si mesmos, a partir de seus depoimentos” (RODRIGUES, p. 88, 2017).

Rodrigues (2017) aponta que:

[15] “Os textos narrativos são ricos em informações sociológicas. Os sociólogos que trabalham com narrativa recorrem ao trabalho de linguistas e sociolinguistas na teorização da narrativa e da narração, e passam a focar as relações sociais que são reais e implícitas nos textos narrativos como discursos e nos atos narrativos como performances sociais. E mais sociólogos estão se tornando conscientes de que a comunicação do conhecimento sociológico envolve a narração em maior ou menor grau” (Tradução da citação: ALLEYNE, 2014, p.26).

> As entrevistas servem para apreciar as teias sociais que enredam o indivíduo expressas na língua em fluxo que ele está condicionado a transmitir, e não são aprioristicamente evidência do controle absoluto da narrativa pelo indivíduo. (RODRIGUES, 2017, p.88)

Propor uma reconstrução de suas trajetórias nos possibilita observar, tanto os afetos expressos nas relações familiares, de vizinhança, nos relacionamentos amorosos-sexuais, que posicionam as adolescentes nas tramas criminais, quanto perceber planos mais abrangentes que envolvem os cursos sentimentais, de sobrevivência e de aventura que constituem a atuação e participação dessas jovens mulheres em redes faccionais e criminais.

Organização dos capítulos

O capítulo I aborda a minha entrada em campo através das rodas de conversa realizadas na UIF, aprofundarei as discussões enunciadas nessa introdução. As reflexões serão construídas a partir da captura das interações possibilitadas pelas rodas de conversa, momento em que as narrativas eram apresentadas em espaços coletivos, relacionadas com as trajetórias de vida das adolescentes, narradas nas entrevistas feitas individualmente, ou seja, materiais que articulam momentos metodológicos diferentes. Primeiro apresentarei as descrições narrativas das adolescentes sobre suas interações afetivas, que fazem parte de uma constelação de relações na família, no crime, nos vínculos amorosos-sexuais. A partir disso pretendo demonstrar as redes de interdependência as quais elas estão atreladas e que as posicionam nas tramas criminais. As análises apresentarão as experiências narradas sobre a vida das adolescentes antes do período de internação. Na segunda parte desse capítulo pretendo apresentar as vivências e narrativas possibilitadas pela experiência de internação compartilhada no Sistema Socioeducativo, figuração específica do contexto de confinamento, e como as adolescentes se posicionam entre elas. Tensionando as interdependências entre as relações das adolescentes fora do Sistema, quando estavam no *mundão* e as relações construídas dentro da Unidade de internação.

No segundo capítulo, me dedico à análise de quatro trajetórias de adolescentes mulheres entrevistadas durantes seus períodos de internação no Sistema Socioeducativo de Alagoas, coletadas ainda no período do PIBIC. Através dessas trajetórias pretendo discutir como as modelagens das agressividades e impulsos de violência são transformadas a partir da vinculação das adolescentes com o crime. As trajetórias que tenho acompanhado durante as pesquisas são perpassadas por posições fronteiriças em torno dos perigos sofridos e perpetrados. Ser mulher

e ser do crime implica em dualidades dessas representações. Além disso, discutirei como a vinculação a redes criminais podem representar a conformação de redes de proteção e cuidado ou relações de vulnerabilidade e riscos. Desta forma, compreendo que as adolescentes que estão enoveladas nas tramas criminais e faccionais vivenciam a fluidez dessas posições e relações. Minha intenção é compreender como essas jovens têm expressados suas agências e atuações no crime considerando a fluidez, instabilidade e desafios que a trajetória de jovens que se vinculam a redes criminais é constantemente exposta.

No terceiro capítulo manusearei as rodas de conversa realizadas no início de 2020 na Unidade de Internação Feminina, na intenção de demonstrar como as adolescentes compreendem as privações, sofrimentos e emoções que atravessam seus corpos e trajetórias de vida. Pretendo demonstrar também como as rodas de conversa foram espaços que possibilitaram a externalização de suas subjetividades. E como a partir dessa partilha tive oportunidade de “escreviver” este trabalho expondo a maneira como essas narrativas afetaram e transformaram a minha existência.

CAPÍTULO I – NARRATIVAS NO CONTEXTO DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: RISCOS, AFETIVIDADES E MEMÓRIAS

Neste primeiro capítulo, articulo as experiências de rodas de conversa, realizadas em 2019 e início de 2020, com entrevistas individuais feitas com algumas adolescentes socioeducandas. Reconstruo a trajetória de duas jovens, Tânia e Karla, concentrando-me nos seus envolvimentos afetivo-amorosos e a relação com redes faccionais e o tráfico de drogas. Trato como as "redes de interdependência" as quais elas estão atreladas as posicionam nas tramas criminais que elas anunciam. Apresento a discussão de que as fronteiras entre o "mundo do crime" e as relações socioafetivas nos apresenta uma figuração que a todo momento tensiona os (des)equilíbrios da balança de poder entre homens e mulheres. As relações socioafetivas entre homens e mulheres dentro das redes criminais e/ou faccionais são vínculos que aproximam, posicionam e tecem redes de proteção e/ou perigo, além de simbolizarem práticas e formas de relação que nos provoca a pensar sobre gênero e suas tradições reproduzidas no cotidiano.

Na segunda parte desse capítulo apresento as vivências e narrativas possibilitadas pela experiência de internação compartilhada no Sistema Socioeducativo, as figurações específicas do contexto de confinamento, e como as adolescentes se posicionam entre elas. Tencionando as interdependências entre as relações das adolescentes fora do Sistema, quando estavam no *mundão* e as relações construídas dentro da Unidade de internação.

1.1 RELAÇÕES INTERDEPENDENTES: TECENDO TEIAS AFETIVAS E CRIMINAIS

Na primeira seção das rodas de conversa em 2019, trabalhamos com o conto "Venha ver o pôr do sol" de Lygia Fagundes Telles, que está no livro "Antes do baile verde". A sugestão desse conto foi feita por Ada, que recentemente tinha participado de uma oficina de literatura do SESC, onde este livro de Telles foi lido e debatido em grupo. Naquele momento, nós duas discutíamos as estratégias de entrada e aproximação com as adolescentes internas através das rodas de conversa e quais temáticas seriam mais relevantes para tratar com elas. Como já havíamos entrevistado em torno de 10 jovens durante o PIBIC, conhecíamos alguns eventos e fatos de suas trajetórias que nos pareciam relevantes de serem abordadas. Questões que

envolviam afetividades, as tramas da vida amorosa e as relações de riscos e desconfianças, no caso delas, oriundas da vida perpassada por dinâmicas criminais.

De forma resumida, o conto narra a história de Raquel, que é convencida por um ex-parceiro, Ricardo, a lhe possibilitar um último encontro, em que ele promete dar-lhe um belo pôr do sol. Ao longo da narrativa, o leitor é levado a perceber Raquel como aquela que está no controle da situação. Apenas ao final, juntamente com a personagem, o leitor se dá conta que Ricardo já havia premeditado o assassinato de Raquel, uma vez que não aceitava o fim do relacionamento. Este foi o pôr do sol que ele lhe prometeu.

Construímos algumas perguntas que remetiam à história apresentada no conto na intenção de dialogar sobre as relações socioafetivas vivenciadas pelas adolescentes, por exemplo: I) Quais são as relações, alianças, vínculos e amizades, que, como Ricardo, nos levam para situações como a que Raquel vivenciou? Parecer estar no controle, quando, na verdade, se permite ser conduzida para uma encruzilhada. II) Quais foram os "pôr dos sóis" que já vimos? Pensando no "pôr do sol" como situações de fim, de perda, em que não há retorno, local de morte, onde tudo muda, de onde não há como sair.

Durante os diálogos construídos após a leitura do conto, as histórias dos relacionamentos amorosos-sexuais, os vínculos de amizade, as relações familiares e na vizinhança, além de ter possibilitado a compreensão das redes socioafetivas nos ajudou a mapear os distintos envolvimentos que as adolescentes tinham com o *crime* antes do período de internação. Eu e Ada, como mediadoras do grupo, íamos costurando as falas e experiências que versavam entre a história de Raquel e Ricardo (personagens do conto) e a trajetória de cada uma das meninas que se sentiam à vontade para partilhar suas experiências. Apresentarei alguns exemplos a partir da transcrição de rodas de conversas, as quais fomos autorizadas pelas jovens a gravar e dos meus registros de campo.

> Ada- E, ai, pensando nisso, quais são as relações, as alianças, os vínculos, as amizades, que as vezes a gente faz e parecem com essa amizade como de Ricardo, que a gente vai se deixando, se deixando, e acaba nos levando pra situações como essa da Raquel (...) Parecia que ela que tava no comando, quando, na verdade, ela acabou se deixando levar pra uma encruzilhada, ne, pra um situação que era meio sem saída.
> Karla - Rapaz, parece que eu sou a Raquel, tô aqui presa.
> Bianca - Assim, ne, a pessoa num deve tanto confiar nos oto. Porque a pessoa é influenciada, mas também acaba influenciando. Porque é influência das duas parte.
> Karla - E a gente só é influenciada se a gente quiser, ne. Tipo, se a pessoa tiver numa roda e quiser fazer alguma coisa, ai acaba fazendo, tipo, Raquel queria ir embora, mas ela num foi por causa dele, se ela tivesse ido, ela num tinha morrido...
> Vitória - E ela queria ir embora direto e não foi, ne, ela ficou indo com ele. Se ela quisesse ir, ela tinha dito: vou embora, tchau.
> Karla - Porque, assim, ne, eu vou falar como se fosse a minha vida, se eu tivesse com uma amiga, e ela quisesse ir por um caminho e ela não quisesse ir comigo, quisesse ir

> pelo dela, eu ia deixar ela ir sozinha e ia pelo meu. Ou as vezes eu podia ficar junto com ela.
> Ada- Urrum... Quem são os Ricardos da vida da gente?
> Karla- Eu acho que é a maioria dos amigo que a gente acha que é amigo.
> Bianca - Acho que é aquelas pessoas que aparecero na nossa vida com uma intenção de destruir, de magoar.
> Karla - Mas a gente que da permissão, ne. E eu acho assim, a palavra amigo é uma coisa muito forte, e que a gente tem que saber dividir. Amizade de...
> Vitória - Colegas.[16]

A experiência das rodas fez emergir as interligações entre as adolescentes que estão vivenciando a experiência de internação juntas. O exercício proposto por mim e Ada buscava, de certa forma, "seguir os nativos", essa abordagem teórica-metodológica articulada por Biondi (2014) tinha como objetivo tratar os termos e expressões usados por nossas interlocutoras como conceitos e, por conseguinte, apresentar o ponto de vista delas. "Afinal, só por meio deles seria possível acessar suas reflexões" (ibid, p.16). As percepções que elas tinham sobre o amor, o *crime*, sobre as relações de quem vive entre as margens de uma vida tecida por vínculos com práticas ilícitas, eram alguns dos meus interesses. O que apresento, portanto, tem uma perspectiva bem definida e não representa as falas da coordenação da Unidade, dos funcionários da superintendência, das agentes de segurança. Apresento as reflexões que as adolescentes constroem, a partir de suas histórias e realidades, sobre as suas próprias experiências, relações socioafetivas e vinculações com *o crime*.

A literatura usada por nós, pesquisadoras, fez emergir fatos e relatos das jovens a partir das quais tivemos a possibilidade de reconstruir as trajetórias das adolescentes e suas dinâmicas socioafetivas. As histórias foram ferramentas de acesso as narrativas das adolescentes sobre as suas trajetórias de vida. Os personagens descritos no conto que levávamos para serem lidos, ajudava tanto quem estava conduzindo a roda (eu ou Ada), como as próprias meninas a construir as relações de aproximação e distanciamento com as histórias de vida delas próprias. A complexidade no relacionamento entre Raquel e Ricardo, apresentado pela autora do conto, nos provocou a pensar a complexidade presente nas relações vivenciadas pelas adolescentes. Quantas vezes já fomos "Raquel" ou "Ricardo" na vida de quem nos relacionamos? A aproximação com a literatura construiu um campo de possibilidades de representação sobre o vivido, como a fala de Karla: *Rapaz, parece que eu sou a Raquel, tô aqui presa*.

A dimensão das relações amorosas-sexuais se tornou elemento importante para compreender a atuação delas nos grupos criminais e faccionais. O relacionamento com homens mais velhos ligados ao tráfico de drogas e a *facção*, passou a ser uma narrativa constante entre

[16] Roda de Conversa realizada no dia 16 de maio de 2019.

as adolescentes sobre os seus caminhos de aproximação e projeção no *crime*. O relato sobre esses relacionamentos não apagava a agência delas dentro dos grupos criminais ou a maneira como elas construíam capilaridade nesses grupos. Mas me desafiavam a compreender a complexidade da atuação dessas mulheres nas redes criminais. Mulheres que estão entre o "dentro e o fora" das práticas ilícitas, entre o "dentro e o fora" das prisões". Como exposto no relato de Tânia:

> Ada- Algum policial já quis lhe matar.?
> Tânia- Já quis. É uma disputa. Quem pega primeiro.
> Ada- Por quê?
> Tânia- Porque eles tem raiva, mulher, porque eles diz que eu sou, num tem meu jeitinho doidinho assim... Não, eu não sou santa, o meu negócio era pegar dinheiro. Meu negócio foi isso, pegar dinheiro. Eu num queria saber daonde o dinheiro tava vindo, meu negócio era pegar.
> Ada- Como assim, você diz pegar o dinheiro? O dinheiro, você fala...
> Tânia- O dinheiro que vinha das coisa errada. Aí, tudo começou, meu envolvimento começou nisso aí. Só que, se eu num pegasse, eu num entendo esse povo, se eu num pegasse, eu ia morrer de fome, era? Porque eu num queria depender do meu pai, e da minha mãe. Inda mais pás coisa do meu filho. Deus me livre! Porque ele que tinha que dar...[17]

Karla, em sua narrativa sobre o envolvimento com *o mundo do crime*, fez questão de expor um envolvimento ativo na *facção,* de quem trabalhava junto a engrenagem do tráfico de drogas de sua região. Assim como Tânia, Karla também se relacionou com homens mais velhos que eram do *corre.* Na ocasião da entrevista relatou que seu marido atual estava preso no sistema.

> Karla - Foi. Q'eu me envolvi muito profundo, né, no mundo do crime.
> Ada - Você era envolvida com o que?
> Karla - Eu sou... Eu sou, não, né, mais, eu era, né. Eu era envolvida com a facção aí. Comando Vermelho. Foi o que me trouxe.
> Ada - Aí, foi por isso que você ficou mudando de estado?
> Karla - Foi, porque a polícia tava atrás de mim, a polícia civil.
> [...]
> A- E com quantos anos foi que você começou a pensar em roubar, traficar...?
> Karla- Oxe! Foi tudo muito cedo, mulé! 11 ano... Quando eu saí da casa da minha mãe foi por causa dessas coisa. Minha mãe descobriu que eu tava traficando, aí, ela pegou uns negócio de dento da casa dela e ela jogou. Foi... Aí, eu peguei e escondi de novo. Aí, ela disse que, se descobrisse mai alguma coisa... Ela ia me pegar. Aí, eu saí.[18]

A narrativa de envolvimento dessas jovens e a leitura de trabalhos que foram produzidos sobre o tráfico de drogas em Alagoas me levaram a enxergar a rede de relações domésticas na

[17] Tânia, adolescente interna na SUMESE, entrevista realizada em janeiro de 2019, por Ada Rízia
[18] Karla, adolescente interna na SUMESE, entrevista realizada em janeiro de 2019, por Ada Rízia.

organização do mercado ilícito. A dimensão do lar, da relação amorosa-sexual entre as adolescentes e seus parceiros, me parece ser palco das tramas presentes nas redes do crime.

A relação amorosa de Tânia começou quando ela tinha 12 anos, ao engravidar do seu companheiro na primeira relação sexual que tiveram. Com o inusitado da situação os dois decidem morar juntos, mesmo com a reprovação dos pais de Tânia pelo fato de o rapaz ser 6 anos mais velho que a garota e ter *envolvimento com o crime*. O casal convive durante sete anos entre o espaço do lar e do Sistema Prisional, pois seu companheiro foi preso e Tânia continuou acompanhando seu marido na prisão e levando o filho deles para visitar o pai.

> Ada - Como foi que você se interessou pela maconha?
> Tânia - Mulher, porque antes, depois que ele foi preso, eu fiquei muito perturbada. Oxe, eu era muito perseguida pela polícia, era quase vinte e quatro hora. Teve uma vez que eu pensei que até o batalhão tava sendo lá em casa, da polícia, que era direto. Aí, eu num tava nem conseguindo dormir. Aí, eu disse: "Oxe, o povo diz que fumar dorme", eu dizia, aí, começou assim: "Povo diz que fumar dorme, então vou fumar pá ver se eu durmo". Aí, eu fumei, me deu uma fome, me deu vontade de eu dormir, aí, eu disse: "Oxe, vou ficar fumando sempre". Aí, eu comecei a fumar.
> Ada- Mas, assim, você ficou com medo da polícia, por conta que seu marido tinha sido preso, né? Só que você era envolvida com alguma coisa pra ter medo?
> Tânia - No tempo, não.
> Ada - Você começou a se envolver depois que ele foi preso?
> Tânia - Depois que ele foi preso.
> Ada - Com uns dezesseis anos mais ou menos.[19]

Tânia começa a se envolver com o tráfico de drogas após a prisão de seu companheiro: *Com 16. Mergulhei de cabeça.* A jovem passou a cuidar da gestão da *boca de fumo* que seu marido comandava, porque o sobrinho dele, que exercia esse papel anteriormente, *começou a dar trabalho, roubar dele:*

> A- Você fazia o que?
> T- Eu ficava... Eu nunca peguei mercadoria, eu sabia, por exemplo: chegou ali um carro de droga, aí, eu ficava sabendo. Aí, eu tinha que anotar. Uma vez, eu fui pega dento de uma casa, anotando. Aí, depois desse dia... A polícia já tava comprovada, aí, depois disso... Eu ainda quis negar, dizendo que era coisa de feira, porque nunca bota dizendo que é maconha, essas coisa, sempre bota um apelidozinho na droga. Aí, eu fui pega com a boca na botija. Anotando.
> A- Então você fazia mais era registrar?
> T- É, eu fazia, é registrar, olhar quanto foi que chegou... Pra passar pro meu marido.
> A- Pra fazer isso tem que ser alguém que eles têm confiança ou qualquer pessoa pode fazer isso?
> T- Mulher, ele tinha uma pessoa que ele confiava antes, só que o sobrinho dele começou a dar trabalho, a roubar ele. Aí, quem tava fazendo essas coisa era eu, porque ele tinha levado muito prejuízo...[20]

[19] Tânia, adolescente interna na SUMESE, entrevista realizada em janeiro de 2019, por Ada Rízia.
[20] Tânia, adolescente interna na SUMESE, entrevista realizada em janeiro de 2019, por Ada Rízia.

Através da trajetória de Tânia, estou representando as mulheres que compõem as trocas de mercadorias, informações e lucros que circulam nos mercados criminais. Lima (2016), em sua pesquisa sobre as mulheres nas redes de tráfico de drogas em Alagoas nos chamou a atenção para essa dimensão:

> O organograma do tráfico de drogas em Alagoas inclui ainda parentes dos "donos da boca", os "chefões" que comandam as vendas em determinadas áreas. Segundo os relatos, muitos destes, quando vão presos, encontram nos laços familiares a confiança necessária para sustentar de dentro do sistema prisional a liderança no mercado ilegal onde atuava. (LIMA, p. 30, 2016).

Podemos representar as relações de Tânia como "vasos comunicantes" que mantinha as informações entre o "dentro e o fora" da prisão. Termo cunhado por Rafael Godói (2015), podemos considerar como "vasos comunicantes" toda forma, meio ou ocasião de contato entre o dentro e o fora das prisões. O autor defende que os vasos colocam em contato e comunicação dois "mundos", que são atravessados por bloqueios: neles, são demandadas múltiplas negociações, poderes e disputas que operam a diferenciação entre o que entra e sai, o que é permitido ou proibido, facilitando ou dificuldade acessos, registrando as passagens e estabelecendo destinações (GODÓI, 2015, p.136).

Com isso caracterizo as relações de Tânia a partir dessa perspectiva, tanto ela como outras jovens com quem dialoguei durante a pesquisa, alimentaram e foram alimentadas por esses "vasos" que conectam prisões, *quebradas* e bairros. Compreendo que o funcionamento das redes criminais, que interligam os "mundos" de dentro e fora da prisão, dependem das relações que nutrem informações sobre o que acontece dos dois lados dos muros. E me parece que essas relações não são menos importantes no funcionamento dessas redes, elas são tão importantes quanto qualquer função, porque têm o poder de escutar, narrar, mediar e influenciar nas determinações e decisões estabelecidas a partir desses contatos.

A reconstrução da trajetória de Tânia nos ajuda a mapear os posicionamentos dela nas redes de tráfico as quais atuava e como sua relação amorosa esteve interligada a essa atuação. Zaluar (1993) incitou algumas discussões sobre a presença e a representatividade das mulheres no crime nas favelas do Rio de Janeiro, a partir da imagem da "Mulher de bandido". A antropóloga citava que "usualmente, o envolvimento das mulheres começa pelo amor por um bandido ou pelo vício":

> Quando o tema é criminalidade violenta, onde imperam os bandidos, as mulheres não são os personagens principais. Não são os chefes do negócio (ou não "estão de frente",

> como dizem na gíria do grupo), que defendem o seu lugar no mundo empresarial do crime pelo uso constante da arma de fogo. (...) A maior parte das mulheres "envolvidas", segundo a gíria local, mas que não são contadas como membros das quadrilhas de assaltantes ou traficantes, tem um papel secundário nas atividades delinquentes. Elas se especializam em roubar lojas e supermercados de onde trazem roupas, gêneros alimentícios, bebidas e o que mais for possível para dividir entre elas, ou dar aos seus homens. (ZALUAR, 1993, p. 135,136).

Essas dimensões de envolvimento com o crime através dos relacionamentos amorosos-sexuais ou do uso de drogas também são recorrentes nas falas das minhas interlocutoras, mas desde o início da minha pesquisa de campo fui confrontada sobre os interesses e interações que envolvem não só aproximação das mulheres com o crime, mas o que as motivam a perpetuar suas atuações nessas redes buscando lugares de ascensão. Ouso afirmar que o papel exercido por elas nesse momento não está apenas no âmbito de "coadjuvantes" como dito por Zaluar (1993). Os interesses e buscas por lugares de prestígio e reconhecimento nas redes faccionais e criminais estão sendo disputadas também pelas mulheres.

> Alana - Pra vocês mulheres é, as atribuições ou o que vocês fazem, o mesmo que é dado a vocês é dado a um homem ou por ser mulher existe algum tipo de diferença no que você vai fazer, na missão que você recebe, no corre que vai fazer...?
> Carina - Assim... referente a isso ai, pra mim, no meu caso é a mesma coisa né, porque... o que o homem faz a mulher também pode fazer. O que a mulher tem a competência de fazer o homem também tem. Em referente também em facção, por exemplo, se for ter uma cobrança, não tem cobrança de menor tanto de homem como de mulé. Ai depois, é de maior tem uma parte da cobrança que errou, ai tem aquela parte pro lado da cobrança, já é a parte quando a pessoa tá de maior e já é responsável pelos seus próprios atos, quando a pessoa é de menor ainda tem uma aquele, um exemplozinho passar a mão por cima, pra não fazer mais. Então é uma forma de a pessoa não fazer mais. Em questão disso, mas em questão de mulher faz uma coisa e homem não, é merma coisa. Da minha parte né, homem faz uma coisa e a mulher também tem a capacidade de fazer.[21]

Zaluar (1993) já nos alertava que a relação das mulheres com os homens "bandidos" era extremamente complexa e que tinham o potencial de nos ajudar a entender a divisão de trabalho no crime. Entretanto, os estudos da pesquisadora nos ajudam a compreender apenas uma dimensão dessas relações. Há uma constelação de fatores que tento abordar neste trabalho que possibilitam nos aprofundar na complexidade da trajetória de vida dessas mulheres. E talvez a diferença nessas abordagens seja a maneira como daremos luz à presença delas no crime, a partir de um olhar para as redes criminais que não são representados de antemão como espaço inteiramente masculino ou masculinizado. Mas como um campo de relações que estão constantemente sendo tensionados entre homens e mulheres a partir de suas interações afetivas.

[21] Roda de conversa realizada na Unidade de internação feminina de Alagoas, dia 11 de fevereiro de 2020, transcrição feita por Alana Barros.

Através da narrativa de Tânia é possível apreender as redes de interdependências (ELIAS, 1939) presentes nessa relação. O seu marido precisou que ela assumisse a gestão da *boca de fumo* e fosse o seu canal de comunicação sobre o que estava acontecendo fora dos muros da prisão. Ao mesmo tempo, Tânia se alimentava tanto afetivamente da relação com seu companheiro, como ele também representava sua rede de proteção e sustento. Situações que nos levam a refletir as porosas relações entre redes criminais, de proteção e conflitos cotidianos (RODRIGUES; SILVA; SANTOS, 2020):

> Tânia - O dinheiro que vinha das coisa errada. Aí, tudo começou, meu envolvimento começou nisso aí. Só que, se eu num pegasse, eu num entendo esse povo, se eu num pegasse, eu ia morrer de fome, era? Porque eu num queria depender do meu pai, e da minha mãe. Inda mais pás coisa do meu filho. Deus me livre! Porque ele que tinha que dar.[22]

Com o segundo grupo que realizamos a roda de conversa que teve como eixo discursivo o conto "Venha ver o pôr do sol", as tramas sobre os envolvimentos amorosos-sexuais das adolescentes também apareceram. Das (2011), ao discutir sobre violência, gênero e subjetividade, explora os significados do ato de "testemunhar a violência". Na busca de pensar as relações entre gênero, violência e subjetividades, a autora produz reflexões sobre o contexto da violência da Guerra da Partição na Índia, em 1947, o que me ajudou a pensar algumas dimensões sobre o ato de "testemunhar a violência", a partir das histórias das minhas interlocutoras, jovens mulheres internas.

Das (2011) afirma que não estava interessada em perguntar "como os acontecimentos da Partição estiverem presentes nas consciências como acontecimentos passados, mas como vieram a ser incorporados na estrutura temporal das relações, especialmente tendo em mente o caráter projetivo da existência humana" (DAS, 2011, p. 34). Do mesmo modo, me interessa pensar como as tramas afetivas que resultaram em violências físicas e emocionais, impactaram e foram incorporadas nas estruturas relacionais e existenciais na trajetória de vida das adolescentes internas. Como suas narrativas nos trazem marcas não apenas de um passado vivido, mas de como seus corpos, memórias e afetividades foram moldados a partir dessas experiencias no presente.

Segue um trecho do meu diário de campo produzido após a roda de conversa realizada no dia 30 de maio de 2019 na UIF:

[22] Tânia, adolescente interna na SUMESE, entrevista realizada em janeiro de 2019, por Ada Rízia.

> Maria relatou que isso também aconteceu com ela, de se sentir enganada nos relacionamentos. Ela e Luciana relataram situações de quando acharam que uma pessoa era "*do bem*" e que as amava, mas na verdade estava conduzindo-as para "*um caminho errado. E quem ama não leva para um caminho errado porque não quer seu mal*".
> Luciana relatou uma briga que teve com sua ex-companheira por causa de ciúmes dela. A mesma, jogou o celular de Luciana contra a parede após ver troca de mensagens com outras pessoas. Além disso ela ameaçou a jovem com uma arma. Pelo que entendi durante a narrativa a mulher também era envolvida com o *crime*. Segundo Luciana, a sua ex-companheira falava – *Eu vou até te perdoar, mas você vai deixar eu atirar na sua perna*. A jovem relatou que só saiu com vida desse conflito porque o filho de sua ex-companheira começou a chorar e ela precisou cuidar da criança. Enquanto Luciana fugia da casa dela.
> Outro relato foi o de Elaine, que por causa de ciúmes do namorado (que também era envolvido com a *facção*) quase foi assassinada. Ele ainda chegou a levá-la até um matagal e colocou a arma na cabeça dela, mas disse que não a mataria porque tinha compaixão. E ameaçou que se a visse andando com os *caras da quebrada* dele de novo ia matar a garota.
> Vitória relatou que gostava muito de tirar fotos com os amigos e que um dia, por descuido, fez uma fotografia com um rapaz que o namorado dela não gostava. Quando o companheiro encontrou a foto no celular dela, tomado pela raiva pediu que seu irmão desce cabo da vida de Vitória (segundo o relato da jovem o seu companheiro não era envolvido com o crime, mas o seu irmão era ligado a *facção)*. Vitória falou que naquele momento achou que iria morrer, mas o seu cunhado disse que só não a mataria porque considerava os pais dela (os pais de Vitória comandaram o tráfico na região durante um bom tempo e o cunhado dela pertencia a mesma facção que seus pais tinham sido envolvidos).
> Indaguei as adolescentes sobre quais as razões para os conflitos amorosos que elas tinham se envolvido, recorrentemente, resultarem em ameaças de morte envolvendo armas de fogo e o perigo constante de perder suas vidas. Luciana me respondeu dizendo que *nessa vida* quem está no *corre* precisa a todo momento se impor e *a atitude de desconfiança* é uma constante para que ninguém *tente passar a perna* em você. E que esse comportamento se refletia também nas relações amorosas. *Nunca é possível ter certeza se a pessoa namora com você porque lhe ama ou porque quer te matar, pra cobrar a sua vida* ou *derrubar um serviço*[23].

As fronteiras entre o "mundo do crime" e as relações socioafetivas nos apresentam uma figuração que a todo momento tensiona os (des)equilíbrios da balança de poder entre homens e mulheres. Falar sobre essas relações nos provoca a pensar sobre gênero e suas tradições reproduzidas no cotidiano. Articulo o conceito de Gênero nesse trabalho a partir das reflexões de Vianna (2017), como "dinâmica mutuamente produtiva", tratando o "gênero de modo a não retificá-lo e a procurar compreender seus limites e fronteiras como parte integrante de sua inteligibilidade". (Vianna e Lowenkron, 2017, p. 61)

Gênero e Estado também mutuamente se produzem nas relações cotidianas entre as adolescentes internas que passam a ser tuteladas pelas mulheres funcionárias do Sistema, as agentes de segurança, a coordenadora, as psicólogas e assistentes sociais da Unidade. E através das relações mediadas pelo juiz, o advogado ou a polícia, figuras que são representadas pelas adolescentes de maneira mais constante através da imagem masculina.

[23] Executar uma missão dada pela *facção*.

Me parece que as reproduções das tradições de gênero são dadas a partir da relação que traduz os lugares de cuidado e proteção nas figuras femininas: a educadora, a psicóloga, a coordenadora. E representa a figura masculina no assento da repressão, da determinação da pena, da autoridade. Mesmo que as relações de autoridade e ordem também sejam articuladas no cotidiano da UIF através das mulheres funcionárias. Discutirei mais sobre essas simbolizações nas relações com o Estado no terceiro capítulo. Compreendendo as relações de gênero como "verdadeiro campo de batalhas" vivenciados pelas adolescentes que transitam nas porosidades das redes criminais.

1.2 A PRIVAÇÃO DE LIBERDADE: DANOS E DESAFIOS

Ainda em 2019, na segunda seção de rodas de conversa feita com as adolescentes na UIF, debatemos o tema: "Com o que eu já tentei preencher as minhas partes que faltam?". O texto lido foi a história "A parte que falta", de Shel Silverstein. O livro lido, com frases curtas e imagens simples, conta de forma bastante lúdica a história de uma "bolinha" em busca de uma parte que lhe falta para ser preenchida. Na busca, vivendo aventuras, situações prazerosas e adversas, ela se depara com possíveis partes que poderiam lhe preencher, mas que, por uma série de motivos, não permanecem. Afinal, ao encontrar a parte que parecia perfeita, a bolinha percebe que já não conseguia vivenciar as situações prazerosas que vivia quando estava em busca da parte que lhe faltava. Assim, decide renunciar à parte encontrada e seguir vivendo as aventuras enquanto permanece na busca pela parte que falta.

O debate conduzido nos ajudou a refletir sobre os aspectos singulares das experiências vivenciadas a partir do contexto de confinamento e privação de liberdade. E nos possibilitou compreender uma parte da dimensão da vida socioafetiva dessas adolescentes que está sendo tecida durante o período de internação. Levamos para as adolescentes algumas perguntas relacionadas ao conto trabalhado: Quais são as partes que me faltam? Quando começamos a sentir falta dessas partes? Com o que já tentamos nos preencher? Como lidamos hoje com as partes que me faltam? Existem "obstáculos" em nossa trajetória de vida que não dependem apenas de nossas escolhas pessoais? Se a resposta for positiva, quais são esses obstáculos?

> Ada - É... Pensando no... Ele tinha como um buraquinho, né, um espaço lá vazio, que ele entendeu que tava faltando alguma coisa. E, aí, quando a gente pensa na nossa vida, sempre falta alguma coisa, a gente sempre quer algo mais. E aí, quais são as partes que hoje faltam na nossa vida?
> Alana - Se vocês pudessem dizer pelo menos uma coisa...

> Mariana[24]- Na minha, é a minha família, mas antes eu num dei valor, aí, vim parar aqui, né. Aí, eu vim aprender a dar valor pra minha família quando cheguei aqui.
> Karla- Eu acho que eu sou cheia de buraco, mais... O principal, que eu consegui preencher. Tive maturidade suficiente pra preencher foi enxergar que Deus é tudo.
> Luciana- Acho que me falta a minha liberdade.
> Raiane- É. Era isso que eu tava pensando [risos].
> Alana- E vocês acham que essa falta de liberdade impede vocês de fazer o que, assim? Se vocês pudessem pensar uma coisa que faz falta...
> Luciana- Eu acho que tá ao lado das pessoas que eu desejaria.
> Maria- E de tá realizando até alguns sonhos, sabe.
> Fabiana- Eu sinto falta de sair, ficar à noite... Lá na Ceci Cunha [risos].
> Ada- Você é de Arapiraca?
> Fabiana- É. Andar de bicicleta...
> Luciana- Também de usar cigarro, usar cigarro. Usar uma roupa que você quer, porque aqui tem que ser quase a mesma roupa direto. Todo dia direto, oxe... Porque lá fora tem várias roupas que a gente quer, assim, pra usar no dia-a-dia, e aqui num tem. São cinco opções, eu acho, no máximo, de calça, e as blusas são as mesmas. Enjoa rápido.
> Maria- Eu sinto tanta falta, sabe, lá de fora, é... Tá estudando. Assim, que eu nunca parei, né, aí, eu sinto tanta falta de lá de fora, tá com os professores que eu gosto, não que eu num goste dos daqui, né, eu amo eles, mas tá com pessoas mais próximas.[25]

A cada roda de conversa a partilha coletiva nos possibilitou identificar as *inter-relações* que são construídas através da experiência de internação. As histórias de rompimentos e traumas familiares, as relações amorosas-sexuais, os desafios de enfrentar um período de privação de liberdade foram narrativas que aproximavam as trajetórias de vida das adolescentes. Identifiquei ao longo desse percurso as "redes de afeto" que compõem as relações entre as jovens e que têm sido acrescidas à análise ao longo do trabalho etnográfico. Natalia Padovani (2015) nos chamou atenção para as "redes de afeto" construídas através dos espaços de aprisionamento, em sua pesquisa realizada em penitenciarias femininas de São Paulo e Barcelona, ela se refere às *"*irmãs de caminhada*",* às amizades mantidas ao longo da pena de prisão e que também enredavam as narrativas e trajetórias das personagens (suas interlocutoras). O que me fez relacionar as narrativas que já escutei das adolescentes internas:

> Alana- Quais são os simples momentos do nosso dia-a-dia que nos deixam feliz, que nos fazem bem?
> Maria – Quando chega um amigo, quer dizer, quando chega uma amiga, chega pra gente dizer que tamo junto, e que vai me ajudar. Nisso que tá acontecendo. E também minha família.
> Raiane – Eu gosto de me abrir com minhas amiga e falar o que eu sinto, né, um pouquinho, só isso [risos].
> Elaine- A pessoa, falando com a amiga da pessoa, tá triste, do nada chora tanto que acaba rindo, já tá feliz.[26]

[24] Enfatizo que todos os nomes utilizados são fictícios.
[25] Roda de conversa realizada na Unidade de internação feminina de Alagoas, dia 02 de julho de 2019, transcrição feita por Ada Rízia.
[26] Roda de conversa realizada na Unidade de internação feminina de Alagoas, dia 02 de julho de 2019, transcrição feita por Ada Rízia.

As redes de afeto que são construídas entre as adolescentes fazem parte das práticas de cuidado mútuo que ajuda as adolescentes a enfrentarem o período de faltas e privações proporcionados pela experiência do aprisionamento. Como por exemplo, a relação de apoio estabelecida entre as adolescentes que estão internas há mais tempo e as "novatas". As adolescentes, que caracterizarei como veteranas, ajudam e orientam as adolescentes "novatas" sobre os códigos e as regras estabelecidas na Unidade, como a proibição de termos, gírias ou símbolos que se façam referência a facção ou sobre os horários obrigatórios de dormir, acordar e realizar as atividades. Assim como, as acolhem em um dos períodos mais desafiadores: os primeiros dias cumprindo medida em privação de liberdade. Segue a narrativa da Fabiana e Karla sobre o acolhimento que concederam a uma adolescente "novata" na Unidade:

> Fabiana - aí eu ficava falando pra uma menina que morava comigo, aí, eu: "Inhaê, meu bem", aí, ela: "Inhaê"... fica nóis duas falando. Pra passar o tempo, e passa, é tipo uma terapia, terapia da alegria, quem morar comigo, eu sou assim... (...) aí, ela foi morar com a gente, ela completou dezesseis ano, porque ela foi presa num mês, aí, no outro mês, ela ia completar ano, assim. Aí, ela ficou triste, porque a vó dela num vinha, assim, num ia ter condições de vir mais, porque ia ter que visitar o irmão dela, e tal, tinha poucas condições, aí, ela ficou triste...
> Alana - E vocês fizeram o que?
> Karla - Pedaços de bolo de chocolate.
> Fabiana - Aí, ela inventou de machucar o bolo, bateu nescau com leite, botou paçoca, leite condensado, um monte de coisa, ficou bom, ela ainda pediu pra tirar foto pra mandar pra mãe dela (...) aí, cantou: "parabéns...", e ela chorando, dizendo: "nunca mais vou esquecer desse aniversário de 16 ano".

Fabio Mallart (2011), nos chamou a atenção para as marcas indeléveis no corpo e na mente que a "cadeia" produz tanto na vida de quem está privado de liberdade como também naquelas pessoas que, de uma forma ou de outra, vivenciam o cotidiano de uma instituição de controle social. De fato, a experiência de privação de liberdade transforma vidas.

Segundo Padovani (2015) falar de redes de afetos vivenciadas a partir de instituições prisionais é se debruçar em como dispositivos de gêneros (Butler, 2008) e de sexualidades (Foucault, 1979), assim como as demais categorias de diferenciação que são materializados nos corpos por meio de cheiros e roupas (Bourdieu, 2006; Piscitelli, 1996), são postos nas disputas e vinculações estabelecidas entre presas, funcionárias, visitantes: entre os sujeitos que tramam o dispositivo prisional e os fluxos que o atravessam.

Algumas dessas marcas produzidas pelo período de aprisionamento produzem fraturas emocionais e psíquicas na vida das adolescentes, como no caso de Elaine que passou a fazer uso de medicamentos controlados:

> Ada- E, aí, alguém se lembra de mais alguma coisa que já tentou se preencher? Nessas partes que faltam...
> Luciana- remédio, por isso que ela tá meio assim a Elaine. Psicotrópico.[27]

Em umas das rodas de conversa, Elaine chegou sonolenta e aparentemente atordoada, suas falas não faziam muito sentindo. Logo percebi em seus braços marcas de vermelhidões, arranhões e cortes. Em determinado momento, ela mesma começou a relatar que aquilo era fruto de uma de suas *crises*. Me chamou a atenção a maneira que as outras adolescentes se mostram solidarias a ajudá-la a todo momento:

> Elaine- Eu num vou mentir não, eu num entendi não, que eu tô dopada.
> Raiane- Eu também num entendi!
> Elaine- Algumas coisa eu tento responder, mai...
> Maria- Eu traduzo, amiga, pra você.[28]

Os relacionamentos construídos dentro do Sistema também sofrem interferências do posicionamento que as adolescentes ocupavam dentro de grupos faccionais e criminais antes do período de internação. Pensar sobre isso também me ajuda a enxergar a maneira como as garotas se posicionam entre si. Em umas das rodas, fizemos o exercício de inverter a questão apresentada sobre o conto "Venha ver o pôr-do-sol", para perguntar se elas também já se sentiram na posição contrária, ou seja, ter sido "Ricardo" na vida de alguém. Seguem trechos do meu diário de campo:

Luciana começou a relatar que já se sentiu Ricardo na vida de outras pessoas, principalmente em situações que ela precisou *cobrar o vacilo de alguém.* E que essa cobrança era determinada entre os *irmãos da facção,* que pode ser *matar a pessoa, até quebrar as pernas, os braços, os dedos,* dependia do que fosse determinado como *cobrança*. A jovem ressaltou em sua fala *o perigo da pessoa se sentir mais do que alguém na hora da cobrança*. Por exemplo, achar que porque a pessoa era um *frojado*[29], palavra atribuída por Luciana, você pode *debochar ou cobrar mais pesado dessa pessoa*. Isso pode ser perigoso *porque a pessoa que é frojado um dia pode crescer e se tornar um irmão, uma pessoa com mais poder que você e se vingar de forma mais cruel.*

Primeiro Luciana fala como alguém que exerceu uma posição de prestígio na *boca de fumo* que ela trabalhava - *Comecei a gerenciar o tráfico de onde eu moro com treze anos.* Além

[27] Roda de conversa realizada na Unidade de internação feminina de Alagoas, dia 02 de julho de 2019, transcrição feita por Ada Rízia.
[28] Roda de conversa realizada na Unidade de internação feminina de Alagoas, dia 02 de julho de 2019, transcrição feita por Ada Rízia.
[29] Categoria nativa. Significa que a pessoa "não tem voz" dentro da hierarquia do crime. Alguém que faz pequenos roubos, venda de pequenas quantidades de droga ou atua como aviãozinho, alguém que basicamente recebe ordens.

disso, ela também já tinha nos dado informações que era casada com um homem mais velho, preso no sistema penitenciário e que exercia liderança na *facção* que eles eram ligados. Essa posição de Luciana refletia a fala de alguém que, por ter possuído um lugar de reconhecimento na *facção,* conhecia bem como se davam as dinâmicas internas desse grupo.

Observar essa posição de Luciana fora dos muros da unidade, ou melhor, dentro rede faccional a qual ela pertencia, me ajudou a compreender a posição dela em relação as outras jovens internas. Em outras palavras, ajudou-me a observar as *redes de interdependência* nas quais essas jovens estão interligadas e as diferentes posições que elas ocupam nas tramas criminais e nas relações dentro do Sistema.

Um exemplo disso é como algumas jovens articulavam o momento das falas, das respostas as perguntas apresentadas. Essas percepções fizeram parte dos meus diários de campo. Aqui, abro um parêntese para explicitar algumas percepções minhas desse encontro. Percebi que Luciana parecia ter mais facilidade para falar, ela sempre era a primeira a responder as perguntas e a colocar suas opiniões sobre o que estava sendo discutido. As outras meninas falavam com mais desenvoltura depois que a Luciana iniciava as explicações e as falas, principalmente sobre assuntos especificas à *facção*. Parecia que a fala dela autorizava as outras a também poder falar sobre determinados assuntos.

No outro grupo que também participou das rodas tive a mesma percepção. Algumas meninas ocupavam um lugar mais ativo de fala, como era o exemplo de Karla, em detrimento de outras. Ela, inclusive, chegou a fazer comentários sobre isso - *Só eu falo.* Curiosamente identifiquei na trajetória dessas duas adolescentes, através das entrevistas individuais, que elas ocupavam lugares de proeminência nos grupos criminais que faziam parte, por exemplo, chegaram a ocupar posições de gerência nas *bocas de fumo*. Isso também me revelou que de alguma maneira a relação com a *facção* estava presente entre as adolescentes internas, mesmo isso sendo negado pela coordenação da UIF.

As partilhas feitas durante essa roda de conversa nos possibilitaram ouvir a maneira como as adolescentes estavam vivenciando os seus períodos de privação de liberdade. Utilizando a metáfora construída a partir da história trabalhada, “as partes que faltam” nesse momento de suas vidas:

> Ada- Como vocês lidam hoje com as partes que faltam?
> Luciana- Eu procuro, assim, pensar que uma hora ela vai ser preenchida. Porque a parte que falta em mim é a minha liberdade, né, e eu num vou ficar aqui pra sempre, eu sei que uma hora vai chegar, mas, se ficar murmurando, ficando pensando naquilo, ficar pensando naquilo, num vai trazer nada legal. Então, eu vou viver o momento, viver o hoje, por exemplo, hoje, beleza, tem que fazer isso? Tá, vou fazer isso. Amanhã eu vou fazer aquilo, vou fazer o que eu tenho que fazer, e não ficar pensando:

> eita, minha avaliação, quando é que eu vou embora? Não. Viver o hoje, e o amanhã, e assim a cada dia. Sem ficar me martirizando por dentro.
> Raiane- É. Eu também. [risos]
> Maria- Eu num vou dizer que eu desisti, né, porque eu sou brasileira e num desisto nunca, eu creio que um dia ainda vou ser feliz nessa vida, sabe, mai também num vou mentir que tem hora que a pessoa sente muita vontade de desistir, porque só tem desgraça, e nunca acontece do jeito que a gente quer, mas eu penso pelo lado bom, se fosse tudo do jeito que a gente quer, num ia ter graça nenhuma. E como os cristão até fala, é... Num existe uma batalha que num possa ganhar. Até porque Deus nos dá uma provação na medida da nossa força. E eu sei que todo sofrimento só são fases da vida. Que logo, logo vão passar, é só um momentinho. É isso que me fortalece todos os dias, é só uma fase.[30]

O período de internação desperta diferentes significados e sentidos nas adolescentes e através das rodas pudemos ouvir a maneira como cada uma delas tem construído e externado essa experiência. É importante levar em consideração a influência da formação dada pelas equipes de funcionários do Sistema durante esse período de internação, inclusive através da linguagem e simbologia religiosa, como por exemplo, as mensagens sobre "arrependimento", "mudança de vida", "provação" etc.

As representações religiosas em relação a "conversão" e a "mudança de vida" me pareceram ser um dos pilares das práticas de socio-reeducação dentro das Unidades de Internação. A presença de grupos religioso que, semanalmente, frequentam as Unidades e carregam a narrativa de superação de uma vida pregressa ligada a condutas criminalizadas, a partir da vinculação a Deus e as práticas da vida cristã. Em muitas narrativas das jovens internas a perspectiva de abandono dos vínculos faccionais, por exemplo, estavam ligadas a vinculação à vida religiosa, ou, a retomada à vida religiosa, porque muitas delas foram criadas em famílias evangélicas ou passaram por igrejas durante suas infâncias.

Ao final desse primeiro ciclo de rodas de conversa em 2019, incentivamos as adolescentes a escrever uma poesia que refletisse os diálogos construídos conjuntamente durante aquele período. Eu e Ada já havíamos identificado que as meninas gostavam muito de ler e escrever, então consideramos que esse seria um bom exercício para construirmos juntas. Pegamos as falas e sugestões de frases de todas as adolescentes e unimos em um único texto:

> A vida é complicada
> E o que faltava em mim?
> Força pra lutar
> Foco pra não desistir
> E fé pra os obstáculos vencer.
> A vida é complicada,
> Mas também é aprendizado,
> Por isso temos que seguir

[30] Roda de conversa realizada na Unidade de internação feminina de Alagoas, dia 02 de julho de 2019, transcrição feita por Ada Rízia.

> Já não temos motivos para desistir.

1.3 ENTRE “APRENDIZADOS” E “RECOMEÇOS”

Em fevereiro de 2020 o primeiro roteiro que trabalhamos foi inspirado em uma música da banda O Teatro Mágico nomeada: Eu não sei na verdade quem eu sou. O tema dessa roda de conversa foi “Como nomeio o mundo?”. Apresentamos para as garotas algumas questões que nos ajudavam a refletir em qual momento da vida aprendemos a nomear as coisas (nossos sentimentos, nossas frustrações, nossos sonhos, aquilo que queremos, aquilo que não gostamos) e como isso nos ajuda a entender e demonstrar o que sentimos para pedir ajuda e ser ajudado.

Nesse roteiro trabalhamos algumas questões: Como vocês nomeariam esse tempo que estão internadas aqui no Sistema? Quantas vezes passaram pelo Sistema? Por quais motivos? Por que estão internadas dessa vez? O que a facção representa/representou na vida de vocês? A partir dessas questões pudemos ouvir como as adolescentes estavam experienciando o período de privação de liberdade, a maneira como elas têm construído os significados desses processos.

> Alana - como que vocês nomeariam o tempo que vocês estão vivenciando aqui na Unidade de internação?
> Carol - Aprendizado
> Eliane – Aprendizado.
> Karla – Recomeço.
> Alana – Vocês poderiam dizer assim o porquê dessa palavra?
> Carol – Aprendizado assim né, porque tá aprendendo coisas novas, e também vai aprender a não cometer o mesmo erro de novo.
> Eliane – É, renovação também porque tá renovando, tirando as coisas velha e colocando coisas novas.
> Karla – E recomeçar porque assim né, sempre a gente pode recomeçar em cima do erro que a gente cometeu. A gente não pode esquecer né do que praticou, mas também a gente não precisa tá levando pra o nosso presente, pro nosso futuro.
> Fabiana – Revolução. Porque tem muita gente que não acredita na gente, que a gente pode mudar que a gente tem a capacidade de mudar, mas se a gente acreditar em nós mesmos a gente consegue alcançar os nossos objetivos e mostrar para aquelas pessoas que a gente conseguiu.[31]

Para nos aprofundarmos na construção dos significados dessa experiência indagamos as garotas se a maneira como elas nomeavam o período de internação era apenas positivada, como um momento de absorção de aprendizados. Tensionar essas narrativas poderia nos ajudar a perceber as influências presentes na forma como as adolescentes externam os significados em relação ao período de aprisionamento.

[31] Roda de conversa realizada na Unidade de internação feminina de Alagoas, dia 11 de fevereiro de 2020, transcrição feita por Alana Barros.

> Ada – Então vocês nomeariam, vocês nomeiam de uma forma mais positiva, é mais positiva do que negativa?
> Karla – Também negativo porque é eu vou falar por mim, um ano de seis meses que eu tô aqui e se eu tivesse tomado atitudes correta antes eu não teria perdido esse tempo aqui dentro. Mas é uma perda e é um ganho também.
> Ada – Vocês concordam com a Karla?
> Tânia – Pra mim também é assim né, num, num é totalmente uma perda, falando por mim. Porque, Deus sabe de tudo né, do que pode e não pode acontecer. Então se aconteceu foi porque ele permitiu e eu não estava pronta pra sair também. Porque pelo tempo que eu tô aqui já era pra mim ter saído. Eu compreendo... Eu tenho 1 ano e 4 meses[32]

Essa temática levou as meninas a rememorarem os seus caminhos e experiências de aproximação e envolvimento com o crime. A memória tem sido um artificio presente nas nossas partilhas coletivas. Faço referência à memória como o lugar da produção de subjetividades, da construção de identificações. Os estudos sobre a memória, em análises de narrativas, são utilizados na interpretação daquilo que é lembrado e esquecido, nos contraditos e nas repetições, na elaboração de significados, nos modos de dizer. (VENSON e PEDRO, 2012).

As reflexões de Das (2011) me levam a refletir sobre a dimensão da memória e da narrativa como partes constituintes do presente dessas jovens mulheres. Assim, a memória de suas relações afetivas não pode ser entendida como uma posse direta do passado. Ela é constantemente mediada pela maneira em que o mundo está sendo habitado no presente. (Das, 2011).

Na atividade proposta as adolescentes articulavam a linguagem e as narrativas como ferramentas de externalização das memorias. Compreendo que as construções de sentidos eram dadas pelo diálogo entre quem elas foram ou viveram no passado e o que estavam vivenciando naquele momento presente. Como menciona Das (2011) “há um eu narrado e um eu narrador, de modo que há duas temporalidades entretecidas na narrativa” (Das, 2011, p. 34).

Em determinado momento dessa roda de conversa, indagamos as jovens como elas nomeariam o período em que foram envolvidas com o crime e/ou a facção, antes da internação no Sistema Socioeducativo. As respostas foram carregadas de diferentes sentidos que cada uma conseguia associar as suas experiências vividas no *mundão:* curiosidade, instigação, busca de satisfação, revolta, aprovação... Percebi que o “eu narrador” delas, naquele momento, estava carregado de sentidos que foram também alimentados a partir do período de internação.

Por exemplo, a narrativa sobre o arrependimento e a conversão como desdobramento das vinculações religiosas gestadas na Unidade. Pude escutar de algumas jovens que antes de

[32] Roda de conversa realizada na Unidade de internação feminina de Alagoas, dia 11 de fevereiro de 2020, transcrição feita por Alana Barros.

serem apreendidas não pensavam nos riscos e consequências das escolhas e caminhos que estavam trilhando. Apenas o confinamento, a privação de liberdade, o cumprimento de medida socioeducativa, possibilitou uma reflexão sobre suas trajetórias de vida.

Karla, uma de nossas interlocutoras que mais reagiu às perguntas durante essa roda, destacou:

> Karla - Muitxa loucura. (...) Porque foi muita aventura, também foi muito perigo né... e assim, somando tudo foi um nada, porque até hoje eu não lucrei nada né e só fiz mal ao próximo. E que um dia eu tive que colher esse mal, que é hoje o que eu tô aqui.
> Ada - Mas tipo assim, na época vocês gostava da aventura?
> Karla - Rapaz, eu era soltinha, quem mais gostava era eu!
> (...)
> Alana - Então essa consciência de que foi um período que não trouxe coisa boa veio aqui, depois do período de internação?
> Karla - Assim, é.. veio uma consciência, só que também veio aquela coisa ou era a pessoa ou era eu, entendeu? Então na minha consciência pesa, assim, porque é uma coisa que na, na a assim né, pela parte, minha parte religiosa fala que não é permitido, mas também vem aquela coisa que foi pra pra viver, entendeu? Mas a consciência ela pesa, querendo ou não. Porque só quem ficou pra tirar a vida e dá a vida foi Deus né... Mas me arrependo. Lá fora até quando eu tava na prática as vezes a consciência pesava, eu dizia: não o que eu fiz foi errado, mas ai eu num... na na como é que eu posso dizer... Na empolgação eu nem... eu dizia, eu até, vinha uma voz dentro de mim, dizi: Poxa, num era pra eu ter feito isso não, era pra eu ter feito assim, resolvido, ter conversado. Mas depois eu -hômi, que nada! - e já saia. Num, num parava assim pra ouvir minha consciência. Só ia mesmo pela minha emoção.

Da *curiosidade* à *instigação*, os desejos que vão sendo construídos a partir do *corre* com o tráfico de drogas, o roubo de mercadorias, a aspiração de galgar lugares de reconhecimento e prestígio, foram parte das narrativas expostas: *a pessoa quando é um peixe pequeno quer ser um peixe grande.* Me parece que os lugares de atuação dessas jovens mulheres em redes criminais estavam aliadas às suas motivações e às relações socioafetivas que possibilitaram a ascensão delas ou não a postos de *comando* ou simplesmente trabalho na engrenagem do crime.

> Karla - É porque é assim tudo que é errado é bom, aí você tem ali a sensação que você tá indo, indo contra a lei, você sabe que uma hora ou outra vai querer... (...) a primeira curiosidade não é assim - Oxê, eu quero provar... Não, sempre vai chegar alguém perto de você - E, ai vamo ali... vamo fazer isso, vamo fumar, vamo matar fulano, vamo roubar. Sempre vai chegar alguém lhe incentivando, como também da mesma forma que existe pessoas pra incentivar pra o bem, pra o mal é o que mais tem. Pra você fazer, entrar na prática e... você as vezes nem tem uma curiosidade, mas ai você vai, você sente o coração acelerar, aquela adrenalina, ai você faz - oxê, eu quero de novo. Ai vai...

Com as reflexões desta parte final do primeiro capítulo tentei apresentar algumas dimensões da trajetória das adolescentes internas que nos apontam caminhos de análise sobre suas trajetórias afetivas e as relações tecidas em redes familiares e criminais. Além disso,

pretendia demonstrar brevemente como o espaço do Sistema Socioeducativo possibilita que as jovens se conheçam e reconhecem, alinhavando aproximações em suas histórias de vida e tecendo redes de afeto e resiliência. No capítulo dois, me aprofundarei na trajetória de quatro adolescentes mulheres para discutir sobre suas *caminhadas* e sobrevivências.

CAPÍTULO II – "SOBRE(VIVÊNCIAS)": TRAJETÓRIAS DE VIDA E REDES CRIMINAIS

Neste capítulo, me dedico à análise de trajetórias de adolescentes mulheres entrevistadas durantes seus períodos de internação no Sistema Socioeducativo de Alagoas para refletir sobre algumas questões: como as modelagens das agressividades e impulsos de violência são transformadas a partir da vinculação das adolescentes com o crime, como o rompimento de vínculos afetivos durante a trajetória familiar moldam relações que as aproximam do tráfico de drogas e do envolvimento com facções. E por fim, discutirei como a vinculação a redes criminais podem representar a conformação de redes de proteção e cuidado ou relações de vulnerabilidade e riscos. Desta forma, compreendo que as adolescentes que estão enoveladas nas tramas criminais e faccionais vivenciam a fluidez dessas posições e relações.

As entrevistas que utilizei para a reconstrução das trajetórias de vida fazem parte do material recolhido pelo Professor Fernando Rodrigues, coordenador da pesquisa, e pelos colaboradores que compunham a equipe de trabalho coletivo, como Ada, eu, Leonardo e Rangel. O material analisado foi coletado em diferentes momentos durante os anos de execução da Pesquisa de Iniciação Científica intitulada "Mercados ilícitos, amor e diversão nas periferias de Maceió". O recorte temporal de recolha de dados tratados nesta parte da dissertação foi feito de janeiro de 2019 a março de 2020. Período que mescla atividades realizadas ainda no período do PIBIC e outras que já faziam parte do meu trabalho e da Ada durante o mestrado. 10 de março de 2020 foi o último dia que conseguimos ir a campo. Naquele momento fazíamos visitas semanais para realização das rodas de conversa. Após essa data as visitas no Sistema Socioeducativo foram proibidas por conta dos riscos de infecção que envolviam a pandemia do covid-19.

No processo de orientação, nós colaboradores e estudantes de graduação em Ciências Sociais, passávamos por todas as etapas de coleta e análise de dados. Íamos juntos as unidades de internação, participávamos das entrevistas, inicialmente como ouvintes e preenchendo os questionários. Após um tempo de experiência passamos a conduzir também as entrevistas. Acompanhávamos dias de visitas familiares, festividades organizadas pelas funcionárias, reuniões com a superintendência, as equipes técnicas etc. Além disso, durante um determinado período tivemos acesso a prontuários institucionais.[33] Nesse período de coleta dos prontuários, feita coletivamente por membros do grupo de pesquisa, pudemos observar vários aspectos

[33] Os prontuários são compilações de documentos institucionais da passagem de cada adolescente pelo sistema socioeducativo.

interessantes da trajetória familiar e afetiva dos jovens. As informações sobre seus responsáveis, os cadastros de visitas, cartas da família ou das/dos companheiras/ros etc.

Após o período de coleta de prontuários, passamos, então, a elaborar um questionário que é o reflexo dos anos de pesquisa no Sistema Socioeducativo, especialmente realizando entrevistas semiestruturadas. Primeiro, aplicamos questionários-piloto e, no decorrer das aplicações, fomos adaptando, ampliando e garimpando as questões que se consolidaram como significativas, compondo o modelo atual do questionário (SANTOS, 2018).

Esse processo de trabalho coletivo demonstra como os dados coletados e os resultados que derivaram desse período foram produzidos por muitas mãos. Na fase do mestrado, quando precisamos caminhar de maneira mais autônoma dos passos da orientação, nós já carregávamos a bagagem construída a partir da Iniciação Cientifica.

Quando a pandemia interrompeu as possibilidades de condução da minha agenda de pesquisa de campo, tive a autorização do meu orientador e dos colegas que foram colaboradores junto comigo no PIBIC para utilizar o material que coletamos. Por isso, algumas entrevistas analisadas nessa seção foram feitas pela Ada e outras por mim e Ada. A vivência compartilhada nas inúmeras imersões de campo nas unidades de internação e durante as entrevistas me ajudaram a compreender formas, questões e situações que ocorrem na ambiência do Sistema Socioeducativo. Passando-me segurança para construir as análises das entrevistas, mesmo aquelas em que eu não estava presente.

A entrevista semiestruturada que aplicávamos continha seções temáticas que dialogavam com as questões desta pesquisa e por isso optei por utilizá-las nas minhas análises. Como por exemplo, relações domiciliares e familiares de cuidado e agressão, jogos eróticos e divertimento, relações e sociabilidades atreladas a atividades criminalizadas, busca por dinheiro e atividades profissionais, vínculos com pessoas da vizinhança, vínculos com a escola, vínculos de rivalidade, entre outros.

Utilizo entrevistas realizadas com três adolescentes. Esse recorte foi realizado a partir de duas motivações: a primeira por conta do tempo hábil que tive para realizar o trabalho de recolha e análise de dados para a construção desse trabalho. Em 2020 tive a minha pesquisa de campo limitada pela pandemia do covid-19. Por isso, fiz a escolha de trabalhar com o material que foi recolhido no período do PIBIC e que é constituído de informações que me ajudam a responder minhas questões de pesquisa. E segundo, porque a trajetória das três adolescentes traz elementos que se intercruzam na relação com as dinâmicas socioafetivas e criminais, o que também contribuiu para as minhas reflexões sobre a compreensão dos afetos expressos em

relações familiares, relações de vizinhança, relacionamentos amorosos-sexuais, que se entrelaçam à atuação no crime das adolescentes.

2.1 MANU: *DANDO A VOZ* ENTRE O TRÁFICO, A VINGANÇA E OS HOMICÍDIOS

Manu foi entrevistada por Ada, na unidade de internação feminina, em janeiro de 2019, quando tinha 16 anos. Conheci a adolescente em fevereiro de 2019, quando eu e Ada iniciamos as atividades das rodas de conversa na UIF. Manu participou de todas as rodas que realizamos durante 2019 e 2020. Tivemos oportunidade de nos encontrar nessas atividades em grupo e nos corredores na unidade quando fazíamos imersões em campo. Ela chamava a atenção por ser mais alta que as jovens de sua idade. Ela era parda e tinha cabelos longos e pretos. Ostentava uma postura altiva e desconfiada, mesmo assim não deixava de interagir e responder as perguntas lançadas durante nossos diálogos. Estava presa no sistema socioeducativo decorrente de um processo que a acusava de homicídio e formação de quadrilha. Tivemos oportunidade de encontrar com a jovem em outros momentos, como nas rodas de conversa. No primeiro ciclo das atividades, ela se apresentou como uma jovem que gostava de *bordar e comer*.

Nascida em uma cidade da zona da mata de Alagoas, os pais biológicos de Manu tiveram 16 filhos. Ela foi a última filha a nascer e sua mãe biológica, que ela teve oportunidade de conhecer apenas na infância, a deu para adoção logo depois do seu nascimento. *Minha mãe verdadeira. Quer dizer, mãe mesmo, eu chamo a mãe que me pegou pra me adotar, que me adotou assim que eu nasci*[34]*...*

Aos 5 anos, após a separação conjugal de seus pais adotivos, Manu, sua mãe e a avó materna foram tentar a vida na capital, Maceió. Seu pai, que trabalhava como torneiro mecânico, permaneceu morando no interior. E a mãe conseguiu um emprego como merendeira em uma universidade. Durante a infância de Manu, toda sua família frequentava a Assembleia de Deus.

A jovem narrou seu afeto e consideração pelos pais que a criaram como filha *desde nenezinha.* Principalmente pela mãe: *ela me criou, me deu tudo, fez tudo por mim, então, pra mim, ela é tudo pra mim*. Aos 10 anos, entretanto, ela relatou ter sofrido com o rompimento de vínculo com o seu pai, que parou de visitá-la em Maceió por causa da nova mulher que *ele arrumou*:

[34] As falas transcritas das adolescentes serão colocadas em itálico.

> Foi, quando ele arrumou essa mulé, aí, ele preferiu a mulé e depois me deixou. Que, até então, quando ele num tinha ela, ele sempre vinha final de semana, ficar aqui, me ver, trazia coisa pra mim... E, depois dela, ele parou.

Com esse relato de Manu, infiro que a sua passagem da infância para a adolescência é aliada à falta de acompanhamento, diálogo e assistência de seu pai, com quem ela tinha um forte vínculo afetivo. Nesse contexto, existem valências abertas ocasionadas pelo abandono e a ausência paterna que podem ser preenchidas pela busca de prazer e satisfação oferecido pelo universo do ilícito, do uso de drogas, a aventura em roubar ou traficar para ganhar dinheiro etc. (SANTOS, 2018). Na trajetória afetiva das adolescentes vamos identificando as "valências", ou seja, os lugares de abertura e fechamento de vínculos, pois esse percurso que nos permite entender como ela se vincula a determinadas pessoas e rompe vínculos com outras (ELIAS, 1994, p. 31 e 32)

Na entrevista, Manu relatou que desde os 14 anos não falava com seu pai. E esboçou uma satisfação ao dizer que recebeu uma notícia que seu pai iria finalmente visitá-la na unidade naquela mesma semana: *Ó, é que eu recebi uma notícia ontem que ele vem me visitar, que ele disse que todo ser humano erra, que ele vem me visitar...* Parece que o distanciamento do seu pai se intensificou após ele ter conhecimento que Manu estava envolvida com as *correrias* do tráfico de drogas. E o movimento que simultaneamente ocorreu na relação: o afastamento do pai intensificou a aproximação de Manu com os mercados ilícitos e a aproximação com mercados ilícitos intensificou o afastamento do pai.

Segundo Dias, Arpini, e Simon (2011), alguns estudos têm demonstrado os efeitos do enfraquecimento do "lugar do pai" no contexto familiar e na constituição psíquica dos filhos. Destaca-se que não se trata unicamente da ausência ou fragilidade da figura do pai (pessoa), mas da ausência simbólica dessa função, que muitas vezes não se instala (Dias, Arpini, e Simon, 2011, p. 527). Isso se deve tanto em função da ausência do pai no interior da família quanto de uma presença mais instável, temporária e menos envolvida na manutenção da estrutura familiar e no trabalho de desconstrução, de diferentes tipos, da figura do homem e paterna como algo significativo na vida dos filhos. Para compreender as experiências de fraturas afetivas entre os adolescentes e seus familiares, como exemplo o abandono paterno, torna-se importante enxergar essas relações como um contínuo dar e receber de afetos, cuidados, agressões, construção e reconstrução de vínculos (ELIAS, 2008).

Na passagem da infância para a adolescência, abriram-se valências na vida de Manu para a descoberta e envolvimento com outras realidades, como o uso de drogas e as primeiras experiencias no mundo do tráfico de drogas. Aos 11 anos, através de amigas da escola ela

experimentou fumar maconha pela primeira vez: *Vi minhas colega fumando, e, aí, eu achava que, elas dizia que era bom, aí, eu também fui lá e experimentei*. Na escola, ela também conheceu seu primeiro namorado, João, com quem teve sua primeira relação sexual. No mesmo período, Manu começou a se aproximar do tráfico de drogas. Ela também começou a frequentar discotecas de reggae e saiu da casa da mãe para morar com o namorado. A mãe de Manu precisou da intervenção do conselho tutelar para que garota voltasse a morar com a família. Contudo, foi aos 13 anos que Manu passou a se envolver mais profundamente com o *corre* do tráfico de drogas, do roubo e da facção.

O relacionamento amoroso com João, seu *ex-marido,* com quem ela morou junto durante um ano e três meses, fez parte das relações que a aproximaram do tráfico e da facção. Manu não especificou se eles eram da mesma idade ou ele era mais velho, questão que me interessava em saber naquele momento da pesquisa, mas a relação que começou na escola, foi amadurecendo e se tornou o relacionamento mais duradouro de Manu. Na entrevista, ela relatou ter terminado o relacionamento depois que foi internada na unidade feminina por não querer mais envolvimento com os vínculos que a ligavam ao *mundo do crime*:

> Ada- Aí, eu notei que você era de muita confiança do pessoal, você num tava se relacionando com ninguém antes de vir pra cá?
> Manu- Tava.
> Ada- Aí, como é que vai ser, vai continuar com ele, num vai...?
> Manu- Não, daqui mesmo já mandei uma carta, nós terminou e tá tudo tranquilo. Eu num sei quando sair lá pá fora, né? Porque até então ele era irmão, e tal... Eu era companheira e tal... Aí, sempre tinha esse negócio de ir atrás do outro, mas, da minha parte, num quero mais não.

Me parece que Manu encontrou no relacionamento amoroso-sexual com João, a oportunidade de experienciar uma vida que não fosse tutelada por sua mãe e avós, mesmo que essa tutela, de certa forma, tenha sido transferida ao seu ex-companheiro. Além disso, a jovem já tinha sofrido com o enfraquecimento de vínculo com o seu pai. E a valência que foi aberta após o rompimento de relação com a figura paterna parece ter sido ocupada pelo namoro com João que gravitava por fronteiras dos mercados ilegais.

Pimentel (2008) tratou das teias afetivas que envolvem as mulheres no tráfico de drogas em Alagoas. A autora se refere a identidade feminina como algo construído socialmente a partir de parâmetros culturais, "inclusive relacionados com uma determinada ideia de sexualidade reduzida ao papel de reprodução" (PIMENTEL, 2008, p. 10). A busca por complementaridade afetiva nos relacionamentos amorosos com homens também envolvidos no crime fez parte da narrativa das jovens mulheres com quem tive contato. "Os significados e sentidos que elas

atribuem ao amor e ao papel que devem desempenhar no contexto das relações de afeto são construídos a partir de práticas interacionais ao longo de suas vidas" (PIMENTEL, 2008, p. 12). O que me ajuda a compreender a constituição da identidade delas como mulheres e como mulheres praticantes de atividades ilícitas, traficantes, faccionalizadas.

Antes da internação, Manu estava cursando o nono ano do ensino fundamental. A jovem nos narrou alguns acontecimentos em sua trajetória escolar, ainda na infância, que me chamaram a atenção, como uma briga que teve com uma colega da escola, que segundo Manu a *atormentava,* até que ela narrou o seguinte acontecimento:

> Manu- Ela ficava jogando indireta, ficava esbarrando em mim toda vez que ela passava, eu pedia pra ela parar. Só que um dia eu explodi, eu peguei ela dentro do banheiro, enfiei a cabeça dela dentro do vaso, aí, a diretora chegou e separou nós, conversou com nós e cada uma foi pra aula, aí, quando foi no final da aula, eu disse que ia pegar ela na hora da saída, aí, eu peguei ela e cortei ela todinha de estilete.
> Ada- Vixe! E ela ficou como?
> Manu- Deformada.
> Ada- Você cortou onde nela?
> Manu- Ela até hoje tem umas lista assim no rosto, nos braço...

Apesar de conflitos e intrigas entre colegas fazerem parte da trajetória escolar da maioria dos jovens, o que me chamou a atenção foi a proporção violenta que tal *briga* tomou quando Manu relatou que cortou várias partes do corpo da colega com um estilete. O me fez refletir, em diálogo com Rodrigues (2017), como as direções de impulsos de agressividade e de destruição são manifestadas pelos indivíduos a partir dos entrelaçamentos de toda a sua vida afetiva. As mudanças nas redes afetivas de Manu, vista de maneira mais expressiva no rompimento de vínculo com o pai e na relação de conjugalidade com João, me parecem ter feito parte de um reinvestimento afetivo para construção de uma estima-própria. É na relação amorosa que Manu passa a reconstruir suas redes de proteção e reconhecimento. Além disso, é através desse relacionamento que ela começa a se aproximar do tráfico de drogas, da facção e quando passa a acompanhar a gestão da *boca de fumo* sendo reconhecida, segundo a jovem, como a *segunda voz* do *chefe*, questão que mencionarei mais adiante.

Segundo, Rodrigues (2017), os fenômenos de brutalidade e agressividade que resultam, muitas vezes, no fim da vida de um indivíduo são gestos e pressões que derivam das relações entre indivíduos. O autor defende que qualquer compreensão deve ser adequada a uma perspectiva processual e que leve em consideração que as agressividades de um indivíduo estão vinculadas por gestos e símbolos de uma rede de pessoas (RODRIGUES, 2017, p. 485).

De volta as narrativas sobre a trajetória de Manu. O bairro no qual a jovem nasceu e cresceu era dominado pelo CV[35] e consequentemente sua vinculação era com a mesma facção. Durante a entrevista ela relatou que perdeu vários amigos em confronto com adversários que pertenciam ao PCC. Esses conflitos se davam em torno da disputa pelo domínio do tráfico de drogas na região. O bairro de Manu, que tinha o mercado ilegal comandado pelo CV recorrentemente sofria tentativas de ataques por parte do PCC na intenção de tomar o domínio pertencente a facção rival. Esses conflitos são frequentes nas *quebradas* de Maceió, tanto em quebradas dominadas pelo CV quanto nas dominadas pelo PCC. O que reforça o contexto de *guerra* vivenciado pelos moradores desses bairros e pelos jovens que estão na linha de frente desses conflitos. Assim como está evidenciado no relato de Manu:

> Não, de vez em quando os... os PCC, que a gente chama de prego, vinha, queria entrar, tomar o Coral, aí, sempre tinha um que tava trocando tiro. Aí, sempre perdia um, sempre eles iam, queriam atacar aqui, matava um, aí, a gente ia lá, no caso Coral, os da Santana ia lá no Coral dar ataque, ou o do Coral ia na Santana dar ataque, sempre tava perdendo, um ou outro.

No decorrer da entrevista indagamos Manu se alguma policial já quis matá-la, ela nos afirmou que sim, por causa do seu envolvimento com o tráfico: *Por causa de tráfico. Toda vez que ele ia na minha casa, ele nunca encontrava nada comigo. Porque sempre ficava guardado em outo canto. Aí, ele sempre ia lá, invadia, e onde eu tava ele me parava...*. Ela começou a ser mais visada pela polícia quando passou a exercer o *comando* na *biqueira* que atuava. Manu quem *dava a segunda voz*:

> Ada - Mas era você quem mandava na biqueira, ou você só trabalhava?
> Manu - Era tipo assim: o meu patrão, ele tá preso também, no sistema, então, é como se eu fosse a segunda voz. Ele dava a primeira e eu dava a segunda. O que eu fizesse, tava feito.
> Ada- Então, você tinha muita confiança lá, né?
> Manu - Era.

Por conta do seu envolvimento com o crime, Manu vivenciou situações de riscos e limites em que teve que lutar por sua sobrevivência. Tanto por conflitos com a polícia quanto por conflitos com adversários de facção rival.

---

[35] Esse contexto de disputa faccional pelo "domínio" dos bairros em Alagoas faz parte das reconfigurações demonstradas através de sensos de grupo e de regulação de conflitos entre jovens criados em periferias urbanas alagoanas, ligados a mercados de drogas e mercadorias ilegais. "Nesse contexto, aumentou-se a impressão de guerra "na cidade", e não apenas em bairros, ruas ou quebradas, homóloga aos movimentos que se desenrolavam em escala nacional (Candotti, Cunha e Siqueira, 2017; Melo e Rodrigues, 2017) e transnacional." (RODRIGUES, 2020, p. 2)

> Ada- Você já trocou tiro com a polícia?
> Manu- Não. Só levei dois.
> Ada- Dois tiros? Como foi isso?
> Manu- Um eu tava correndo, lá no, é uma biqueira, aí, de repente, a Força Tarefa entrou lá, aí, eu corri, por onde eu sempre corria, só que, dessa vez, eles já tava certo por onde eu ia correr, já tinha outra pessoa, um policial na frente da casa onde eu ia sair, aí, quando ele viu, deu dois disparos, um aqui e outro aqui [apontando]. Aí, como o pessoal tinha visto que tinha sido a polícia, num tinha como fazer mais nada, porque a rua encheu, aí, eles me deixaram lá e saíram. Aí, eu mermo fui e tirei a bala que ficou alojada. A daqui e a daqui.

O *ato* que levou Manu até a privação de liberdade foi uma vingança contra o seu colega, Allan, que assassinou o seu primo. Naquela ocasião, Manu já estava envolvida com a facção. Ela e o Allan, que era usuário de drogas, se conheciam da *quebrada* e da relação com a facção. Quando o Allan assassina o primo de Manu, ela se utiliza do seu lugar de reconhecimento e relação com outras pessoas ligadas a facção para resolver seu conflito a partir da letalidade. Ela planejou a execução dele: *Eu só planejei como ia ser. Saiu tudo como eu queria.* E dois meses depois foi apreendida pela polícia, situação narrada por ela com detalhes durante a entrevista:

> Foi. Porque: o Allan queria ficar com o Daniel, e o Daniel não queria ficar com o Allan. No caso, ele era homossexual. Aí... O Allan também queria ficar com o Daniel, só que o Daniel já tava ligado que ele queria roubar o telefone dele. Aí, nisso, o Allan deixou o Daniel muitxo louco, com Diazepam e vodca, aí, nisso tudo, o Allan arrastou o Daniel lá pro campo lá no Salvador Lyra, e matou o Daniel, a pedradas. Deformou o rosto dele. Aí, nisso, o Allan passou no outro dia na casa da gente, dizendo que tinham matado o Daniel, e que ele sabia quem foi. Aí, nisso tudo, eu fiquei sem saber que essa história tava troncha, (...) o Allan falou isso e depois foi pra casa de uma colega minha, dormir lá. Aí, a colega minha ficou tentando entender, aí, a gente foi, foi, foi juntando as peça, e deu que o Allan tinha matado o Daniel. Aí, um pouco mais tarde a gente foi pra casa do Daniel. Só que a prima do Daniel, por parte de pai, ela chamou nós, eu e minha colega, e mostrou uma filmagem do Allan entrando lá às três e meia da manhã, deixando a roupa do Daniel e a chinela, e depois correu quando viu que a luz acendeu e pensou que o pai do Daniel tava chamando o Daniel. Eita! Viu que o pai do Daniel tava chamando o Daniel, aí, ele correu da casa do Daniel e deixou tudo aberto. Aí, eu tive cem por cento que foi ele. (...) aí, pronto, eu e a minha colega ficou planejando como que ia ser. [...] Eu só planejei como ia ser. Saiu tudo como eu queria. Aí, o cara matou o Allan no campo chamado (...), e... E foi fim do Allan, e eu vim pra cá, depois de três mês.

Quando as relações de Manu com a facção são estreitadas as agressividades e impulsos de destruição passam a ser mediadas pelas relações contidas na rede faccional. Com isso, a jovem não foi a executora do assassinato, mas ordenou que ele acontecesse, através de outro *cara* que ela tinha *voz* por seu lugar de reconhecimento na *facção*. O que me parece expressar como as modelagens das agressividades mudam antes e depois da *guerra* entre facções. As trajetórias das jovens que tenho acompanhado durante a pesquisa, assim como a de Manu, são

perpassadas por posições fronteiriças em torno dos perigos sofridos e perpetrados. Ser mulher e ser do crime implica em dualidades dessas representações.

> Ada - Você já precisou matar ou mandar matar alguém? Teve esse caso, né, fora esse, teve outro caso?
> Manu- Teve.
> Ada- Foram quantas vezes?
> Manu- Foram várias.
> Ada- Umas quinze?
> Manu- É... Umas onze, doze... Por aí...
> Ada- Fora esse caso, do seu primo, quais eram os outros motivos?
> Manu- Facção.
> Ada- Então teve facção, e teve essa que foi mais uma vingança, né?
> Manu- É.

Miriam Abramovay (2010) traz à tona as relações construídas entre masculinidade e violência que reproduziram padrões históricos hegemônicos que tradicionalmente associam o masculino ao uso de agressões físicas e ao exercício da autoridade, que contribuíram para a afirmação de sua capacidade de desafiar e enfrentar. A mulher, no entanto, seria aquela possuidora de uma suposta natureza "essencialmente suave e meiga". Dela é esperada uma expressão afetiva que excluiria manifestações de raiva, revolta ou uso da violência contra os demais. Um binarismo que contrapõe "homens violentos" e "mulheres não violentas", e que reproduz estereótipos, negligenciando a fluidez como possibilidade de característica identitária. (OLIVEIRA, 2014, p. 78).

Sena (2017), discute a relação entre gênero e diferença no tráfico de drogas como "um sistema aberto, formado por um padrão ampliado e autônomo de conexões que atuam como processos de composição de uma estrutura de comercialização em redes." (SENA, 2017, p. 393) A autora argumenta que:

> analisar os parâmetros de uma prática considerada criminosa, como o tráfico ilegal de drogas, é levar em conta as moralidades, as relações de poder, as possibilidades e limites de agência e participação dos agentes e não simplesmente uma dimensão individual que relaciona as essencialidades de um gênero às motivações, performances e atos criminais. (SENA, 2017, p. 396)

Através da trajetória de Manu e suas experiencias de *dar a voz* no crime, entre ações de homicídios e gestão da *boca de fumo*, sou desafiada a demonstrar que em várias situações as mulheres estão ocupando lugares de *comando* nas dinâmicas criminais através de suas relações de influência. O que significa dizer que há situações em que essas jovens mulheres não serão as executoras diretas de crimes, como por exemplo os homicídios, mas podem ser as mandantes.

De acordo com Machado (1998) "(...) as questões de gênero, além de transversais a todas as formas de violência, são centrais na configuração da violência interpessoal. A construção simbólica de gênero faz efeitos em todas as outras modalidades de violência." (MACHADO, 1998, p. 16).

O desenvolvimento dessas analises não tem por objetivo reforçar os processos de criminalização dessas jovens mulheres ou colocá-las em lugares de exposição de seus atos de violência. Minha intenção é compreender como essas jovens têm expressados suas agências e atuações no crime considerando a fluidez, instabilidade e desafios que a trajetória de jovens que se vinculam a redes criminais é constantemente exposta.

2.2 MARIA: ENTRE AS MATERNIDADES, *OS CORRES* E A SOBREVIVÊNCIA

Encontramos com Maria no final de janeiro de 2019. Eu e Ada realizamos a entrevista com ela na sala da biblioteca da unidade feminina, espaço que a coordenação costumava nos conceder para que realizássemos nossas atividades com as adolescentes. Na sala em frente, as outras jovens ensaiavam louvores com o grupo religioso da Igreja Assembleia de Deus, que semanalmente visitava a unidade para atividades de evangelização. Com o som do coral da UIF ao fundo, conduzimos nosso diálogo com Maria. No momento inicial da entrevista a jovem respondeu às perguntas com entusiasmo, dando detalhes das suas relações familiares, da experiencia com a gravidez precoce e o envolvimento com o tráfico. Como nos alongamos nas perguntas e respostas, o tempo se estendeu e Maria começou a ficar impaciente. Ela disse que ainda queria participar da apresentação do coral, mas nos deu a oportunidade de terminar a entrevista. Na reta final de nosso diálogo ela já estava nos respondendo mais rápido e sem muita riqueza de detalhes.

Na ocasião da entrevista, Maria ainda estava cumprindo os 45 dias de medida provisória de um processo que a acusava por tráfico de drogas. A jovem estava com 17 anos, tinha estatura mediana, pele negra e os cabelos pretos e alisados. Maria nasceu em um bairro da zona sul de Maceió. Foi criada por sua mãe biológica e a avó materna. Ela chegou a conhecer seu pai biológico, mas *não foi criada por ele*. Na entrevista, nos relatou que fazia dez anos que ele tinha sido assassinado. Seu pai era envolvido com o tráfico de drogas da região, mas ela não sabia dizer muitas coisas sobre ele, segundo a jovem, ela nunca procurou ter informações sobre seu pai: *conheci, mas eu nem sabia muito da história dele. Só quem vivia mais era o meu irmão. E hoje vai fazer dez anos que ele, que ele tá morto.*

Seus pais biológicos também tiveram mais um filho, o irmão mais velho de Maria, que foi assassinado dois dias depois de completar 17 anos. Ele era usuário de drogas e roubava para sustentar o vício. Maria perdeu o seu pai biológico quando tinha cinco anos e o irmão mais velho quando tinha 13 anos.

A jovem passou a infância morando em uma casa junto com a família. Ao todo, eram 10 pessoas que viviam sob o mesmo teto, entre os avós, os tios/tias, os primos, seu irmão e sua mãe. Como é o caso de muitas jovens mulheres moradoras de bairros de periferia, Adriana - a mãe de Maria - precisava trabalhar durante o dia e estudava a noite. Para isso, contou com a ajuda de sua mãe (avó de Maria) para cuidar da filha ainda criança, Maria.

> Alana - E a sua mãe e a sua avó tinha tempo pra brincar com você?
> Maria - A minha mãe não, que minha mãe trabalhava e estudava. Mas minha avó passava o dia todinho comigo em casa, porque ela era aposentada já.
> Alana – Sua mãe trabalhava durante o dia e estudava a noite?
> Maria - Era.
> Ada - Ela fazia EJA era ou era faculdade?
> Maria - Não, tava terminando os estudos
> Alana - Então era ensino médio?
> Maria - Agora terminou. E agora já pode fazer faculdade.
> Alana - Sua mãe tem quantos anos?
> Maria – 41

Ainda na infância, Maria começou a experimentar os primeiros tipos de drogas. O cigarro com nove anos e depois a maconha aos 10 anos. A jovem narrou que seu consumo foi motivado por *curiosidade* e que até os 14 anos era apenas usuária.

Quando tinha 13 anos, ela se *apaixonou* por um rapaz que morava próximo a sua casa e os dois passaram a se relacionar. Maria *perdeu a virgindade* com ele e logo nas primeiras relações sexuais engravidou. O rapaz não era envolvido com o tráfico ou grupos faccionais, era apenas usuário, segundo Maria. O relacionamento durou em torno de um ano e alguns meses, os dois chegaram a morar juntos na casa da família dele, mas logo depois de ter a filha Maria nos relatou que *enjoou* do garoto e deu fim ao relacionamento. E ele, por sua vez, negava a paternidade, mesmo Maria tendo feito exame de DNA e afirmando que ele tinha sido seu primeiro parceiro sexual:

> Maria – (...). Aí minha mãe veio descobrir quando eu tava com quatro meses (de gravidez) já, que eu não queria dizer a ela. Ai ela pegou e criou a minha filha até hoje. Quando minha filha tava com oito mês de nascida eu endoidei, sei lá. Eu comecei a usar droga e, e ela me botou pra fora de casa. Ai eu peguei e fui pra o, fazer os corre pra poder alugar uma casa.

A filha que Maria teve aos 14 anos foi criada por Adriana, sua mãe, assim como ela foi criada pela avó materna durante a infância. Nessa trajetória, assim como em outras mapeadas durante a pesquisa, vemos uma sucessão intergeracional de abandonos e parentalidades substitutas, das avós maternas e das mães. A maternidade substituta das avós é muito recorrente na trajetória de garotos e garotas com quem falamos (RODRIGUES, SILVA, SANTOS, 2020).

Quando Maria tinha 12 anos, Adriana, sua mãe, iniciou o relacionamento com um novo companheiro. A relação com o padrasto, quem ela afirmou considerar como pai, era perpassada por sentimentos de gratidão e ressentimento.

> Alana - Você tem memorias de gestos de carinho e cuidado do seu pai [padrasto] com você?
> Maria - Tenho. Quando eu tava grávida. Ele cuidava de mim de tudo, cozinhava pra mim...
> Alana - Muitas vezes?
> Maria - Muitas vezes...
> (...)
> Maria - Mas hoje que eu tô aqui não tem ninguém pra olhar minha filha.
> Alana - Mas sua filha num fica com sua mãe?
> Maria - Minha mãe trabalha, fica com ele.
> Alana - Entendi. Então ele que ajudava a cuidar da sua filha?
> Maria - Desde quando eu tava grávida ele que deu dinheiro pra táxi, ele que me ajudou. Ás vezes eu pedia, ele dava dinheiro pra remédio.

O pai de criação de Maria foi um parceiro presente, supriu tanto necessidades financeiras quanto afetivas durante a trajetória da jovem, mas quando ele bebia se tornava um homem agressivo, que violentava verbal e fisicamente tanto ela quanto sua mãe. Principalmente por ser um marido ciumento.

> Alana - E vocês brigavam mais pelo o que?
> Maria - Porque quando ele tava bebo. E porque eu fumava maconha aí ele vinha falar. Aí eu dizia - eu não fumo maconha com o seu dinheiro. Eu nunca lhe pedi nada.
> Alana - E você fumava em casa?
> Maria - Não, na rua.
> Ada - Quando ele usava, quando bebia ele ficava mais agressivo assim?
> Maria - Ele ficava agressivo, porque ele me esculhambava - rapariga! Aí eu peguei esculhambava ele. E me esculhambava de novo. Uma vez eu grávida ele me empurrou até.
> Ada - Então ele ficava agressivo de bater?
> Maria - Foi.
> Ada - Aconteceu só essa vez ou ele...
> Maria - Várias vezes. Até com a minha mãe mesmo.
> Alana - Ele batia na sua mãe?
> Maria - Num, num batia porque eu tava na rua né... e eu não sei hoje né. Não sei o que tá acontecendo lá fora.
> Ada - Entendi.
> Alana - Então assim a relação de vocês era boa, mas tinha esses momentos de conflitos quando ele bebia?
> Maria - Tinha esses conflitos.

Na trajetória familiar de Maria, a relação com as "avós-criadeiras" é constitutiva da rede de cuidado e proteção das crianças da família. Diversos autores já produziram trabalhos sobre as estruturas familiares e a circulação de crianças em grupos populares no Brasil, como Claudia Fonseca (2002), que nos alerta que cuidar de uma criança é um assunto que não se limita à mãe, nem ao casal, pois mobiliza uma rede de adultos do próprio grupo de parentesco ou que se estende para além dele. A antropóloga também aborda a questão de o deslocamento da criança ser motivado por diversas situações de crise, casos de abandono, divórcio de pais ou falecimento de um tutor (FONSECA, 2002).

O desafio de uma maternidade inesperada e a expulsão da casa da mãe fez com que Maria considerasse como possibilidade a *correria* no tráfico de drogas. Fato narrado pela jovem durante a entrevista:

> Ada - Antes de você ter a sua filha você já era envolvida com alguma coisa de corre, de usar drogas?
> Maria - Não, eu só usava. Envolvida ainda não. Mas eu só fumava.

Aos 14 anos, no mesmo momento em que começava a se aproximar do tráfico como uma possibilidade de sobrevivência e subsistência, Maria já tinha trabalhado fazendo *bico* de diversas formas: como vendedora de loja, faxineira, babá. Mas foi através do tráfico e da vinculação com a facção que a jovem passou a construir sua rede de sustento e proteção. A *quebrada* que ela morava era dividida entre o CV e o PCC, essa divisão se dava por um recorte territorial, o lado A era dominado pelo CV, facção que Maria fazia parte e o lado B era dominado pelo PCC.

> Maria - É porque assim, antes era outra... é, lá no lado A é CV e no lado B é PCC. Só que quando eu era pequena não tinha, tinha facção, mas não tava assim. Eu andava em todo canto. Todo canto, mas hoje não pode.
> Ada - Então, quando você era pequena, você se lembra de já ter facção lá?
> Maria - Já tinha, porque tinha as pixação na parede. E assim, quando eu fui morar no lado A eu ainda ia pra o lado B só que os meninos que ficava - oxe, por que essa menina vem pra cá, ela sendo do lado A... Eu dizia - Não, que eu nasci e me criei aqui. Só que eu não tava envolvida.
> Alana - Entendi. Aí agora é dividido
> Maria - Só eles mesmo
> Alana - Quem é do lado A não vai pra o lado B
> Maria - Aí não pode
> Ada - Agora me diga uma coisa, você não pode ir pra lá porque você se envolveu...?
> Maria - Com facção
> Ada - Quem não é envolvido pode circular?
> Maria - Pode, em todo canto.

Resultado da *guerra entre facções*, que gerou divisões territoriais, limitou a circulação pela cidade e uma sucessão de rompimentos de vínculos afetivos, familiares e de amizade entre jovens vinculados ao PCC e CV, Maria nos narrou que sofreu com todas essas questões:

> Alana - Você fez algum amigo na escola que até hoje vocês são amigos?
> Maria - Fiz, mas é... mas eu não posso andar nesse canto que é no lado B.
> Alana - Mas eles estão vivos ainda?
> Maria - Tá. É uma menina que hoje tem dois filhos. Eu tenho 17 e ela tem 16. Ela engravidou com 12. E eu engravidei com 13.
> Alana - Ai vocês eram muito amigas... mas ela também era envolvida?
> Maria – Não (...) O namorado dela sim, mas ela não.
> Alana - E aí vocês tiveram que cortar o contato?
> Maria - E então
> Alana - Nem por rede social, tipo facebook vocês se têm?
> Maria - Não. Eu tenho outra também, que eu nem falava com ela, ela - bora se marcar pra gente se vê, vem pra cá. - Oxê, eu vou morrer, deus me livre.

Compreendo que as redes de interdependência socioafetivas as quais essas adolescentes estão ligadas são transformadas ao longo de suas trajetórias. A vinculação a grupos faccionais causa impactos nas suas teias afetivas e relacionais. O que resulta no enfraquecimento ou fortalecimentos de laços com pessoas que pertencem direta ou indiretamente a facções aliadas e rivais. Quem fazia parte da rede de proteção e cuidado na família, na vizinhança, nas amizades da escola, após o *corre* com a facção, podem se tornar suas redes de perigo e ameaça.

2.3 VITÓRIA: EXPERIÊNCIAS DE FAMÍLIA E DE FACÇÃO

Eu e Ada, encontramos com Vitória em dois momentos da pesquisa: o primeiro foi durante o PIBIC, quando aplicávamos entrevistas semiestruturadas com as adolescentes. Em outro momento, já mestrandas, quando conduzíamos as rodas de conversa na UIF. No primeiro momento, Vitória estava sozinha, em outro com outras socioeducandas. As situações de diálogo eram distintas, assim como os constrangimentos que uns exerciam sobre os outros nessas situações[36].

[36] O material recolhido e analisado sobre a trajetória de Vitória também faz parte do artigo escrito e publicado, na revista Diversitas Journal, de maneira conjunta com o professor Fernando de Jesus Rodrigues e Ada Rizia Barbosa da Silva: RODRIGUES, Fernando de Jesus.; BARBOSA, Ada Rízia; SANTOS, Alana Barros. Notas sobre redes de proteção: facção, família e crime em periferias urbanas de Alagoas. Revista Diversitas Journal, Santana do Ipanema/AL. vol.5, n. 3, p.2297-2316, jul./set.2020.

Vitória estava com 15 anos, tinha baixa estatura, pele branca e os cabelos loiros e alisados. Nos impressionou pela sua desenvoltura nas respostas, era bastante comunicativa, lançávamos uma breve questão e ela respondia com uma riqueza de detalhes e narrativas. A adolescente tinha uma paixão pela leitura, nos afirmou já ter lido a maioria dos livros que tinham na biblioteca da unidade. Seu maior sonho era estudar direito para se tornar advogada.

Nascida em Maceió, Vitória foi criada em um bairro periférico da região oeste da capital. Na entrevista, sentiu-se à vontade para falar do passado dos pais, perpassado de eventos no crime. Os pais de Vitória haviam se separado logo depois que ela nasceu.

Enquanto seus pais namoravam a relação era dividida entre a rua e a prisão. *Antes de eu nascer eles namoravam e ele já tinha ido preso uma vez. Aí passou três anos. Aí foi preso de novo passou cinco anos, depois foi preso de novo e passou sete anos.* Até completar quatro anos, Vitória visitava seu pai no Sistema Prisional. Depois dessa idade a sua mãe não permitiu mais que ela acompanhasse as visitas: *Minha mãe disse que eu chegava, brincava, mas tudo bem complicado. Aí depois que eu fui crescendo, quando eu tinha quatro anos minha mãe não deixou mais eu ir*.

Na entrevista, ela afirmou que a mãe chegou a traficar e, assim como o pai, atuou no crime e tinha vínculos o CV. *Fiquei sabendo que ele esquartejou sete pessoas no presídio*, afirmou. No início, não acreditava que ele tinha assassinado pessoas*: meu pai era super legal, muita gente gostava dele*, sinalizou.

> Ada - Você sabe dizer com qual ele corria?
> Vitória - O dois, a CV- RL. E ele assim, tanto ele como minha mãe também. Aí ele era, só que ele não queria que a minha mãe fosse. Ai do nada a minha mãe também se envolveu. Minha mãe também já matou pessoas. Então, é bem complicado. Eu fico - meu deus o meu pai e a minha mãe já fez isso, jesus...

O pai de Vitória, apelidado de Sansão, tinha sido assassinado há três anos e nove meses. Ele era uma liderança respeitada na região por sua atuação na facção, o CV. Já sua mãe, segundo Vitória, há três anos sua mãe não era mais envolvida com o crime e a facção. Apesar de ter sido considera *a mãezona do tráfico, que todo mundo respeitava*, largou a vida no crime, foi trabalhar como faxineira e se converteu, agora era evangélica. A jovem nos contou que ficou conhecida da região pelo reconhecimento que seus pais tinham através das *correrias* com a facção: "*quando meu pai morreu e por onde eu passo as pessoas falam, ali a filha do Sansão. E a minha mãe não tinha perigo nenhum, aí falavam - não, não mexe com ela porque é filha*

do Sansão e se mexer vai acontecer isso e isso. Pode até perder tua cabeça. Eu pensei: meu deus, que terror".

> A família que a acolhe também é matriz de abandono e agressões. Com interrupções na fala, indagada sobre a relação da avó materna com a mãe, Vitória traz à tona memórias transmitida de mãe para filha. A mãe de Vitória, Paula, foi deixada por Judite com Lazario, respectivamente mãe e pai de Paula, quando tinha apenas 8 anos, e nunca mais voltou para casa. As memórias de família retidas por Vitória foram transmitidas pela mãe através de conversas, possivelmente em um período recente da vida da adolescente, uma vez que teria sido criada boa parte de sua infância pela avó. Entretanto, ela nos relatou como se tivesse vivido ou testemunhado os fatos, mostrando apego e recepção afetuosa à mãe. (RODRIGUES, BARBOSA, SANTOS, 2020, p. 2305)

Lazario, avô materno de Vitória, ficou com Paula, mãe da adolescente que entrevistamos, e então mudaram-se de uma cidade do interior de Alagoas para Maceió. Como não raras vezes acontece quando o homem fica com a criança no momento em que a mãe decide ou é pressionada a deixá-la pra trás, o pai de Paula e avô de Vitória procurou a colaboração de Edite, mãe de Lazario e avó paterna de Vitória, visando obter ajudar para criar a filha. (RODRIGUES, BARBOSA, SANTOS, 2020)

Quando Paula – mãe de Vitória – engravida, ela está muito envolvida no crime e afasta-se da maternidade, deixando com a avó paterna a criação da menina. Na trajetória de Vitória, observamos novamente a maternidade substituta das avós-criadeiras (FONSECA, 2002). Nas narrativas de Vitória, a mãe é uma pessoa amada e querida, mas não ficou evidente se de maneira idealizada ou de experiência vivida. Sem precisar o tempo, relatou ter sido criada de pequena até os treze anos com a avó paterna. Aos treze, a mãe demonstra interesse em se reaproximar da filha a ponto de abrigá-la na mesma casa, o que parece coincidir com práticas e afirmações de distanciamento do *crime*. Vitória mencionou que sua mãe dizia que a avó paterna, que criou a jovem durante a infância, tinha propensões agressivas e que poderia mesmo matar a garota. Haveria até um diagnóstico médico. Vitória teria passado por agressões, de acordo com ela própria, mas relatado como se tivessem sido sabidas por Paula, sua mãe. Não conseguimos precisar se se tratava de alguma disputa entre Paula, a mãe de Vitória e a avó paterna, pela criação da menina, em uma trama de informações ou fofocas sem base em fatos (RODRIGUES, BARBOSA, SANTOS, 2020).

Após sair do presídio, o pai de Vitória começou a trabalhar e se tornou bombeiro, não deu para saber se civil ou militar. A jovem demonstrava um forte vínculo afetivo com o pai, mesmo os dois não tendo morado juntos: *Por mais assim que a gente não morasse junto, ele foi um paizão, meu héroi. (...) Quando eu precisava ele sempre tava lá.*

As tretas do passado, assim como a inveja de outros parecem ter mantido viva as tensões do pai com pessoas do crime. Antes de ser assassinado, algumas tentativas haviam sido feitas, mais especificamente duas vezes. Segundo Vitória, *colocavam olho no que ele tinha*. De qualquer maneira, a garota mostrou na entrevista um vivo interesse pelas memórias de quem teria sido seu pai, imagens e presença formadas nas redes de fofoca e informação ligadas a parentes, incluindo sua mãe, e pessoas da vizinhança, incluindo aqueles do crime. As dimensões da família, vizinhança e crime, não podiam ser separadas em sua vida familiar. (RODRIGUES, BARBOSA, SANTOS, 2020, p. 2306).

> A trajetória de Vitória e as quatro situações narradas têm em comum o agenciamento de diferentes noções de *família* e *facção* enquanto redes de proteção e punição nos momentos em que se resolvem conflitos e tretas. Por meio dessas noções, são expressas ameaças, emprega-se a força, protegem-se os "seus" de ameaças "externas" ou das implicações da circulação de informações e da cabuetagem associada a ela. Família e facção não são entidades de limites impermeáveis, mas são perpassadas por sensos de identificação e de pertencimento concorrentes ou conviventes a depender das posições ocupadas nas relações, para punir ou para proteger.
> (RODRIGUES, BARBOSA, SANTOS, 2020, p. 2305).

Seguindo a reconstrução da narrativa de Vitória sobre suas relações afetivas, a jovem mencionou várias vezes durante a entrevista, o relacionamento com Fernando, seu noivo. Os dois se conheciam desde pequenos, estudaram juntos no maternal. Fernando tinha 17 anos e trabalhava como bombeiro civil. O pai de Vitória, antes de falecer, dizia que Vitória deveria se casar com ele, porque *era um menino bom*. Fernando não tinha nenhum envolvimento com o crime ou uso de drogas, Segundo Vitória. Eles iniciaram o namoro quando Vitória tinha 14 anos. Os dois moraram juntos durante um ano e dois meses com autorização de Paula, mãe de Vitória, ênfase dada pela adolescente. Apesar de Fernando não ter envolvimentos diretos com o crime, Vitória nos narrou que o seu cunhado, irmão de Fernando, era envolvido com o CV e já havia ameaçado Vitória de uma agressão pública, *no meio da rua,* pois seu namorado, que não era do crime, havia ficado enciumado por conta de fotos por ela postadas em uma rede social com outro rapaz. O namorado recorreu a seu irmão, cunhado de Vitória, ligado ao crime e à facção, para resolver o conflito.

> Durante a entrevista, há sinais de que Vitória compreendeu a mim e a Ada, muitas vezes, como potenciais assistentes sociais, psicólogas ou advogadas, como muitos adolescentes homens e mulheres no *sistema*. Pessoas que podem ter alguma voz para abreviar seu período de internação, atuar através de relatórios ou sobre as pessoas que fazem os relatórios. Apesar de seu relato na entrevista mencionar o grande envolvimento dos pais no crime, sua postura e fala sinalizaram não ter vinculação com nenhum tipo de *correria no tráfico*, nem manutenção de vínculos com *facção*. Era

> *visada* pela polícia por conta do envolvimento dos pais, relatou. Sua apreensão se deu em um momento em que ela se mostrou indignada com sua suspeita de a madrasta ter tido participação na morte de seu pai. Por isso estaria ali. Ela se *descontrolou*, indo à casa da madrasta para vingar o pai. Não a encontrou no local, mas levou consigo seu celular. Em torno dessa situação foi pega pela polícia. A conversa com a adolescente durou mais ou menos uma hora e vinte minutos. (RODRIGUES, BARBOSA, SANTOS, 2020, p. 2306)

2.4 KARLA: AMORES, FACÇÃO E OUTRAS DROGAS

Nas primeiras visitas a UIF, no início de 2019, conheci Karla, 19 anos, moradora da zona sul de Maceió. Naquele momento fazia 1 ano e 6 meses que cumpria medida socioeducativa decorrente de um processo criminal que investigava tráfico e homicídio. Encontramos[37] com ela em dois momentos diferentes. O primeiro foi quando ainda estava no PIBIC, entrevistávamos as adolescentes individualmente e pedíamos para que elas respondessem perguntas no formato de questionário, ainda que mantivéssemos abertura para diálogos que fossem para além das perguntas selecionadas. E o segundo foi durante rodas de conversa conduzidas por mim e Ada, já no período do mestrado, que visava colaborar com atividades lúdicas e educacionais nas Unidades de internação. Karla tinha estatura mediana, de pele negra e os cabelos curtos e alisados. Ela gostava de tomar a iniciativa nas respostas e diálogos durante as rodas.

Karla foi criada por sua mãe, que ganhava a vida como doméstica e o avô paterno, que era feirante. A jovem chegou a conhecer seu pai biológico, mas ele nunca a registrou como filha: *Conheci, mas eu num tenho não ligação com ele. Nem ele me registrou*. Segundo a narrativa de Karla, sua avó paterna proibiu o filho de registrá-la após o nascimento, mas não explicitou os motivos. Quando a jovem tomou conhecimento dessa história, provavelmente através da família materna, não quis mais aproximação com o pai e a avó:

> Porque eu nunca quis me aproximar dele. Quando eu descobri que ele num tinha me registrado, e... A minha vó tinha dito, a mãe dele, né, tinha dito que, se ele me registrasse, esquecesse que ela era a mãe dele. Aí, eu peguei ódio dos dois.

Ela só conheceu o pai aos 6 anos, quando ele tentou algumas aproximações, relatadas durante a entrevista. Segundo Karla, se negava a estabelecer vínculos com seu pai porque ele só queria *mandar* nela, sem nunca ter contribuído em nada na sua criação: *Num dá certo não,*

[37] Nesse momento, conduzia atividades de pesquisa em parceria com Ada Rízia, minha colega de turma desde a graduação e que também fazia pesquisa no Sistema Socioeducativo sob orientação do Professor Fernando Rodrigues.

que ele queria mandar em mim, e eu num aceitava, porque ele nunca me deu nada. Quem cumpria a função paterna na vida de Karla era o seu avô, inclusive era quem mais contribuía financeiramente no sustento da casa.

Quando a jovem tinha 9 anos de idade ele faleceu. Sua perda representou um rompimento de vínculo afetivo significativo em sua trajetória. A valência que foi aberta após o falecimento do seu avô, parece ter possibilitado a aproximação de Karla com outras buscas por relações que representassem complementaridades afetivas e buscas por satisfação que a aproximaram do crime.

> Que depois que eu perdia meu vô... Fiquei meia, sem querer saber de nada...eu saí da casa da minha mãe porque eu queria usar droga e ela num aceitava. (...). Depois disso eu num voltei mais pá casa da minha mãe.[38]

Aos 10 anos ela começou a *gazear*[39] aula para perambular pelas praças do centro da cidade. Foi lá, em uma dessas andanças, que viu pessoas usando cola de sapateiro e experimentou pela primeira vez: *aí, quando eu cheguei na praça da cadeia, aqui no Centro, aí, eu vi um monte de gente cheirando cola. Aí, quando eu senti o cheiro, eu achei bom.* Depois, foi a vez do cigarro e da maconha: *É porque eu comecei a fumar cigarro, né? Aí, eu via o povo lá fumando. Aí, eu ficava observando. Aí, depoi, eu comprei e fui fumar sozinha*. Com o uso de drogas precoce ela passou a ter diversos conflitos com a mãe, que descobriu que a filha estava deixando de ir à escola e era usuária de drogas. A convivência entre as duas estava se tornando cada vez mais difícil. Aos 10 anos Karla também começou a traficar, vendia pequenas quantidades de droga: *Com dez ano já traficava, é o famoso corre, ladrãozinho, em pequenas quantidade.*

Quando Karla completou 12 anos, conheceu seu primeiro namorado enquanto estava na praia com sua amiga Laura. *Nós tava rufada*[40]*, sentada na jangada, aí, ele passou, falou num sei o que comigo*[41]. Eles já tinham se encontrado em uma discoteca de reggae[42], mas o

---

[38] Karla, adolescente interna na SUMESE, entrevista realizada em janeiro de 2019, por Ada Rízia.

[39] Gazear é um termo popular que significa faltar a algum compromisso, como aulas, deixar de cumprir um compromisso para passear ou divertir-se.

[40] "Rufada" é um termo nativo para figurar o efeito sentido após tomar vários comprimidos de Rohypnol (Flunitrazepam) medicamente tranquilizante.

[41] As falas das adolescentes serão apresentadas nesse trabalho em itálico.

[42] As "discotecas de reggae" situadas em bairros de periferia de Maceió são muito populares entre os jovens que circulam nos grupos criminais e faccionais e fazem parte dos seus repertórios de divertimento. Para compreender mais sobre a dimensão do desenvolvimento de mercados de diversão musical-dançante em bairros populares de Maceió consultar o artigo de RODRIGUES (2019): "Mercados ilícitos, ambivalências e agressividade: condições estatais e mercantis de um circuito de bailes de reggae em "periferias" de Maceió, AL."

primeiro diálogo aconteceu na praia. Os dois trocaram telefone e depois desse encontro passaram a se relacionar. O rapaz tinha 19 anos e *comandava uma boca de fumo*. A partir desse relacionamento a aproximação dela com o tráfico de drogas e a *facção* parece ter se intensificado:

> Karla - aí fui morar com ele numa casa, e, aí, eu fiquei me envolvendo junto com ele, que eu tava com ele, eu fiquei lá, como a gente sabe, recebendo, mexendo nas coisa dele, aí, fui me envolvendo com mais intensidade, fui me envolvendo ni briga, e, aí, é quando os outros cara quer tomar a boca, aí, quando eu fui olhar, eu tava envolvida até demais.

Aos 13 anos Karla foi apreendida a primeira vez, com 15 anos ela foi presa novamente, mas logo foi liberada. No intervalo entre suas primeiras *quedas*[43] o relacionamento dela teve fim e Karla foi morar sozinha. Seu ex-companheiro foi assassinado por tretas relacionadas ao tráfico de drogas.

A jovem continuou no bairro da Jarupinga[44] e lá ela conheceu o seu atual *marido*[45], *ele tem trinta ano, meu marido*. O relacionamento dos dois já perdura a quatro anos, entre o convívio do lar e as visitas que ela fazia para ele no presidio antes de também ser apreendida pela polícia. Durante o relacionamento e o seu *envolvimento* com a *facção,* Karla continuava tentando manter os estudos - *Eu casada ainda estudava.* Mas logo teve que parar. Aos 16 anos, passou a ser visada no colégio por traficar drogas e pelos ciúmes que seu marido teve das amizades que começaram a se aproximar da jovem na escola.

Dos 12 até os 18 anos, idade que Karla começou a cumprir medida em privação de liberdade, seu envolvimento com o tráfico se intensificou. Enquanto seu marido estava preso, ela era a ponte de comunicação entre o dentro e o fora do presidio. E assumiu uma parte da gestão do mercado de drogas que eles eram interligados. Karla foi presa na Bahia, quando tinha ido buscar uma mercadoria:

> eu fui buscar pra mim e pro meu marido, né. Um conhecido dele que foi simbora pra lá, aí, tava sucedido lá. Fazendo tráfico. Aí, fez um jogo com ele e eu fui buscar junto com ele. Aí, foi preso nós dois.

---

[43] Significa ser apreendida pela polícia.

[44] Os nomes dos bairros também foram alterados por nomes fictícios para preservação das histórias narradas pelas adolescentes.

[45] O termo marido foi acionado por minha interlocutora ao falar sobre sua relação amorosa-sexual com seu companheiro. Pude perceber que quando as adolescentes fazem o uso desse termo, não necessariamente, isso configura que a relação passou pelos tramites do casamento civil ou religioso, mas menciona o movimento de ir morar junto com o parceiro.

Durante as rodas de conversa, Karla chegou a expressar algumas vezes o quanto gostava da *aventura* que as experiências da *correria*[46] do tráfico a proporcionava: *Rapaz, eu era soltinha, quem mais gostava era eu.* Segundo as suas narrativas e percepções, o seu envolvimento com o crime aconteceu porque ela era uma criança *ambiciosa* e *revoltada* com seu pai por nunca ter assumido a paternidade.

> Alana - E você só se deu conta disso tudo quando você chegou aqui?
> Karla - Só que ali, quando você tá ali na adrenalina, você num tá nem aí. Eu dizia: eu vou crescer e quero crescer mais e mais. E, aí, o que me motivou a se envolver lá com nove anos, foi eu me via uma pessoa diferente das outras criança, porque eu num tinha meu pai, e ele morava na merma rua que eu, por ele ter registrado meus outo irmão e num ter me registrado, foi me causando uma revolta, e também o fato de seu ser uma criança ambiciosa, eu sempre queria tudo pra mim, e, aí, eu num aceitava. Minha mãe sempre me dava uma roupa, duas, eu sempre queria mais. Eu queria roupa nova todo dia. Aí, eu disse: não, se eu quero, eu vou fazer desse jeito. Foi o meio mais fácil, e, aí, eu me envolvi.

Me parece que desde os 10 anos de idade, Karla encontrou nas suas relações amorosas, envolvidas com o tráfico de drogas e a *facção*, redes de complementaridade afetiva e protetiva. No mesmo período que ela passava pelo rompimento de vínculos com sua mãe e o avô paterno, que demonstraram ser relações importantes para ela durante sua trajetória.

O *envolvimento* de Karla com o *corre* do tráfico e da facção começou desde muito nova, entre os 9 e 11 anos de idade, seu processo de amadurecimento para lidar com as demandas advindas de uma vida repleta por riscos ocorreu cedo. O conhecimento adquirido pela jovem a partir de suas vivencias no "mundo do crime" emergiam durante nossos diálogos. Ela articulava suas compreensões sobre o que significava as relações dentro da facção, quais os códigos, regras, *disciplinas*, narrativas que pareciam fazer parte de um repertório apreendido a partir de sua trajetória de vida margeada por dinâmicas criminais:

> Também, porque, quando você se envolve no tráfico, em questão de guerra, assim, de facção, quando a gente se envolve no tráfico, o patrão da gente só traficar e não ser da facção, isso não quer dizer nada. Porque você tá no tráfico, você tá colaborando, botando dinheiro pros cabeça comprar munição, comprar arma, pra ir de ataque a outra pessoa, da outra facção, entendeu? E, assim, desde muito cedo eu soube dessas coisa, fiquei com medo de tudo, pelo fato de eu ter em envolvido cedo, entendeu?

Segunda a narrativa de Karla, ela tinha *ambição* e cada vez que *mergulhava* mais nas relações dentro da facção e do tráfico mais ela galgava lugares de reconhecimento e consideração dentro das redes em criminais que estava envolvida. Inicialmente, podemos

[46] *Correira* é um termo nativo, que explicarei mais a frente o seu significado e uso entre meus interlocutores.

caracterizá-la como uma *cunhada: A maioria do grupo das cunhada, a maioria se envolve nas coisa do marido...* Compreensão dada por Karla em uma roda de conversa. A cunhada é *mulher do envolvido* e fica sujeita a algumas *disciplinas* da facção. Exemplos dados por Karla: *não pode abandonar o marido na cadeia, se ela num quiser se envolver, ela fica ajudando o marido dela, mas se ela quiser se envolver, ele deixa, entendeu? Se for do acordo dele. Ela tem essa limitação. Se ela tiver com o cara e ele for preso, num pode abandonar na cadeia, se tiver filho, num pode deixar o cara sem ver.*

Apesar de também ter exercido o papel de *cunhada,* sendo companheira de homens envolvidos com a facção, Karla nunca se acomodou nesse lugar. Ela queria conquistar o espaço dela e ser reconhecida através de sua *caminhada.* Durante uma de nossas rodas de conversa, Karla apresentou sua percepção sobre o que *era o papel da mulher no crime* e suas percepções eram atravessadas pela própria trajetória de vida dela:

> na maioria das vezes tem gente que acha que o papel da mulé no crime é, é só receber dinheiro do marido. Vamo supor, tenho meu marido preso ai eu vou receber o dinheiro dele e tal, mas não é só isso. Tem mulher que faz coisas além do homem. Pelo fato do homem desacreditar e também vem aquela questão de - é, ele tá achando que eu não faço não, vou mostrar que eu faço. Ai é aquela questão de mostrar e se prejudicar, entendeu? porque, da mesma forma que o homem paga, a mulé também paga. E, assim, tem mulher que tem envolvimento maior do que homem dentro do crime. Que é o que a gente fala de conceito, que é o respeito e uma caminhada, diferenciada de mulher e homem também, mas pra mim é a mesma coisa. Até porque é a mesma capacidade.[47]

Os eventos narrados por Karla me ajudaram a perceber a complexidade da participação das mulheres nos mercados criminais e como as afetividades são marcadores importantes nos posicionamentos que elas acabam ocupando nessas redes. A dimensão da família, dos relacionamentos amorosos e do crime não podem ser desassociadas no exercício de compreender sua trajetória de vida. Todas essas relações compuseram uma teia interdependente de afetos e diferentes posicionamentos nos mercados criminais.

Desde o período da graduação me interesso por compreender como os eventos que acontecem na trajetória afetiva dos adolescentes, nas redes familiares, amorosas-sexuais, de vizinhança etc. tecem relações que possibilitam ou não aproximações com o crime, os mercados ilícitos e a facção. Nessa fase da pesquisa, me dediquei as narrativas das adolescentes internas na intenção de me aprofundar em questões que relacionavam as dimensões entre gênero e crime.

[47] Karla, adolescente interna na SUMESE, entrevista realizada em janeiro de 2019, por Ada Rízia

As quatro trajetórias reconstruídas nesse segundo capítulo me ajudaram a mapear distintos caminhos de aproximação, vinculação e atuação em grupos faccionais e com atividades ilícitas de adolescentes internas no Sistema Socioeducativo. As tensões que se apresentaram durante a trajetória dessas jovens no período da infância, na transição para a adolescência, nos vínculos familiares, nos relacionamentos amorosos-sexuais, me auxiliaram a compreender a *correria* do tráfico, do roubo, da vinculação a facção em distintas posicionalidades e perspectivas.

Essas jovens mulheres se encontraram dentro da unidade de internação feminina, cumprindo suas medidas em privação de liberdade. Os momentos de partilha coletiva, como as rodas de conversa, foi a oportunidade que tivemos de cruzar essas trajetórias, ouvindo as narrativas umas das outras e costurando mais um retalho de suas vidas, o período vivido dentro do socioeducativo.

CAPÍTULO III – AFETOS MARGINAIS E PENALIDADES

"Era tudo tão doce, tão gozo, tão dor!"
Conceição Evaristo

Neste terceiro capítulo manusearei as rodas de conversa realizadas no início de 2020 na Unidade de Internação Feminina, na intenção de apresentar como as adolescentes compreendem as privações, sofrimentos e emoções que atravessam seus corpos e trajetórias de vida. Como as rodas de conversa foram espaços que possibilitaram a externalização de suas subjetividades. Além disso, também abrirei uma janela para discutir questões relacionadas as interações e experiências vividas através do encarceramento no Sistema Socioeducativo. E como a partir dessas partilhas tive oportunidade de "escreviver" este trabalho expondo a maneira como essas narrativas afetaram e transformaram a minha existência.

Farei a descrição das atividades que propusemos, a análise das temáticas discutidas em grupo e das experiencias de partilha coletiva. O roteiro que eu e Ada construímos previamente era dividido em três momentos: o primeiro, nomeamos "Para abrir a mente", momento que fazíamos a leitura, exibição ou escuta do material selecionado; o segundo, nomeamos "Momento de reflexão", quando fazíamos perguntas sobre o material que tinha sido compartilhado e o terceiro. "diálogo com as pesquisadoras", quando as questões dirigidas eram mais especificas sobre os nossos interesses de pesquisa, como a relação delas com a facção, com o tráfico de drogas, quais os papeis elas exerciam nessas redes criminais etc.

O primeiro texto trabalhado, "Como eu me sinto hoje", foi extraído do livro nomeado "O grande livro das emoções" escrito por Mary Hoffman e Ros Aquith. O segundo texto que levamos foi "Quando eu erro", que é a edição de um livro das autoras Ruth Rocha e Débora Lorch. E o terceiro e último roteiro foi preparado a partir do curta metragem "Vida Maria", um filme de Márcio Ramos. O título dessa roda foi: "Contando as histórias de Maria".

A escrita deste capítulo está mergulhada nas afetações que vivenciei nesse período pandêmico global. Como não pude mais ir a campo executar as atividades que tinha planejado, precisei exercer a criatividade tecida no processo de leitura acadêmica e literária para encontrar caminhos de manusear o material coletado até março de 2020.

No decorrer de 2020, tive a oportunidade de ler as obras da autora Conceição Evaristo. Fui atravessada pela leitura de Olhos d'agua, uma coletânea de 15 contos que foram originalmente publicados na série Cadernos Negros. "Os contos são ambientados nas favelas e nas ruas onde vive o povo mais pobre e vítima da violência urbana. Todos falam sobre mulheres

negras ou sobre homens com vida e destino fortemente apoiados em mulheres" (EVARISTO, 2018, p. 5). Os contos e histórias narradas me remeteram em vários momentos às histórias de vida das jovens que conheci nas unidades de internação.

A responsabilidade que tenho na produção deste trabalho é de textualizar as narrativas compartilhadas nas rodas de conversa, quando, sentadas em círculos e com os olhares e corpos presentes, nós abrimos as janelas de nossas memórias para partilharmos as experiências vividas. Conceição Evaristo usa o termo "escrevivência", traduzido como "a escrita que se alimenta da experiência de vida da autora". No caso desta produção a escrita foi feita por mim, no lugar de pesquisadora. Contudo, considero uma escrita alimentada pela experiencia de vida de todas as mulheres que nos deram a oportunidade de ouvi-las e conhecer suas histórias. Os momentos que vivemos juntas me afetaram e transformaram a minha existência. E é desse lugar de afetação e respeito por todas as narrativas que construo essas "escrevivências".

3.1 AFETAÇÕES E AFETIVIDADES: A EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA DO ENCARCERAMENTO

Através da leitura do O grande livro das emoções, na roda de conversa realizada no dia 18 de fevereiro de 2020, tínhamos a intenção de provocar nas jovens a reflexão e a expressão de como elas se sentiam diante das emoções abordadas: feliz, triste, interessado, irritado, bobo, solitário, medroso/protegido, ciumento, satisfeito. Iniciamos a roda com algumas questões, por exemplo: Como eu estou me sentindo hoje? Como tenho me sentido nos últimos dias? O que me deixa feliz? O que me deixa triste? O que tem me interessado ultimamente? Por quê? O que me deixa muito irritada? O que me irritou recentemente? Já me senti solitária? O que me dá medo? O que me dá segurança? O que me deixa satisfeita comigo mesma?

Na condição de jovens mulheres privadas de liberdade, falar sobre os seus sentimentos e emoções, naquele momento de suas vidas, significava narrar a maneira que o cárcere afetava as suas existências. Significava também relembrar os caminhos que as levaram até ali e as inventividades e estratégias produzidas por cada uma para superar momentos desafiadores de medo, solidão e tristeza. "Nesse sentido, mais do que estados subjetivos individuais, os sentimentos parecem constituir uma 'gramática social' e dar sentido às suas trajetórias." (MELO, ALVES, CAVALCANTI, 2015, p. 113).

> Ada- O que deixa vocês com raiva?
> Carol - Fazer o que a pessoa não gosta, a pessoa odeia! Irrita qualquer ser humano.
> Fabiana - Querer fazer alguma coisa e não poder.

> Karla - É.
> Fabiana- Acho que é isso também.
> Karla - Querer quebrar a cara e num poder, hoje eu fiquei irritada com tudo, eu fiquei irritada porque eu tenho que acordar [risos].
> Maria- Irritada pra acordar, porque tem que acordar logo cedo...
> Karla - Num é, dá uma raiva!
> Maria - fico irritada quando alguém num acredita em mim.
> Carol - Óia, eu pensava aqui, achava que ia ter faxineira, só que a faxineira é nóis...
> Alana- Vocês têm que acordar que horas?
> Karla - Eu pensava que era só comer e dormir.
> Fabiana - Seis.
> Alana - Todo dia seis?
> Fabiana – Não no sábado...
> Karla - Sábado e domingo, acorda oito e meia.
> Fabiana - Feriado também.
> Manu - E o que me deixa irritado é que quando vai chegando final de semana, você quer dormir até mais tarde e quando já é seis horas eu já tô acordada.
> Carol - Fica ansiosa pelas visitas...
> Manu - Aí, tô lá acordada, aí, começo a fazer as coisa também...
> Carol - num vem, pronto, me abandonou, eu fico nervosa, andando no quarto, de um lado pro outo. [risos]
> Karla - Eu fico com raiva quando minha mãe demora.
> (Roda de conversa realizada no dia 18/02/2020)

A partir da escuta das jovens compreendi que a experiência do encarceramento também se traduz no desafio de viver em comunidade: *o sofrimento aqui junta. Um dia, nem sonhava que ia conhecer elas, mas tá aqui tudo junta, passando pelo mesmo sofrimento. E hoje tá aqui, longe da família, esposo...* Cada jovem carrega a sua forma de sentir, se expressar, se emocionar e essas formas individuais são postas em constante relação e conflito com a maneira que cada uma tem de vivenciar o mundo. O compartilhamento do beliche, do alojamento, do banheiro, das áreas comuns da unidade, tece relações de proximidade entre as jovens. E isso acontece entre todas as adolescentes, mesmo aquelas que antes do período de internação *corriam* com facções rivais. Segue um trecho da fala de Manu durante a entrevista:

> Ada- Me diga uma coisa: você me disse que o bairro que você tava era CV, e que brigava com o pessoal do PCC. E aqui na unidade? Como é que é? Porque tem PCC, né?
> Manu - É bem tranquilo, porque aqui dentro não existe facção, né? Aqui dentro somos todos uma família. E, assim, uma tem que respeitar o espaço da outra. Aqui num tem disso. Se você tá aqui pra pagar uma pena, você num vai tá com conflito com outa pessoa porque ela é do coisa. Aqui dento somos todo mundo uma coisa só, pagando o que nós fez. Lá fora, já é outa coisa.
> Ada - Entendi. Mas, assim, quando você chegou, você já tinha essa mentalidade?
> Manu - Tinha.
> Ada - Já chegou certa de que num ia querer confusão com ninguém...

Segundo MELO, ALVES e CAVALCANTI (2015) refletir sobre o sistema prisional e a relação entre mulheres, criminalidade e justiça, implica distintos sentimentos, como vergonha, culpa, tristeza, apatia. Esses sentimentos mais do que representativos de estados subjetivos

individuais, aparentam dar sentido às trajetórias de vida e apresentam um sentido de justiça peculiar. “São também importantes para construir o cotidiano e podem se transformar em formas de agência e resistência, quando envolvem a construção de novas redes e vínculos de afetividade, a despeito de suas bases instáveis” (MELO, ALVES, CAVALCANTI, 2015, p. 115).

Me parece que há uma rede de apoio e cuidado que é tecida entre as adolescentes internas. Quem já está há mais tempo cumprindo medida orienta e aconselha quem está chegando na unidade para enfrentar o período de internação.

> Manu - Aqui acontece sempre quando chega uma novata, aí, chegou, aí, se juntou eu, a Fabiana e as menina do quarto pra juntar umas coisa pra dar a ela. Só que aqui na unidade já tinha, aí, num precisou. Mas sempre tem, tem as menina que se ajuda. Teve das outra, aí, dá duas pras menina que chega sempre tem uma se ajudando, aí, chega: “óia, vamo se juntar, vamo juntar isso pra dar pra tal pessoa”, sempre tá ajudando uma a outra aqui. Aqui a gente se ajuda muito. tem meninas que se ajudam.
> Alana - Eu ia perguntar isso. Como é essa recepção quando chega uma pessoa nova...
> Eliane - Quando eu cheguei aqui, eu fui muito ajudada
> Tati- É, era isso que eu ia falar. A Karla gosta muito de ajudar, e ela gosta muito de dar conselho também, de falar assim: “Olha, é regra, num pode”, aí, já ajuda a pessoa que tá ali...
> Eliane - Tem uma coisa que as menina sempre tava ali no meu pé me chamando atenção, porque eu cheguei aqui com um nível de falar gíria, tal, fazer gesto com a mão, tal, então, as meninas sempre tavam ali: “ó, num pode”, então, eu até hoje, porque, talvez, se as menina num tivesse colaborado, chegado junto comigo, eu poderia tá prejudicada, com uma palavra que eu soltava, qualquer outra coisa também.

As adolescentes que participaram do segundo ciclo das rodas de conversa têm ou tiveram relacionamentos amorosos-sexuais com homens que estão encarcerados no Sistema Prisional. Isso reforça a dimensão da solidão dessas jovens mulheres, aquelas que não foram deixadas por seus companheiros ou que terminaram seus relacionamentos por não quererem mais vínculos com pessoas que pertenciam a facção, não conseguem receber visita íntimas ou familiares de seus parceiros porque os dois compartilham a condição de encarceramento. A troca de cartas é um meio de comunicação, mas que segundos as jovens, não é tão utilizado pela falta de privacidade que há nessa troca. Como toda carta que é enviada e recebida passa pela leitura dos agentes, elas disseram que não se sentem à vontade em partilhar suas intimidades com várias pessoas.

> Alana - Vocês têm visita íntima?
> Carol - Não...
> Alana - Mas se tiver companheiro, ele pode vir visitar?
> Carol - Se tivesse solto, mas...
> Talita - A maioria tá preso!
> Alana - Ah, sim. Mas, aí, vocês num conseguem manter contato de nenhuma forma, ou...

> Carol - Tem, manda carta...
> Fabiana - Eu mandava carta só que é muitos preso também lá pra ele dar de conta, aí, fica demorando. Mandei em dezembro, mas acho que vai chegar.
> Ada - Ele tá no prisional, num tá no sistema socioeducativo, né?
> Fabiana - Ele tá no sistema.
> Manu - Tá no Agreste.
> Alana - Então, todos tão no sistema prisional, ou tem algum no sistema socioeducativo?
> Fabiana - Não, todos tão no prisional.

O amor que continua, mesmo encarcerado, tenta sobreviver através de notícias que são dadas pelos familiares ou até mesmo pelas cartas que demoram a chegar. O sentimento e a relação passam por ressignificações. Em alguns casos que resultam no findar da relação e outros que parecem se fortalecer com as distâncias e dificuldades de permanecer vivo. Ao refletir sobre os muros afetivos que atravessam as relações amorosas estabelecidas entre o dentro e o fora das prisões, penso que o amor entre as minhas interlocutoras se ressignifica, assim como na pesquisa de MELO, ALVES e CAVALCANTI (2015), embora a revolta, a dor, a indignação, a apatia e o sentimento de humilhação sejam emoções presentes nas narrativas das mulheres aprisionadas ou visitantes, o senso de amor se apresenta como uma referência importante:

> É esse sentido que, de modo ambivalente, tanto parece fortalecer os muros da prisão (quando se transforma também em solidão e abandono) como também permite transpor esses muros (ao permitir reconstruir novas relações, inclusive afetivas, dentro do presídio e sonhar com um mundo idealizado no futuro). (MELO; ALVES; CAVALCANTI, 2015, p. 115)

"Aqui dentro é assim, uma precisando da outra"

Quinta-feira pela manhã, dia 30 de maio de 2019, me dirigi à Unidade de Internação Feminina para mais uma roda de conversa[48]. O trajeto que fiz de carro da minha casa até a UIF tem em média sete quilômetros e se diferenciava do que eu costumava fazer a pé quando frequentava o complexo de unidades masculinas SUMESE (Superintendência de Medidas Socioeducativas). A casa em que moro há mais de quinze anos fica há um quilômetro da SUMESE. Durante o período em que atuei na iniciação científica, a caminhada fazia parte do meu ritual semanal de campo e durava, no máximo, dez minutos. Em janeiro de 2019, no início do mestrado, o meu trajeto de pesquisa começou a ser ampliado.

[48] As rodas de conversa foram encontros realizados por mim e pela Ada nas Unidades de Internação do Sistema Socioeducativo de Alagoas, com grupos de aproximadamente cinco adolescentes por seção. A atividade era feita a partir de textos literários, músicas, filmes, fotografias que se relacionavam a temas sobre a trajetória de vida dos jovens. Essa foi uma estratégia metodológica que utilizamos para nos aproximarmos dos adolescentes e iniciarmos nossas pesquisas de mestrado. Realizamos duas edições, a primeira em 2019 durante dois meses e a segunda em 2020 que ainda está em andamento. Mais adiante no texto me aprofundarei na descrição sobre as rodas de conversa.

Ada frequentou a Unidade algumas vezes junto com o nosso orientador durante a realização da Pesquisa de Iniciação Científica e por isso já conhecia algumas funcionárias e equipes técnicas (psicólogas e assistentes sociais). Meu contato com a unidade feminina se iniciou naquele momento e eu contava com a ajuda da Ada para me apresentar as pessoas que ela já tinha familiaridade.

Naquela quinta-feira, quando cheguei à UIF, me apresentei na pequena fresta do grande portão de ferro que dá acesso a unidade. O agente de segurança que estava no plantão da portaria daquele dia permitiu minha entrada sem maiores cerimônias ou protocolos. Ada já me esperava na sala da biblioteca onde realizaríamos a atividade. Neste espaço, além das estantes de livros, ficavam guardados os instrumentos da banda percussiva da unidade, Afrodaras. Enquanto aguardávamos, uma monitora veio até nós e perguntou quais meninas participariam da atividade. Apresentamos alguns nomes e ela foi à sala ao lado chamá-las.

As adolescentes foram entrando na sala carregando as cadeiras nas quais se sentariam. Iniciei nossa roda de conversa seguindo o roteiro que havíamos feito previamente. Me apresentei, dizendo meu nome, o que fazia na universidade e um pouco do que pretendia com a pesquisa do mestrado. Passei a palavra para Ada que fez a mesma apresentação. Logo após, passei a explicar o que faríamos juntas e qual a nossa intenção com aquela atividade. Finalizei minha fala de apresentação perguntando se elas tinham alguma dúvida. As meninas disseram que não lhes restavam dúvidas.

Para encerrar aquele momento de apresentação fizemos o seguinte exercício: cada uma de nós falaria o nome, a idade e uma coisa que gostássemos de fazer. Através dessa simples dinâmica teríamos a oportunidade de nos conhecer um pouco mais. A minha expectativa de criar aproximação com as adolescentes era grande e isso me fez exercer a criatividade para propor dinâmicas durante as rodas de conversa que quebrassem o gelo entre nós. Iniciei falando de mim – Sou Alana, tenho 23 anos e gosto muito de cantar. Maria logo engatou um comentário – *Hum... arrasou*. Seguindo a ordem da roda a próxima foi Luciana – *tenho 17 anos e gosto de ler*. Depois foi a Elaine, que também tinha 17 anos e disse que gostava de conversar, falar. Em seguida, Maria, que tinha 15 anos e falou que gostava de comer e Miriam que tinha 14 anos e gostava de estudar. A última foi Ada - *tenho 22 anos e gosto de escrever.*

Após as apresentações, Ada assumiu a condução do espaço perguntando se as meninas sabiam o que era um conto e quem era a autora com quem que iriamos trabalhar (Lygia Fagundes Teles). As meninas não tinham conhecimento sobre a autora, mas deram suas explicações sobre o que achavam que era um conto.

Em seguida, Ada distribuiu as copias do conto para cada uma e começou a leitura. Todas acompanharam atentas do início ao fim. Ao final, perguntamos primeiro o que elas acharam do conto e como elas se sentiram durante a leitura. As quatro disseram que gostaram. Elaine falou em seguida que *achou Raquel interesseira e arrogante com Ricardo*[49] (personagens do conto). Luciana e Maria disseram que *ficaram se imaginando na história.*

Esse relato feito acima é um trecho do meu registro de campo feito após um dia de atividade na UIF. No primeiro semestre de 2019, mês de maio, quando decidimos experimentar as rodas de conversa como instrumento metodológico para dar início às nossas pesquisas. As observações nas unidades femininas me trouxeram o conhecimento de que havia uma dinâmica semelhante às unidades masculinas, a vinculação da maioria das adolescentes a grupos faccionais, mais especificamente o PCC (Primeiro Comando da Capital) e o CV (Comando Vermelho), as duas facções que atuam no Estado de Alagoas. Essa dinâmica de rivalidades entre os adolescentes internos por conta de suas vinculações faccionais foi possível de ser notada não só através das observações, mas também na escuta das narrativas das adolescentes sobre os seus envolvimentos com grupos criminais e faccionais. Considero que este fenômeno de envolvimento, presença e participação de adolescentes mulheres nessas redes faz parte de um fenômeno maior que tem relação com a expansão das facções no Norte e Nordeste, assim como destaca Rodrigues (2020):

> Atualmente, está em curso um aumento das invocações de "regras de facção" tanto por jovens que controlam pontos de venda de drogas em bairros de "periferia" quanto por aqueles que ganham poder e respeito como "representantes" de adolescentes encarcerados em unidades de internação, mas não se mostram referências estáveis e consolidadas. Tais regras são enunciadas por muitos deles como normas gerais que devem valer para as pessoas do lugar, mas que efetivamente mantêm relação com a maneira de as pessoas potencialmente se portarem em relação ao mundo do crime (...) A partir de 2016, Maceió passaria a ser vista pelos funcionários do sistema de internação também por um critério de divisão de poderes territoriais entre PCC e CV. Tais símbolos se misturam a linguagens anteriores de disputa territorial em bairros populares de Maceió e cidades de Alagoas, reconfigurando suas funções, ao mesmo tempo políticas, representativas e normativas. (RODRIGUES, p. 4 e 5, 2020).

Apesar disto, na UIF, as adolescentes são proibidas pela coordenação de falarem sobre facção, de usarem gírias ou fazer gestos e símbolos que remetam a qualquer um desses grupos. Segue a fala de uma das minhas interlocutoras:

[49] Os termos em itálico que aparecem no decorrer texto correspondem a categorias e falas utilizadas por meus interlocutores.

> Luciana - A gente não tem isso aqui na unidade, porque a gente funciona no respeito e na independência. Se você quer ser alguma coisa, é do portão pra lá, mas aqui tem que respeitar todo mundo. Tá todo mundo no mesmo barco, independente de qualquer situação uma precisa da outra, sempre vai precisar. Aqui dentro é assim, uma precisando da outra.

As adolescentes são constrangidas pelas funcionárias (quase todas mulheres) a praticar esse comportamento que tenciona a vinculação a grupos faccionais que elas possuíam antes do período de internação. A divisão que elas têm dentro da unidade são as dos alojamentos, que ainda não desvendei como é feita pela coordenação. Mas já pude ouvir das jovens que a relação com as meninas que dividem alojamento, geralmente, são mais fortalecidas. Quem divide o alojamento consequentemente passa a maior parte do tempo juntas compartilhando beliches, banheiro e momentos de intimidade. O fato é que não há uma divisão dos espaços de convívio comum entre as meninas, mesmo entre aquelas que possuíam vinculações ao PCC, CV ou o crime, mais um aspecto que difere das unidades masculinas. Apesar disso, as narrativas sobre as vinculações faccionais e suas similares ou diferentes *disciplinas* acabaram vindo à tona em alguns diálogos. Nas Rodas de Conversa, os diálogos comparativos sobre as práticas ligadas a facções rivais foram possíveis entre as adolescentes (SANTOS; SILVA, 2020). Segue um trecho transcrito:

> Ada- Vocês percebem que existe alguma diferença entre o PCC e o CV na forma de tratar as mulheres, ou é a mesma coisa?
> Karla- Eu acho que é a mesma coisa, porque os dois só foi diferenciado depois que o CV e o PCC teve a separação, porque até antes era aliado. Inclusive, tem até documentários que fala quando existia a ligação dos dois. E a única coisa que só muda é... Não, por um exemplo, de um mandamento, que o cara não pode cobiçar a mulé do próximo, só muda isso: a mulé num pode cobiçar o marido da próxima.
> Ada- Só muda isso. Entendi.
> Karla- Mas é quase a mesma coisa. Não aceita lomba-errada, num aceita tarado...
> Luana- Até porque antes era um estatuto só. Aí, quando separou foi que...
> Karla- A única coisa que muda é os pilares. Porque num existe... Era doze pilares, agora ficou cinco com o CV e acho que o restante ficou com o PCC.[50]

Rodrigues (2020), a partir de pesquisas de campo em "quebradas" e no Sistema Socioeducativo discute a alteração de códigos de justiça no "mundo do crime" durante os últimos 20 anos em Alagoas:

> Tomo como marcador de anterioridade e posterioridade o período das pressões vindas de lideranças do sistema prisional para que os adolescentes no socioeducativo fossem separados por indicação de simpatia às facções, expressas nas ideias de "correr com o PCC ou com o CV". Isso começou por volta de 2014, mas foi sedimentado como

[50] Transcrição de Roda de Conversa conduzida por Ada Rízia e Alana Barros, fev., 2020.

> referência de governo do sistema socioeducativo em finais de 2016. (RODRIGUES; 2020; p. 1 e 2)

A apresentação, mesmo que inicial, sobre o convívio nas Unidades de Internação e a relação entre jovens vinculados a *facções* tem feito parte das reflexões que atravessam não apenas a minha pesquisa, mas a de outros colegas que têm realizado pesquisas no Sistema Socioeducativo de Alagoas. Várias questões surgiram a partir da convivência que tive dentro das duas Unidades, masculinas e a feminina, que me levaram a pensar novamente sobre as dinâmicas de gênero nas relações dos adolescentes internos.

Por exemplo, a *guerra entre facções* experienciada nas ruas e *quebradas* foi também estabelecida dentro das Unidades Masculinas, gerando a divisão do complexo de Unidades entre Unidades do PCC e Unidades do CV, pela impossibilidade desses dois grupos conviverem no mesmo ambiente. E por isso já ter resultado em conflitos letais dentro dos alojamentos. Enquanto na Feminina as adolescentes internas, frisando que em menor número, possuem também vinculações as facções PCC e CV, mas conseguem conviver em certa harmonia, partilham dos mesmos ambientes e foram estimuladas pela gestão a desenvolverem sensos de fraternidade e igualdade, como a frase de uma das minhas interlocutoras expõe: "*aqui dentro é assim, uma precisando da outra*".

Ainda não encontrei todas as respostas para as minhas questões, mas arrisco em dizer que as tradições de gênero contidas nas relações e na formação dos repertórios de masculinidades e feminilidades atravessam a complexidade dessas respostas. Considero que isso se interrelaciona com as formas com que homens e mulheres são estimulados a desenvolver seus repertórios afetivos, de expressão de seus sentimentos e de relação com o Outro. O que me intriga a compreender não a ausência de conflitos, porque isso também está presente nas relações dentro da UIF, mas como entre as adolescentes mulheres se conformam maneiras de resolução das diferenças ou de conflitos a partir de acordos não letais ou com menores graus de agressividades, por exemplo, através de diálogos ou adesão as regras institucionais.

3.2 CORPOS TUTELADOS VS. CORPOS MATÁVEIS: RELATOS DE VIOLÊNCIA E IMPUNIDADE

No decorrer da roda de conversa realizada no dia 03 de março de 2020, indagamos as adolescentes sobre como elas se sentiam e reagiam a várias emoções, como a indignação e a raiva. A provocação desse diálogo nos levou a perguntá-las se em algum momento elas já haviam presenciado situações de discriminação e injustiça. Essa questão desencadeou vários

relatos das jovens em relação a atuação da polícia e a violência, por vezes, cometida por agentes da corporação. As narrativas carregavam as marcas de quem já sentiu em seus corpos as marcas dessas violências.

> Karla - É, da polícia, né... Porque eu acredito que o papel deles é prender, né, somente deter e conduzir à delegacia, e tem muitos deles que espanca, que tem vez que a pessoa chega até a ter que ir pro hospital, fazer alguns procedimento, tem uns até que mata e diz que reagiu... Eu acho isso uma injustiça.

As adolescentes internas fazem parte de uma juventude que vive nas trincheiras de uma verdadeira *guerra* que se estabelece tanto entre grupos faccionais rivais como em confronto com a polícia. "Não são todos os alagoanos que a vivenciam de perto, sentindo-a em seus corpos, vendo, ouvindo, conhecendo seus mortos. As trincheiras estão nas quebradas, nas periferias urbanas, nas cadeias e unidades de internação" (SANTOS; SILVA, 2020, p. 1). O estado de Alagoas lidera os índices nacionais de vulnerabilidade e letalidade da juventude negra e periférica[51]. Pesquisas recentes têm demonstrado como a desigualdade racial, sobretudo entre os jovens, tem um alto impacto nos índices de homicídios do país, de modo que o fenômeno da violência se embrinca a uma crescente vitimização de jovens negros, como impacto do desigual acesso aos direitos fundamenteis, tais como a vida e a segurança (SINHORETTO; MORAIS, 2018).

> Conforme demonstra o Atlas da Violência do ano de 2019 (IPEA; FBSP, 2019), não é incomum esses jovens se tornarem alvo da violência letal, que, no caso alagoano, atinge significativamente a população negra. Veio-se a reconhecer que a taxa de homicídios reportados mais recentemente no estado deve estar relacionada, entre outras coisas, à *guerra entre facções*. Argumentamos que há um perfil específico de jovens, identificados numa combinação de marcadores sociais, que está mais exposto à espiral de conflitos violentos e à precoce letalidade observadas no estado de Alagoas (SILVA; SANTOS, 2020, p.4).

Fabiana, uma das adolescentes, ponderou:

> Fabiana - Às vezes até quem num é envolvido, né, acontece isso. Pessoas que tão trabalhando e de repente é abordado, por causo de uma pequena coisinha, chega a ser agredido.
> Karla - Ou até pessoas que tá recomeçando a vida novamente, pessoas que já errou, pessoas que já errou e que cometeu, e pagou, e aprendeu que tem que começar novamente, e tentou começar, e chegou uma certa pessoa e matou.
> Manu - E também o sistema, né, que oprime muito, e também tem nosso direito, e nossos direitos parece que num tem serve de nada. Tem no artigo, o Estatuto da Criança e dos Adolescente, mas quando chega aqui num vale de nada. As lei num são

[51] Atlas de violência 2019. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019.

> cumprida do jeito que era pra ser cumprida, porque tem gente que para pra pensar, a gente tem muitas leis que era pra proteger, que era pra gente, mas se você para pra ver, acho que nem a metade é aplicada.
> Karla - Porque os homens que são mais competentes, eles mesmos faz a lei deles. Os artigos nem sempre é usado no mundo, num é muito usado.

Nas narrativas transcritas acima, me chamou a atenção a forma como as adolescentes caracterizaram as suas relações com o Estado, com a polícia e a lei. Frases como: "*o sistema, né, que oprime muito*", "*o Estatuto da Criança e dos Adolescente, mas quando chega aqui num vale de nada*", são expressões que qualificam ideias-conceitos que elas conhecem através de suas experiencias dentro do Sistema de Internação, no acompanhamento dos seus processos perante o judiciário, na relação com a polícia. Dimensão que nos leva a refletir sobre as "carnaturas e tessituras do Estado" (Vianna; Lowenkron, 2017).

Vianna e Lowenkron (2017) discutem sobre a capacidade produtiva presente nas formas de evocar o Estado e seus correlatos. Através dessa perspectiva as autoras tomam o Estado não apenas como arena e campo de disputas de distintas ordens, tentando manter sua natureza processual e heterogênea, mas colocam em evidência expressões como: o "Estado que deve fazer"; o "governante que não fez"; o "sistema que mata"; o "problema que não é da polícia, mas do Estado" (Ferreira, 2015); o "país que não vai pra frente", ou seja, "atos de fala que se inscrevem em malhas de contínua produção de sujeitos, projetos políticos, horizontes morais e elaboração de experiências" (VIANNA; LOWEKRON, 2017, p.23).

As jovens continuaram apresentando suas reflexões sobre a relação entre a polícia, as (in)justiças e a repressão:

> Fabiana - Não, só comentando o que ela tinha falado da primeira vez, que eles matam e diz que reagiu, e num dá em nada, porque a justiça sempre vai por eles, eles têm mais voz, eles diz que são as autoridades, e a família, né, a família que sofre, tem família que vai atrás, e tal, e sabe que num foi a filha, mas quando vai num dá em nada, porque parece que eles tapam os olhos e fecham a boca, que eles fizeram, que eles...
> Karla - E na maioria das vezes também a família num quer ir atrás, porque sofre ameaça diz que se for procurar o direito eles vai matar, vai acabar com a família toda. E tem família que prefere sofrer com a dor sozinha, mas que num tenha que buscar, porque os artigo, direitos humanos, ele num é competente pra suprir aquela ajuda ali que aquela família tá precisando. Então, a família só tem mesmo a força divina, que é de Deus, porque eu passei por uma situação dessa recente, em dezembro, e o que dá raiva mais ainda é porque a pessoa num fez o que eles ali tá dizendo e quando eles mata ainda arrasta que nem um animal, que nem alguma coisa que num presta, come na casa da pessoa, entra aí, faz o que quiser, isso era uma alma sebosa. E, assim, né, além de matar, ainda judeia, bate, e num dá em nada, agora se fosse um bandido que matasse um polícia! Ave Maria, meu Deus! Caia o um teto na cabeça dele!

O espaço que construímos coletivamente parecia ser um lugar seguro e aberto para a escuta das concepções que as adolescentes possuem sobre a relação entre Estado, justiça e

polícia. Suas compreensões são carregadas de experiencias corporificadas, daquilo que já viveram ou que viram acontecer com os seus pares. As vozes dessas jovens mulheres raras vezes são escutadas, seus atos delituosos parecem silenciar a potência de suas narrativas que denunciam injustiças e sofrimentos. Narrativas que são constituídas de "palavras-ato que operam distinções estratégicas entre vítimas de diferentes violências, (...) as palavras-ato proferidas e circuladas pelos "familiares de vítima" performam e reconfiguram sujeitos, cenas, moralidades, relações e horizontes políticos de ação". (Vianna; Lowenkron, 2017, p.25) é a "*família que sofre a ameaça*", "*eles têm mais voz*", "*além de matar, ainda judeia, bate, e num dá em nada*", casos que ficam impunes, marcam e repercutem as suas trajetórias de vida. Segundo as autoras:

> Tais zonas, formadas em torno dos campos semânticos "violência", "Estado" e "gênero/parentesco", compõem-se não apenas de diferentes termos, como matar/mataram, governo, polícia, mãe, filho, útero, entre muitos outros, mas têm por característica primordial estarem sempre em movimento e relação. (VIANNA; LOWENKRON, 2017, p. 24, 25)

As experiências dessas jovens com a violência policial, com casos de injustiça e impunidade foram traduzias por algumas delas como motores de *revoltas.* Para Karla há dois tipos de revolta:

> Karla - a revolta que você escolhe fazer o que num deve e a revolta que você tem que querer mudar o quadro de vida, né, dizer: "não, eu vim da favela, mas eu posso ser uma juíza, posso mudar o quadro daquelas criança que vive ali com os pés na lama", ou também eu posso me revoltar e entrar dentro do crime pra querer acabar com as pessoas, que faz aquelas criança viver naquele quadro ali, né, existe dois tipo de revolta, no meu ponto de vista.

Ao abrirmos a fala para que as adolescentes expressassem suas formas de lidar com os sentimentos de indignação e raiva, as narrativas foram imediatamente remetidas às violências sofridas por quem ocupa as margens sociais e territoriais das cidades. Como a lei, o Estatuto da Criança e do adolescente, a polícia, se apresenta na trajetória de vida dessas jovens? Em que momento suas atuações são expressivas? O Estado se manifesta no lugar de proteção ou de repressão? Seriam essas *revoltas* potenciais motivadores para a aproximação com o crime? Karla e Manu ponderaram:

> Karol - Muitas vez as criança se revolta, né, quando vê isso, porque muitas vez a polícia chega, mete o pé na porta, e vê o pai ser agredido, a mãe, e quando a criança vai crescendo vendo aquilo ali, aí, vai batendo uma revolta, até nas criança mermo, porque quantas criança já num viu cenas assim, quando tá com seis, sete anos, já diz que num gosta de polícia, que polícia num presta, até porque já viu a agressão, aí,

> quando cresce, só Deus mermo na causa, se for de ter um futuro melhor, vai ter, mas se crescer naquela revolta, vai partir pra o tráfico. (...)

Os relatos de Karol me levaram a refletir como os eventos vivenciados pelas adolescentes durante suas trajetórias de vida moldam a maneira que elas constroem as interpretações sobre os seus envolvimentos e motivações para a aproximação com o crime. Torna-se importante destacar que essas narrativas foram proferidas a partir de uma roda de conversa, quando pesquisadoras (eu e Ada) fizemos uma série de interpelações sobre suas vivências. Ou seja, esses questionamentos também constituem as subjetivações das adolescentes no ato de procurarem justificar as suas trajetórias.

A narrativa das adolescentes evidenciou a realidade que vários jovens homens e mulheres residentes de bairros de periferia, oriundos das classes mais populares do Brasil vivenciam em seus cotidianos. Muito já foi produzido sobre essa temática, que qualifica como o Estado corporificado na polícia, por exemplo, compreende quais são os corpos matáveis, vulneráveis e passiveis a violência.

Manu, deu mais fôlego ao nosso debate dando suas contribuições e pontos de vista:

> Manu - Independente também do que aconteceu, porque a pessoa pode ter errado no passado, mas se tivesse ali reconstruindo, fazendo tudo certinho, por mais que tivesse errado, o passado num pertence, ele ficou pra trás, né, por mais que as pessoas apontem seu erro, mas se você vai fazer o certo, se você tá ali, trabalhando, cuidando da sua vida, e chega uma pessoa pra tirar sua vida só porque você errou no passado, isso num é cobrado, porque muitas de nóis tá aqui porque viu o errado, a gente quis fazer o certo mas num conseguiu fazer o certo, fez o errado. Aí, chega uma pessoa, aponta o dedo, só porque nóis foi, mas quantos policiais aí já num matou pessoas inocentes e ficou por isso mesmo? Tá aí, a gente vê direto, as pessoas sendo torturadas, corpos sendo achados, e muitas vezes é um policial que faz isso, mas num cai nada pra eles, isso causa uma revolta tanto pra uma pessoa que só assiste, vê na televisão e tem gente que fica revoltado, e pr'aquelas pessoas que vivem ali naquele meio, que ali conviveu com aquela pessoa que viveu isso? Porque revolta que a justiça num tá, eles num tão ali pra proteger? Dizem que nos protegem, mas muitas vezes eles num fazem, só sabe dizer que é bandido, que apronta isso... Mas num sabe, tem gente que se envolve porque passa por dificuldade, porque nosso país é rico em cultura, mas pobre em desenvolvimento, e a gente não tem aquela certa, aquela certa assistência, aí, muitos se envolve pra ter alguma coisa, pra botar dentro de casa, aí, chama de bandido, mas já parou pra ver aquela pessoa, aquela história dela? Num parou.

Os relatos das adolescentes nos colocam vários questionamentos: Quando elas são escutadas sobre suas vivências, opiniões e visões de mundo? O crime tem se apresentado como possibilidade de transformação das *revoltas* produzidas nos cenários de injustiça e discriminação que esses jovens convivem? Certamente, não pretendo tomar as experiencias no crime com uma visão romantizada, os riscos e desafios vivenciados por quem está imerso nas dinâmicas criminais e ilegais são tão letais quanto as violências que elas sofrem da polícia, por

exemplo. Porém, em meio a esses quadros de insegurança e desamparo, o que ou quem ocupa o lugar de proteção e cuidado na vida dessas jovens mulheres?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, me dediquei a refletir como os afetos expressos em relações familiares, relações de vizinhança e relacionamentos amorosos-sexuais se enredam à atuação no crime de adolescentes internas no Sistema Socioeducativo de Alagoas. Com o objetivo de compreender as suas trajetórias sentimentais e as motivações relacionadas aos seus envolvimentos em redes criminais e faccionais. E de evidenciar as experiências e afetividades construídas a partir do encarceramento na Unidade de Internação feminina, espaço onde meu campo de pesquisa foi tecido.

Foi necessário redirecionar os caminhos da pesquisa em vários momentos. Por motivações e provocações geradas pela aproximação, escuta e estreitamento de relação com as minhas interlocutoras. E por mudanças impostas pela pandemia do covid-19, que gerou a interrupção inesperada da agenda de atividades dentro da Unidade de Internação Feminina.

A caminhada inicial na UIF, apresentada no decorrer deste trabalho, tem me apontado algumas reflexões acerca das trajetórias afetivas das jovens mulheres em cumprimento de medida socioeducativa e sobre as suas atuações, vinculações e agências em redes criminais e faccionais. Através das trajetórias reconstruídas e analisadas pretendia discutir como as modelagens das agressividades e impulsos de violência são transformadas a partir da vinculação das adolescentes com o crime e as facções. E como essas trajetórias de vida são perpassadas por posições fronteiriças em torno dos perigos sofridos e perpetrados. Ser mulher e ser do crime implica em dualidades dessas representações.

Além disso, busquei argumentar como a vinculação a redes criminais podem representar a conformação de redes de proteção e cuidado ou relações de vulnerabilidade e riscos. Compreendi que as adolescentes que estão enoveladas nas tramas criminais e faccionais vivenciam a fluidez, instabilidade e desafios que a trajetória de jovens que se vinculam a redes criminais é constantemente exposta.

Outro objetivo deste trabalho era apresentar as vivências e narrativas possibilitadas pela experiência de internação compartilhada no Sistema Socioeducativo, a figuração específica do contexto de confinamento, e como as adolescentes se posicionam entre elas. Tensionando as interdependências entre as relações das adolescentes fora do Sistema, quando estavam no *mundão* e as relações construídas dentro da Unidade de internação. As redes de afeto que são construídas entre as jovens fazem parte das práticas de cuidado mútuo que as auxilia no

enfrentamento do período de faltas e privações proporcionados pela experiência do aprisionamento.

Busquei evidenciar também como as rodas de conversa foram espaços que possibilitaram a externalização de suas subjetividades. Na intenção de dar luz as narrativas das adolescentes e a maneira como elas compreendem as privações, sofrimentos e emoções que atravessam seus corpos e trajetórias de vida.

A produção desta pesquisa me possibilitou abrir novos horizontes de questionamentos sobre o papel das mulheres nas teias criminais em Alagoas. Essas problematizações que foram levantadas estarão presentes nos próximos passos da minha pesquisa no doutorado. Pretendo continuar trilhando esse caminho em busca de compreender como as mulheres, em Alagoas, que gravitam em torno de redes faccionais expressam suas agências no crime. Foco o interesse na caracterização dos papeis que elas exercem dentro das facções e quais formas de subjetivação advém dessas atuações na interseção com relações conjugais e familiares.

A participação das mulheres nos grupos faccionais, como uma nova figuração no contexto do crime em Alagoas, tem feito parte de um debate público no atual cenário nacional e local. Em uma coletiva de impressa gravada em julho de 2020 com a presença de agentes da polícia e do judiciário, para evidenciar os desdobramentos da Operação Flashback II, a discussão central foi em torno da atuação expressiva das mulheres no PCC em Alagoas.

Na descrição dos slides, o objetivo da operação Damas do Crime, coordenada pelo DEIC, era apreender *mulheres componentes das organizações criminosas à frente das estruturas administrativas; mulheres com perfis violentos, quando comparados aos homens*. Em determinado momento da coletiva o delegado da DEIC que coordenava a operação Damas do Crime cita o seguinte: *atualmente o núcleo feminino da facção é igual ao masculino, todas as funções que existe no masculino, toda a hierarquia que existe no masculino, existe também no feminino. Inclusive o mesmo poder de decisão, de dar ordens ao crime, de determinar execuções.* Por último a fala retornou para o procurador geral, que usou seu espaço para reforçar que:

> Alagoas está no caminho certo no combate ao crime organizado. [...] que Deus permita que essa integração, essa coesão de forças, ela permaneça. Porque a criminalidade não pode jamais ser suplementar ao poder do estado. Esteja onde estiver, nós iremos combater com afinco e com toda força homens ou mulheres. E o tratamento será igual, não é porque é mulher, é mulher mas é bandida. E bandido o tratamento nós sabemos o que é que tem que ser feito.

O vídeo dessa coletiva de impressa me possibilitou ouvir das vozes institucionais, das forças policiais e judiciárias, em sua maioria masculinas, as narrativas construídas sobre a participação e liderança das mulheres no PCC ou do que eles nomeiam como *núcleo feminino do PCC* em Alagoas. A escuta dessas vozes tem me ajudado a enxergar a incidência das mulheres no crime como debate público que está pululando, principalmente no contexto que acompanho, em Alagoas.

Os envolvimentos das jovens com os mercados ilícitos, grupos faccionais, as relações amorosas-sexuais e familiares, são partes interligadas das dinâmicas da vida afetiva dessas mulheres. Os repertórios de significados associados por elas ao envolvimento com o *corre*, com *facção*, com o tráfico de drogas, são enovelados pelos repertórios dos seus envolvimentos amorosos-sexuais, das suas relações vizinhança, das relações familiares etc.

Estou partindo das pistas deixadas por Padovani (2010; 2015) para sedimentar a discussão que já tem sido construída sobre mulheres no cárcere, afetividades e seus envolvimentos com o crime. A antropóloga, defende a prisão como "espaço produtivo de relações ponderando, ainda, sobre como os vínculos tecidos a partir da experiência prisional modificam as trajetórias das vidas dos sujeitos que tramam redes familiares" (Padovani, 2015, p.7) A partir da realidade tecida nas regiões periféricas da capital alagoana, Estado situado no Nordeste brasileiro, mais especificamente nos espaços de encarceramento, do Sistema Socioeducativo e Prisional femininos, que almejo produzir as próximas reflexões da pesquisa para aprofundar as compreensões em torno das trajetórias e afetividades de mulheres que atuam em grupos faccionais.

A narrativa das adolescentes internas, minhas interlocutoras durante o mestrado, sobre suas trajetórias no crime me levou a observar o fenômeno de expansão das facções no Norte e Nordeste (RODRIGUES, 2020) também abarcava de maneira expressiva a presença feminina. As tramas familiares também têm feito parte das preocupações em torno das vinculações faccionais em Alagoas. Identificamos na fala de nossos interlocutores "referências que indicavam *família* e *facção* tanto como rede de proteção quanto de punição, reproduzindo equilíbrios instáveis entre polos de poder e regulação de dinâmicas afetivas em bairros populares e periféricos" (RODRIGUES; SANTOS; SILVA, 2020, p.2298).

Enfatizo que, por muito que já se tenha dito a respeito desse tema (MARQUES, 2009; MALLART, 2011; FELTRAN, 2008; BIONDI, 2009) consideramos que ainda é necessária atenção para as múltiplos desdobramentos que a expansão das alianças faccionais (MANSO; NUNES DIAS, 2017) têm em diferentes contextos. No caso alagoano, embora existam pressões padronizadoras em relação às organizações do Centro-Sul do país, existem singularidades ainda

mais chamativas nos processos que se desenrolaram no Norte e Nordeste (RODRIGUES, 2020; LOURENÇO; ALMEIDA, 2013; SIQUEIRA; PAIVA, 2019; MELO; RODRIGUES, 2017).

Ademais, argumento que o interesse por compreender como as mulheres têm produzido e agenciado as relações de poder criminais e as tramas afetivas, como as relações criminais agenciam relações afetivas e relações afetivas agenciam relações criminais em Alagoas, tem sido construído a partir da minha trajetória de pesquisa dentro do Sistema Socioeducativo. Ao ampliar meu campo de interlocução com essas mulheres para o Sistema Prisional busco apreender os diversos posicionamentos, relações e sentidos que envolvem a gravitação delas pelos mercados criminais e as facções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Gangues, Gênero e Juventudes: Donas de Rocha e Sujeitos Cabulosos**. Brasília, DF, 2010.

ALLEYNE, B. **Narrative Networks: Storied Approaches in a Digital Age**. London: Sage, 2015.

BIONDI, K. **Junto e misturado: imanência e transcendência no PCC**. 2009, 196 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Por uma ciência das obras. In: Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papirus, 1996.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. **Anthropology in the margins of the state**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. **Introdução a sociologia**. 4º ed. Lisboa: Edições 70. 2008.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FACHINETTO, Rochelle Fellini. **A "casa das bonecas": um estudo de caso sobre a unidade de atendimento sócio-educativo feminino do RS**. 2008. 242 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

FONSECA, Alessandra do Carmo. **A medida socioeducativa de semiliberdade e seu potencial transformador: estudo de caso realizado em uma unidade feminina do Distrito Federal.** Revista da UIIPS – Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém. Santarém, Vol. 5, N. º 3, pp. 179-196, 2017.

FELTRAN, G. S. **Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo.** 2008, 336 f. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

GIANE, Silvestre. **Dias de visita: uma sociologia da punição e das prisões em Itirapina.** Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de São Carlos, 2011.

GODOI, Rafael. **Vasos comunicantes, fluxos penitenciários: entre o dentro e o fora das prisões de São Paulo.** Revista de Antropologia Vivências, n. 46, p. 131-142, 2015.
HEUSER, Christoph. **The Effect of Illicit Economies in the Margins of the State.** The VRAEM. Journal of Illicit Markets and Development, London, v. 1, n. 1, p. 23–36, 2018.

LIMA, Carla Patricia S. **As mulheres nas redes de tráfico de drogas em Alagoas.** 2016, 144 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

MALLART, Fábio. **Cadeias dominadas: Dinâmicas de uma instituição em trajetórias de**

jovens internos. 2011, 187 f. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
MARQUES, Adalton. **Crime, proceder e convívio seguro: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões.** 2009, 120 f. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

MAGNANI, J. G. **Etnográfica como prática e experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul/dez. 2009.

MACHADO, Lia Zanotta. **MATAR E MORRER NO FEMININO E NO MASCULINO**. Série Antropologia, Brasília, 1998.

MELO, Juliana; ALVES, Leonardo; CAVALCANTI, José. **DO LADO DE DENTRO E DO LADO DE FORA: JUSTIÇA E CRIMINALIDADE A PARTIR DE PERSPECTIVAS DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE PRISÃO E NA CONDIÇÃO DE VISITANTES**. Revista de antropologia Vivência n. 46, p. 113-130, 2015.

OTTO, N. B. **Profissionais, Rivais e Sobreviventes: intersecções entre gênero e violência nas narrativas de meninas autoras de atos infracionais violentos**. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

PIMENTEL, Elaine. **Amor bandido: as teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas**. In: Congresso Portugues de Sociologia, VI, 2008, Lisboa. Anais, Lisboa. 2008.

PADOVANI, Natália Corazza. **Sobre casos e casamentos: Afetos e "amores" através de penitenciárias femininas em São Paulo e Barcelona**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2015.

_____. **"Perpétuas espirais": falas do poder e do prazer sexual em trinta anos (1977-2009) na história da Penitenciária Feminina da Capital.** Dissertação de Mestrado – Universdiade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

_____. **Na caminhada: "localizações sociais" e o campo das prisões**. Cadernos Pagu, (55), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2019.
PEREIRA, Regina C. M. **Narrativas do Saber, Práticas de Poder: uma análise antropológica dos discursos e práticas de internação de jovens mulheres em Alagoas**. 2018, 107 f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

PEREIRA, Ingrydy P. S. **Por trá das grades: um estudo antropológico sobre adolescentes, privação de libersade e sexualidade em um centro socioeducativo de João Pessoa- PB**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraiba, João Pessoa, 2015.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, L. M. **Crime é coisa de mulher: identidades de gênero e identificações com a prática de crimes em posição de liderança entre mulheres jovens.** Recife: Novas edições Acadêmicas, 2014.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. **Tradições de agressividade, disciplina e sistema de internação de jovens em Alagoas (1980-2015).** Revista Intersecções. Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 483-513, dez. 2017.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. **“Corro com o PCC”, “corro com o CV”, “Sou do crime”: Facções, sistema socioeducativo e os governos do ilícito em Alagoas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 35, n. 102, 2020.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. **Mercados ilícitos, ambivalências e agressividade: condições estatais e mercantis de um circuito de bailes de reggae em “periferias” de Maceió, *AL***. Revista Contemporânea, v. 9, n. 1 p. 199-227, 2019.

RODRIGUES, Fernando de Jesus. **Mercados musicais-dançantes e periferias: trajetórias individuais e de circuitos de diversão em Salvador e Maceió.** Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 53, N. 1, p. 86-99, jan/abr 2017.

RODRIGUES, Fernando de Jesus.; BARBOSA, Ada Rízia; SANTOS, Alana Barros. **Notas sobre redes de proteção: facção, família e crime em periferias urbanas de Alagoas.** Revista Diversitas Journal, Santana do Ipanema/AL. vol.5, n. 3, p.2297-2316, jul/set.2020.

RECHENBERG, Fernanda. **Imagens e trajetos revelados: estudo antropológico sobre fotografia, memória e a circulação das imagens junto a famílias negras em Porto Alegre.** Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2012.

SENA, Lúcia Lamounier. **Funcionalidade Moral: gênero e diferença no tráfico ilegal de drogas.** Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 7, n. 2, jul., pp. 393-416, dez. 2017.

SANTOS, Alana Barros. **As experiências de rupturas afetivas na família favorecem a aproximação dos adolescentes com práticas ilícitas e criminais?** 2018. 48 f. Universidade Federal de Alagoas, 2018.

SILVA, Ada Rízia B. DA. A. **“máquina opressora”: a gestão da vida de adolescentes sentenciados a cumprir medida socioeducativa em unidades de internação de Alagoas.** 2018. 87 f. Universidade Federal de Alagoas, 2018.

SILVA, Ada Rízia; SANTOS, Alana Barros. **Algumas expressões da guerra entre facções em unidades de internação do Sistema Socioeducativo no estado de Alagoas.** Revista ÀSKESIS, V.9. n.1, p. 19-35, 2020.

SINHORETTO, J.; MORAIS, D. DE S. **Violência e racismo: Novas faces de uma afinidade reiterada**. Revista de Estudios Sociales, v. 64, n. 2, p. 15–26, 2018.

SILVA, Helio e MILITO, Claudia. 1995. **Vozes do Meio-Fio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

TELLES, V. DA S. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Fino traço, 2010.

TELLES, Vera da Silva. 2011. **“Ilegalismos populares e relações de poder nas tramas da cidade”**. CABANES, Robert; GEOERGES, Isabel; RIZEK, Cibele e TELLES, Vera da Silva (Orgs.). Saídas de Emergência: Ganhar/Perder a vida na periferia de São

Paulo. São Paulo: Boitempo, pp. 155-167.

TELLES, Lygia F. **Venha ver o pôr do sol**. In: Antes do Baile Verde. 1970.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. **Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia.** História Oral, n. 2, p. 125-139, 2012.

VIANNA, Adriana; FARIAS, Juliana. **A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional**. Cadernos Pagu, n. 37, p. 79–116, dez. 2011.

WEBER, Florence. **A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar o seu diário de campo?.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2016/10/primeira-unidade-de-internacao-feminina-e-inaugurada-em-alagoas.html

http://www.seprev.al.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/2016/outubro/seprev-inaugura-nova-unidade-de-internacao-feminina-em-maceio

Atlas de violência 2019. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019. Acesso em: 31 out. 2020.

https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/damas-do-crime-18-mulheres-estao-entre-os-alvos-de-operacao-contra-o-pcc-em-alagoas/

https://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2020/07/_111378.php